
um conto breve
Aquele Entre Todos
Uma história tão espinhosa como uma roseira.
Sarah Lima

AQUELE ENTRE TODOS

copyright © 2022 Sarah Lima

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

Índice

Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo Final
Agradecimentos

Para você.

"Tudo o que é seguro para você, é como combustível para o fogo." Agnes Obel.

CAPITULO I

Eu nasci em Geórgia, no estado de Atlanta em Vine City no ano de 1925. Meu pai era professor e minha mãe era uma simples dona de casa e proprietária de uma pequena floricultura localizada na avenida Marietta 40, onde eu eventualmente iria conhecer Carmelita, o amor da minha vida. Mas antes de contar sobre ela, deixe-me contar sobre um pouco da minha vida.

Morávamos na rua Walnut St NW, na casa 149, não muito afastada de downtown Atlanta, mas escondida, a rua teria apenas a nossa casa e mais para frente teria uma simples e pequena igreja batista. A casa era herança de minha mãe Jeny. Meu pai, Robert, a conheceu na universidade, onde Jeny estava cursando medicina e Robert doutorado. Foi amor à primeira vista, dizem eles, o que a meu ver pela relação deles é uma mentira.

Em relação ao casamento, ambos começaram a namorar cedo e antes de se apresentarem aos pais, já haviam me consentido. Na época para não surgir alvoroço, eles tiveram que casar assim que souberam da minha presença, pois, meus avós por parte de mãe eram religiosos, por isso ambos com seus vinte anos não tiveram opção de contra dizer.

Meus pais foram morar na casa de meus avôs, segundo eles a casa era enorme demais para dois idosos que morreriam em breve. Robert ainda não tinha uma terra ou propriedade em seu nome em Geórgia, segundo ele, deixou sua moradia em Carolina do Norte para ir para a tão destemida universidade de Atlanta.

Minha mãe desistiu de ser médica na décima terceira semana de gestão, o estresse da faculdade estava esgotando a sua pessoa e naquela mesma semana quando tudo estava dando errado, eu já estava reclamando por estar crescendo dentro da sua barriga. Houve sangue manchando a roupa de Jeny, Robert perdendo seus papeis na hora do caos e uma declaração que sua gravidez seria de alto risco devido ao descolamento da placenta.

Estava acontecendo tudo para minha mãe entrar numa profunda depressão, ela queria ser médica, era o seu sonho e com tudo virando de cabeça para baixo como uma gravidez da paquera da faculdade, um casamento fora dos planos e agora seu diploma rasgado na frente de seus olhos.

Eu não tinha nada a ver com isso, não tinha nem um dedo da minha mão formada, foi isso que minha avó, Anna, colocou na cabeça de Jeny e a fez impedir de desistir de tudo.

Anna era jardineira, profissão passada de geração para geração e para sua filha não querer morrer, Anna dedicou todos os seus ensinamentos para passar a Jeny. Até que funcionou, nas próximas semanas eu comecei a ser acariciado com carinho ainda na barriga pela minha mãe.
Robert conseguiu um emprego de meio período como auxiliar de um professor de artes na universidade, meu pai nunca quis ser artista, mas ele precisava de dinheiro e precisava de experiência, foi uma boa oportunidade.

Estava indo bem, até a vigésima sexta semana de gestação de Jeny, quando Theo, meu avô, sofreu um ataque cardíaco e morreu antes de conseguir chegar ao hospital. Jeny até tentou salva-lo com massagens exigentes, mas tudo em vão. Eu já estava com quase meu pulmão feito, nessa época poderia até sentir a tristeza sem fim de Jeny, as pontadas em seu coração e seus olhos ardidos de tanto chorar. Era excruciante, nem eu que ainda não respirava estava suportando respirar naquela dor. Na semana seguinte Jeny sentiu complicações e seu repouso deveria ser absoluto.

Theo não conseguiu terminar o meu berço, quem terminou foi Robert, demorou quase vinte e três dias para que o móvel estivesse pronto. Jeny apenas o xingara, não podia fazer esforço para bater nele como queria. Anna estava preparando a casa para me receber, comprando brinquedos de madeira e tricotando roupas para meu enxoval.

No dia 28 de agosto de 1925 eu nasci. Careca e chorão, meu rosto era amassado e tinha cinco dedos em cada mão e em cada pé. Nasci de parto normal, de risco, mas ocorreu tudo bem se não fosse pelo o rosto maltratado do meu pai, digamos que Jeny descontou em Robert toda sua fúria de sonhos destruídos, luto e dor de parto, ele estava acabado com todos os socos e pontapés que levou a cada contração e respiração ofegante.

Minha mãe queria meu nome como Alisson, por causa da sua flor favorita, Alisson flor de mel, porém, meu pai se recusou a querer, sua opção fiel e forte no nome Alex, nomes quase iguais, tanto na escrita quanto na fala. E eu fiquei uma semana sem nome, Jeny e Robert em guerra sobre qual colocar, quem decidiu e encerrou a discursão foi Anna, que deu um basta na indecisão infinita e me nomeou como Alexandre. Jane odiou, Robert revirou os olhos para o nome comprido, mas Anna dava a palavra final, que segundo ela, significava defensor ou protetor da humanidade. Sai da maternidade registrado como Alexandre Adolphe Durvell.

Eu cresci em uma casa confortável, tinha uma estrutura larga e antiga, um quintal amplo com gramas verdes, os moveis eram caprichados da década passada e meus brinquedos eram bonitos pintados à mão, o meu berço tinha cor caramelo e Jeny pensava que eu era um boneco, minhas roupas sempre foram feitas a medidas.

Com meus dois anos quase completos eu sabia andar, mas não sabia falar. Anna dizia que era normal e Jeny sempre desejou ter mais do que podia, ela sempre desejou ter a perfeição e esquecia

do mundo imperfeito que fomos colocados. No meu aniversário de 3 anos Robert me deu uma lousa a giz, meus pais pensavam que eu era mudo, por isso, diante das pesquisas de papai um mudo deveria pelo menos saber ler, era assim que faríamos nossas primeiras comunicações, mas aquilo era demais para minha classe, era brega e sem graça, e no dia seguinte eu escolhi a palavra primavera para falar.

Jeny vivia dizendo sobre as estações, eu nasci no verão e Atlanta era quente, minha mãe gostava da primavera por causa das chuvas após o sol quente de Geórgia, e com essa estação chegando que geralmente se iniciava em setembro, minha mãe estava saltitante e eu a surpreendi com a palavra correta saindo de meus pequenos lábios com dentes incompletos.

Não Robert, eu não sou mudo.

Naquele dia meu pai riu me perguntando, ou, fazendo piada se eu também iria ser jardineiro, ou se eu era como uma mocinha que gostasse de flores. Como as donzelas nas décadas seguintes diriam, meu pai era um machista. Eu me lembro do rosto de Robert vermelho de tanto segurar o riso, Jeny ao seu lado beliscando seu braço com raiva de ver ele me caçoando, eu sorri junto com ele inocentemente, eu era um bebê, não ia me preocupar com isso.

Anna dizia que meus cabelos tinham cor de chocolate com nuances de canela, Jeny gostava de aparar ele com a tesoura, por isso meu cabelo acabava no começo da nuca atrás e na frente caia sobre as sobrancelhas, era liso e ficava em frente aos olhos, as mulheres achavam um charme, Robert achava cafona.

Jeny e Anna costumavam conversar sem se preocupar comigo escutando, tinha brinquedos com rodas preferidos, eu estava distraído, para elas. Certa vez escutei minha avó comentando como eu tinha os cabelos supostamente puxados para a família do meu pai e os olhos e nariz afinado dele também, como eu parecia inteligente como minha mãe e quieto como meu avô.

- Ele não é só quieto como Papai, ele parece com ele. - Jeny sempre negou que eu parecesse com Robert, para ela eu era parecido com meu avô. Outra vez escutei que Jeny comprou uma floricultura com ajuda do dinheiro da Anna, Robert não gostou da ideia, mas minha mãe deu a palavra final e se meu pai não arranjasse um emprego integral, ela iria expulsar Robert de casa e me criar sozinha. Em menos de um mês meu pai estava comemorando um emprego de professor no colégio que futuramente eu iria estudar.

Quando comemorei os meus sete anos, Jeny me disse que era hora de eu começar a estudar. Eu estava comendo maça que Anna estava descascando e cortando na mesa da cozinha quando Jeny e Robert começaram a brigar. A discursão dava para ser ouvida no andar de baixo, mas eu estava preocupado demais em comer minha fruta, ao contrário da minha avó estava muito preocupada, ela reclamou dolorosamente de dores na cabeça e antes de se levantar, me disse que já voltava. Eu observei Anna fazer uma corrida curta pelo corredor e parar no primeiro degrau na escada:

- Jeny! Robert! O que está havendo? Alexandre está ouvindo tudo! Anna gritou desesperada, observei minha mãe chegar até ela rapidamente e apontar para meu pai que estava parado no meio da escada.

- Esse maldito que nunca se importou com nosso filho está querendo opinar na educação dele! - Jeny estava nervosa, eu mordi um pedaço da maçã sem tirar os olhos dos meus familiares.

- Jeny, pare com isso. Eu sou professor, qual o problema de eu ensinar nosso filho em casa? - Então o motivo da briga era eu, novamente. Robert estava incrivelmente calmo, ele era assim em todas as brigas com Jeny, talvez ele tivesse medo que em uma briga ela o matasse ou cortasse suas orelhas, minha mãe não gostava dele.

- Você não vai tirar a infância... - O debate parou antes de começar, Anna estava caindo no chão com a mão na cabeça. - Mamãe!

- Anna! - gritou ambos adultos uníssonos.

Minha querida avó sofreu um acidente vascular cerebral, aquele dia, seu corpo ficou paralisado pelos rompimentos de vasos sanguíneos e infelizmente ela não cortava ou descascava pedaços de maça para mim, era eu que fazia isso por ela. Robert começou a me dar aulas em casa e Jeny começou a ir para a floricultura todos os dias da semana, exceto no domingo que íamos para a igreja de manhã.

Aos meus dez anos de idade, meu pai havia colocado na mente que deveria me subestimar por toda nota média que eu tirava. Estava na cara que eu fazia aquilo porque queria, minha vontade de irritar Robert era demais, eu apreciava na pele e fazia errado porque achava incrível a forma como seu rosto seu contraia a cada letra ou resposta incerta, seus olhos castanhos me encaravam e se franziam à medida que eu o enfrentava pelo o olhar.

- Fez de propósito. - Foi o que ele disse depois de quinze segundos contados me analisando, eu não respondi para confirmar o que ele insinuou. - Fez de proposito seu menino levado e burro, pelo visto vai acabar sendo um jardineirozinho como sua mãe. - Não respondi a isso também. Odiava a maneira como ele se referia a minha querida mãe, a qual me deu à luz e quase morreu de depressão por minha causa.

- Esse é o seu pensamento sobre o futuro, não é? - Robert se aproximou da minha mesa, seus cabelos estavam começando a ficar branco, mesmo ainda sendo novo.

- Senhor Robert...- Era assim que ele me ordenou para o chamar desde a primeira aula que tivemos. - Quanto eu tirei na prova de hoje?

Três, eu pensei.

- Três. - Na certa, cogitei, e ao olhar de reprovação do meu pai, eu escondi o meu sorriso de satisfação, Robert bocó.

Quando completei meus quinze anos de idade, eu decidi, junto de Jeny, que queria trabalhar na floricultura, Robert surtou e mais uma

vez ele e Jeny discutiram até um mandar o outro embora de casa. Eu escutei a cena sentando no sofá de frente a janela com vista do jardim enquanto lia um romance de Sidney Sheldon, Anna estava ao meu lado, olhando para a vista verde das suas plantas que suas mãos plantaram e cuidaram um dia.

A minha vontade de trabalhar na floricultura não era sobre irritar o meu pai, minha fase de criança aborrecida já havia passado a esse ponto, eu apenas queria ter meu dinheiro antes de começar a ir para a faculdade. Robert queria que seu único filho se guiasse na sua carreira de professor, mas eu não gostaria de dedicar minha vida nos estudos para ensinar alguém, talvez eu poderia ensinar sobre as flores, já que sabia muito sobre elas.

- Esse moleque está crescendo e está se tornando um ridículo, você não está vendo, Jeny? - Robert estava gritando e atirando suas insinuações que tanto tirou nesses oito anos que me deu aula, ele e Jeny estavam na varanda, dava para ver por trás das cortinas na janela. - Pare fingir não se importar, ele mente e é estrategista o tempo todo!

Levantei o meu rosto do livro com essa suposição, observei que meu pai havia tirado os óculos e que os três botões da sua camisa social estavam desabotoados, ele estava irritado, observei Jeny com suas bochechas vermelhas, nariz dilatado e cabelos bagunçados, ela também estava irritada.

- Cala a boca, não fala do nosso filho desse jeito! - Jeny está gritando pelos seus pulmões. - Seu asqueroso...- Minha mãe avança cinco passos até esta encostada no meu pai, Robert fica parado diante dela estático e paralisado, ele não sabe se o próximo passo dela vai mata-lo. - Nosso filho encontra-se crescendo, lindo e saudável e decidiu que vai trabalhar comigo, portanto eu irei deixar. Se achar ruim, pegue suas coisas e vai embora. - Mas uma vez, Jeny deu sua palavra final e com o olhar de Robert me atravessando da varanda, eu voltei a ler meu livro.

CAPITULO II

Minha mãe dizia que eu estava ficando bonito, não que fosse a primeira vez. Pedi a Jeny que começasse a aparar menos os meus cabelos, deixando-o pairar desorganizadamente na nuca, um dedo a baixo das orelhas e um dedo a baixo dos olhos. Minhas roupas continuavam a ser feitas a mão, no antigo alfaiate do meu avô, eu estava crescido e uma mulher fazendo minhas roupas era considerado errado na época. Gostava de me vestir com uma blusa de botões branca de mangas compridas e um suspensório acompanhando minha calça preta lisa, meus sapatos sempre foram sociais, mas não brilhosos, o brilho por mais que estivessem na moda não combinavam com meu trench coat cor caqui ou cor preto. A cor caqui me deixava mais velho, diferente da cor preta que me transformava em um cidadão de mau caminho, como Jeny dizia anunciando segundas intenções.

No dia seguinte a briga de meus pais, eu fui ao meu primeiro dia de emprego, sai com minha mãe no desjejum deixando Anna com sua vista para o jardim ao som do rádio ligado na novela da manhã e Robert na mesa com o café, antes era eu quem arrumava a mesa após o desjejum finalizar, comigo saindo, Jeny e Robert precisaria arrumar alguém para as fazer as tarefas domesticas e cuidar da vovó. Segundo decido, pedi a vizinha que olhasse Anna em um período até no café da tarde quando eu voltasse para pentear os cabelos de Anna e regar as plantas do jardim caso não chovesse até lá, Jenny concordou com isso.

Era costumado a ir na cidade para comprar mantimentos ou ir a lojas com Jeny e Robert, isso durou até meus treze anos, quando completei catorze, decidi que olharia minha avó sempre que possível, por isso, a cidade estava diferente, mais madura e expandida, com cidadãos e donzelas andando de um lado para outro.

Percebi como as roupas femininas diminuíram meio palmo, enquanto, na moda masculina percebi que alguns homens pararam de usar aquelas boinas dos anos 1917 e começaram a expandir a moda do chapéu cloche e cartola, eu apoiava essa moda, iria pedir

um a Jeny quando chegasse em casa.

A floricultura cheirava a terra fresca, vida e ar úmido, a diversidade de plantas nunca me surpreendiam, eu as tinha cada uma em meu quintal, e eu sentia satisfação a cada uma das flores. Senti os olhos de minha mãe me observando enquanto eu alisava uma das numerosas flores esféricas do jacinto- uva, de coloração azul arroxeada e seu cheiro amargo floral atingindo o meu olfato.

- Você parece com meu pai, Alexandre. - Minha mãe comentou suavemente. Eu a lembro do Theo, não foi a primeira vez que ouvi isso. - Tão tranquilo e consciente do que faz, está tão crescido o meu menino.

Me virei para encarar os olhos suaves de Jeny, seus cabelos eram loiros como os de Anna antes de embranquecer, ela sorriu e eu sorri de volta, ela acabou ficando menor que eu, cresci demais, pensei, mas não o bastante para passar de Robert.

- Me pergunto como era o vovô, para ser comparado com ele, ele deveria ser alguém ideal, eu não sou ideal...- Resmunguei a última palavra e abaixei meus olhos para o jacinto- uva, Robert sempre disse o quanto insignificante eu representava ser. -Papai, -

- Robert não, Alexandre, não cite o seu pai nesse assunto. - Jeny se aproximou e segurou meu rosto com suas mãos frias, me forçando a olhar para seus olhos caramelizados. - Seu pai é um mal feito da vida, ele quer tudo e não tem nada, diferente de você, que tem a mim, a sua mamãe. - Assenti e sorri até que ela soltasse o meu rosto e se distanciasse.

- Agora mão na obra garoto, nada de ficar de folga.

Nessa frase que minha mãe falou, duas confirmações dela estão erradas, meu pai não é um mal feito da vida, ele tem diploma e um ótimo salário de professor, não deixa a comida e as roupas de grifes faltar e, ele tem o que quer ter, não só do que faz com o seu salário,

mas também pelo estado de casado, Robert tem você; Jeny, porque meu pai não desistiu da pessoa que você é, por mais que você queira mata-lo todo segundo.

Em dois dias de trabalho eu descobri que todos da cidade conhecia Jeny e quase todos visitavam e compravam flores diariamente, eu estava me acostumando com a movimentação da loja cortando as ervas daninhas. Identificar e ficar arrancando seus torrões querendo ou não era bastante cansativo quando se tinha mais de mil flores e plantas em um cômodo só.

-Que peônia maravilhosa, senhora Durvell! quero dois ramos da branca, por favor...- A voz da senhora idosa soava por todo os fundos da estufa e eu continuei a arrancar ervas e derramar terra nova nos vasos.

Eu estava distraído, mas não surdo e pela 17° vez naquele dia, o sino por cima da porta soou novamente, anunciando que tinha um novo cliente, movimentado demais para o período da manhã, pensei ocupado.

- Bom dia, senhora Adolphe! - Disse uma voz feminina em uma saudação alegre.

Jeny não gostava do sobrenome do Robert, mas poucos sabiam disso, como casada em uma época antiga, o costume era ou é, chamar o sobrenome do chefe da família como saudação. Como poucas pessoas sabiam que Adolphe era seu sobrenome, essa mulher deveria ser intima ou próxima da minha mãe. Curioso, me inclinei sobre o vaso de cáspia, suas flores esbarrando no meu rosto.

Tive a visão cortada por outras flores ao fundo que tomava parte da parede e espaço, mas consegui visualizar a senhora de vestido bege rendado, seus cabelos cor de fogo preso em um coque elegante que ultrapassava o pequeno cloche verde escuro. A mulher possuía lábios vermelhos e sombra nas pálpebras dos olhos

escuras, ela falava carismática com Jeny e percebi o quão diferente minha mãe parecia das mulheres que morava na cidade, Jeny não era acostumada a passar maquiagens e o máximo era em sua boca um creme labial transparente... Ou talvez, eu estivesse errado e Jeny gostasse de usar a maquiagem simples.

Estava voltando para o meu serviço quando vi a barra de um vestido cor crepe me chamou a atenção. Mexi na cáspia lutando para ter mais acesso a visão.

E quando consegui, me deparei com uma garota nova, seus cabelos iam até o meio das costas, sem nenhuma curva e pareciam estar pegando fogo, um laranja forte e escuro. Seus ombros estreitos estavam cobertos pelo o que parecia seda simples, e ela tinha uma cintura fina de mais ou menos quatro palmos de mão, 20 centímetros.

Voltei para o meu lugar de cara na terra e fechei os olhos, me concentrando nas conversas das mulheres:

- Hoje estamos pensando em enfeitar o quarto, abrimos uma janela que estava enterrada e ela fica de frente para a rua. - A mulher da cidade disse.

- Oh, que trágico, Nice! O ar está tão poluído ultimamente, devido a esses carros a motor, não é? - Jeny sabia o primeiro nome da senhora.

- Não vou reclamar, amo passear de automóvel, melhor que carroça, - Não suja os sapatos! - Jeny e Nice estavam sorrindo com suas piadas, respirei fundo, diga alguma coisa menina.

- Quer cor a minha donzela Bill vai querer? - Bill, esse seria o seu sobrenome? pensei.

- Cor crepe, a cor dessa semana foi escolhida por nossa modista. -

Comentou Nice e eu abaixei o rosto sem abrir os olhos.

- Flor de cera? - Perguntou Jeny.

- Não, dão trabalho e são feias. - Respondeu Nice.

- São bonitas, mas que tal a erva bezerra?

- Por Deus, Jeny! Não.

- Gosto da espora brava, elas são fortes e gentis. - Sorri, sua voz era doce como o cheiro de Alisson flor de mel e delicada como uma orquídea.

- Perfeito, filha! Jeny, será essa...

Seu nome não foi dito naquele dia, muito menos consegui ver seu rosto e não me esforcei a tanto, as plantas estaria na minha frente de qualquer maneira. Infelizmente apenas a senhora Nice voltou para comprar novas flores, e nunca mais vi a donzela Bill novamente.

Uma semana depois, após eu voltar do trabalho observei Poliana, nossa mais nova arrumadeira, espanar os moveis da sala. Eu estava penteando os cabelos de Anna como sempre fazia durante as tardes.

Poliana era baixa, chegava a ser mais baixa que minha mãe, ela era uma jovem adulta de cabelos castanhos, nariz fino e olhos puxados negros, seu vestido era preto, como uniforme de governanta que todas as mulheres que cuidava da casa eram, o elástico rendado prendia firmemente sua cintura, mostrando seus quadris cheios. Seus cabelos deveriam estar presos em um coque, mas por algum motivo, hoje ele estava solto, uma faixa os separando do seu rosto.

Poliana se agachou para poder alcançar o vidro ao lado da lareira que eu nem sabia que deveria ser limpo, ela estaria fazendo de

propósito? Engoli a seco, eu estava a desejando, meu membro começara a pulsar forte, mesmo não pensando muito sobre esse assunto.

Continuei a pentear os cabelos de minha avó, meus olhos colados no corpo da mulher a minha frente, isso estava acontecendo frequentemente, esse desejo, imaginei-a me pedindo para segurar seus cabelos enquanto implorava para que eu me esfregasse contra o seu traseiro.

Deixei meus olhos revirar tediosamente e respirei pesadamente. Odiava isso, necessidades que eu mal podia controlar.

- Alexandre?

Voltei meus olhos para a voz que estava de repente tão próxima, Poliana estava ao meu lado, observei durante segundos, seus olhos estavam para baixo, me encarando, suas bochechas vermelhas, eu não precisei acompanhar seu olhar para saber aonde eles miravam. Minhas calças eram apertadas.

Coloquei o pente de Anna na cômoda ao lado e me virei para a empregada, vi ela lamber os lábios lentamente, suas mãos seguravam o cabo do espanador fortemente. Levantei minha mão e quando ela não se afastou, passei meu indicador lentamente por um fio de cabelo ondulado e solto em seu rosto, o colocando por trás da sua orelha. Poliana fechou os olhos se aproximando do toque simples, ela parece tão carente, pensei.

-Alexandre...- Meu nome saiu sussurrado e Poliana segurou minha mão com a sua, trêmula e gélida, observei a moça segurar e me forçar a acompanhar a sua. Passando minha mão pelo seu pescoço e descendo seu torço até o seu seio farto, sua mão apertou sobre a minha e eu senti o volume cheio. Eu apenas a encarei, até ela abrir os seus olhos e me encarar de volta com suas pupilas dilatadas. - Alexandre.

Olhei para minha mão que mal se fechava ao redor de seu seio, perto demais, pensei, voltei a fitá-la.

- Acredito que esteja te atrapalhando no seu serviço. - Digo, minha voz mais rouca que o normal devido a excitação.

- O senhor sabes que não me atrapalha... Apenas quero nos satisfazer, estou aqui para ajudar, no que quer que for... - Poliana sabia seduzir pelo o olhar, ou era o que ela tentava.

- Com licença. - Digo firme, interrompendo sua sedução.

- Alexandre.

- Com licença, Poliana. - Observo a moça dar dois, três passos para atrás, seu olhar cabisbaixo. Olho para Anna, que não se mexeu em sua cadeira, seu olhar preso na vista do jardim do outro lado da janela. Dei os mesmos três passos que Poliana e passei meus braços pela cintura, minha mão alcançando sua boca quando vi que ela iria falar algo e logo após aproximei meu indicador nos meus lábios, pedindo silêncio. A expressão de Poliana mudou e ela assentiu corada.

Caminhei lentamente com a moça até o hall da escada, de modo com que Anna não nos ouvisse ou suspeitássemos do que estávamos fazendo. Naquela tarde, eu pude segura-la pelos cabelos gentilmente.
Seu vestido estava subido até sua cintura, suas coxas fartas abertas ao redor dos meus quadris e sete botões do seu vestido abertos, mostrando seu corpete apertado, o de seu seio completamente exposto para fora da peça íntima, balançando diante nossos corpos. Eu estava apoiando minhas mãos na estante ao lado da escada que subia para o andar de cima, enquanto seus braços rodeavam e apertavam os meus ombros, Poliana soltava pequenos suspiros ofegantes em meus ouvidos enquanto eu me favorecia de me mexer entre suas pernas molhadas.

Eu sabia como funcionava o corpo humano e como deveria ser expostamente colocado, Robert me ensinara em uma das aulas de ciências e anatomia do corpo humano, eu tinha crescido, meu membro tinha o tamanho de um pênis maduro e eu não possuía a capa que Robert dizia que era anormal.

Os pelos cresciam como qualquer ser humano e eu não via incomodo neles, não eram grossos e eu cuidava com a tesoura para aparar.

Poliana colocou o rosto para trás e eu observei o seu pescoço, sua pele era clara, quase visível a veia do coração que pulsava a cada batimento acelerado. Me apoiei em uma mão, enquanto a outra subia para tocar em sua pele quente, meu movimento pareceu tocar no ponto sensível da moça, por ela ter se inclinado para trás e levantado mais suas pernas, estávamos chegando ao limite, senti sua pele pulsar por baixo do meu indicador e quando Poliana resmungou de prazer no seu segundo orgasmo eu sai da sua entrada, deixando que minha semente sujasse sua roupa.

Robert ensinara que a ejaculação do homem era o que engravidava uma mulher.

- Pensei que não me quisesse. - Poliana falou dengosamente apertando seu seio exposto. - Por que sou uma empregada.

- Só tomei cuidado com a minha avó, ela não apreciaria a cena, não faça, mas isso perto dela.

- Não fique duro perto dela...- Poliana diz com seu tom irônico e eu a olhei nos olhos. - Não irei, Alexandre.

CAPITULO III

Quando completei dezenove anos, sugeri a Robert e Jeny que gostaria de entrar para a faculdade, meus pais aprovaram e como fui ensinado em casa, Robert fez questão que minha formatura

fosse igual as das escolas. Não tínhamos um baile, mas tínhamos um fotografo e um certificado escrito no papel vergê com a letra decorada e desenhada da caligrafia de Robert.

Estávamos no jardim por trás da casa, eu com minha roupa costumeira, exceto que dessa vez eu usava um chapéu. Minha mãe havia comprado um chapéu cloche anos atrás como eu havia pedido, eu estava com ele, também preto, Robert diria que parecia que ia à um velório e Jeny diria que eu estava um espetáculo, agora como um homem. Poliana diria a mesma coisa, não tão ingênuo como o de minha mãe, o espetáculo de Poliana era malicioso e cheio de segundas intenções.

Meu pai usava um palito marrom o tornando completamente social para essa ocasião, seus cabelos estavam se revestindo bipolarmente em branco, cinza e preto e sua vista piorara fazendo usar seus óculos durante todo o período do dia. Minha mãe estava bonita, envelhecerá como o vinho, seus cabelos brancos seu misturando com os fios loiro como mechas, Jeny usava um vestido branco com pequenos trevos de três folhas verdes e um laço verde escuro de estampa camurça enfeitando sua cintura. Minha avó estava sentada em sua cadeira de rodas, um pano roxo protegendo suas pernas e um casaco lilás cobrindo seus braços delicados, trancei seus cabelos da cor cinza no penteado que eu lembro que ela fazia quando ainda nova.

Robert me abraçou de lado e mexeu em meus cabelos médios, me perguntando quando iria corta-los, eu sorri, acreditando novamente que aquilo poderia ser considerado uma piada, não era a primeira vez que zombava dos meus cabelos e respondi dizendo que Jeny cortou semana passada, não era a última vez que dizia aquilo.

Ficamos no jardim até o pôr do sol, era inverno e estava agradavelmente frio, mamãe cuidou do almoço junto de Poliana e havia comida demais para apenas minha família comer, deveria conversar com minha mãe sobre dar as sobras para algum esmoleiro no caminho para a floricultura. Quando o fotografo

anunciou que captara o melhor ângulo para uma foto, meu pai me abraçou novamente do lado direito e minha mãe meu lado esquerdo, Anna estava na cadeira de rodas ao lado de Jeny e Poliana não deveria sair na foto.

- Digam "xis”. - O fotografo sorriu por trás do equipamento e eu encarei o aparelho de aparência estranha, ouvindo os longos xis dos meus pais. - Foto da família tirada, a próxima será apenas dos pais e filho e a última só do rapaz. - Tiramos e eu senti meus olhos arderem por causa do flash exagerado quando o homem tirou a última fotografia.

Naquela noite, enquanto eu estava lendo um romance de Agatha Christie, a lareira estava desligada e a única luz era da minha luminária a gás, eu estava de frente para a janela que minha avó passava as tardes, o silencio e a luz fraca da lua iluminando as flores me trazia paz interna, sabia que Anna sentia o mesmo ao olhar lá fora.

Ouvi múrmuros estressados vindo do andar de cima e pelos ruídos, Robert e Jeny estavam brigando outra vez, felizmente Anna já dormirá, ela costumava tentar gritar ou se mexer estressada quando escutava as vozes ríspidas dos dois. Uma hora antes de nos levantarmos para sair da mesa de jantar, meu pai havia perguntando qual profissão iria cursar e assim que disse seu olhar era de ofensa, enquanto os de Jeny brilhavam como estrelas, vi Poliana ruborizar pelos cantos dos olhos e sabia que ela estava pensando sacanagem e só não tinha me puxado para seu quarto de empregada porque teve que voltar para sua casa, hoje era sexta e ela passava o fim de semana em sua residência.

A vela soprou forte e escutei a porta de um dos quartos se abrirem brutamente.

- Eu estou cansada desse seu discurso inútil, Robert! - Jeny gritou esperneada.

- Eu que estou cansado, como ousa empestear a cabeça de Alexandre com essa sua ladainha de medicina? - Robert gritou de volta e eu virei uma página do livro e coloquei a mão no queixo me concentrando nas palavras com sotaques franceses.

- Se você não sabe, não invente, nunca disse a ele que queria ser medica, pare de me encher, se ele quer ser quem vai impedir? -

- Eu irei! - Robert respondeu e eu balancei a cabeça para o livro diante de uma cena que não gostei.

- Quem você pensa que é? Não tem esse direito! - Ouço passos fortes descendo pelas escadas de madeira.

- Eu sou o pai dele, posso fazer o que quiser. - Não me viro do acento quando alguém entra na sala ao qual estou, pelo canto dos olhos vejo que a primeira pessoa é Robert e logo depois Jeny.

- Isso não significa nada, para repreender sobre sua decisão deverá passar por cima do meu cadáver seu pedaço de mapa do inferno! – Jeny está brava, sua voz completamente rude transparece isso, é apenas amarga e ranzinza.

- Seu cadáver? Então será muito fácil, irei ter satisfação de enterrar o seu corpo no nosso jardim. - Robert está com a voz rouca, sua ameaça é real, levanto os olhos do livro e olho para meus pais pelo o reflexo da janela, está escuro, mas consigo ver suas fisionomias.

- Tenta Robert, mostre quem você é e tenta me matar, que eu garanto que não vai ter nem a oportunidade, vou dilacerar os seus órgãos seu podre! - A cena é rápida, Jeny se exalta indo para cima de Robert, suas mãos estão batendo e batendo no peito do meu pai, Robert a segura pelos cotovelos, ambos gritando.

- Pare de ser louca! - Eu o odeio! - Eu respiro fundo antes de me mexer no sofá e me sentar sobre os pés, fico visível para eles. - Alexandre! - ambos se surpreendem.

- Filho, pensei que estava dormindo...- Jeny resmunga, sua voz ficando calma e ela se afasta de Robert rapidamente.

- Como posso dormir numa casa como essa? - Pergunto ríspido, mas acho meu tom muito afiado, então eu abaixo o olhar para o encosto do sofá e aperto o colchoado entre os meus dedos.
- Como posso dormir quando meus pais não se amam? Qual pessoa consegue viver em um ambiente assim? - Meus olhos estão ficando molhados e sinto minha garganta doer levemente. - Quando meus ambos pais se ameaçam de morte o tempo todo?

- Alexandre...- Robert diz com a voz penosa.

- Como posso fazer isso? - Eu pergunto novamente pois não houve uma resposta, Jeny se aproxima do sofá ligeiramente com Robert em seus calcanhares.

- Filho, nós nos amamos. - Jeny é delicada no que diz e eu nego com a cabeça.

- Isso não pode ser verdade! Não quero amar ninguém se isso for o significado dele, eu odiaria viver querendo matar a minha parceira, odiaria viver em um mundo onde a minha esposa me ameaçaria de morte o tempo todo. - Sou sincero, dos meus olhos começaram a descer lagrimas quentes, e essa sensação é horrível, olho para os olhos caramelizados de Jeny, agora com pouca luz suas pupilas estão engolindo as cores.

- Todo casal briga, Alexandre. - Meu pai é curto e eu nego de novo.

- Não imagino que seja assim.- Poliana e eu nunca brigamos. - Desde que me lembro, as brigas são sempre pelo o mesmo motivo. Eu sou um incômodo tamanha tão grande para os senhores? - Eu me desço para o sofá, minhas pernas estão dormentes e soluço sem querer, chorar é péssimo.

- Não diga uma coisa dessas filho, você é meu bem mais precioso que tenho. - Jeny se ajoelha na minha frente, seus olhos estão molhados, eu fungo forte e cubro meu rosto. - Diga alguma coisa, Robert!

- Eu estou em choque, Jeny, nunca o vi chorando antes, nem por um machucado...- A voz de Robert é pura surpresa.

- Ah, cale a boca se for para falar asneiras. - Minha mãe reclama.

- Estão vendo? Os senhores brigam e brigam, o tempo todo! - esperneio, parece que tenho cinco anos.

- Estávamos apenas discutindo sobre a situação do seu curso, não é motivo para choro. - Robert me diz, ouço seus passos pesados contra o piso e sinto ele se sentando ao meu lado, sua mão sobe para o meu ombro e descansa ali como consolo, sua pele quente chegando a ser desconfortável.

- Por que? Por que não posso seguir carreira como médico? - Pergunto e tem algo quente escorrendo pelo meu nariz, ranho.

- Claro que você pode, filho. - Jeny segura minhas mãos molhadas, ela não tem nojo.

- Não pode. Viu como você o influencia, Jeny! - Meu pai diz ríspido e entre dentes.

- É claro que ela deveria me influenciar, assim como você papai.- Meus olhos ardem. - O meu sonho é ser médico, cuidar das pessoas doentes.

- Essa profissão não era o que eu queria para você meu filho.

- Eu só quero salvar pessoas, papai! - Eu me arisco a olhar em seus olhos, ele está sem óculos e suas pupilas crescem e diminuem tentando focar em meu rosto. - Quero salvar pessoas como vovó

Anna e como vovô Theo. - Os olhos de Robert lagrimejam. - Socorre-los da morte e ajudar as pessoas a não sofrer como minha avó sofre. Pense em sua dor, não poder mais cultivar flores depois de sua doença do coração, eu quero ajuda-los, pai!

Eu suplico exaltado, grito com eles entre as lagrimas, mas meu pai compreende e minha mãe também. Robert me abraça forte, junto de Jeny que se levantou do chão.

- Tudo bem meu filho, está tudo bem. - Ambos cochicham consolações em meus ouvidos e o abraço deles é confortável.

- Segunda cuidaremos de tudo para sua matricula. - Diz Robert.

- E prometemos não brigar mais. - Jeny fala beijando em meus cabelos.

- Você será o melhor médico de Atlanta. - Robert pensa alto e eu sorrio por cima de seu ombro.

Deus, como chorar é humilhante, penso.

CAPITULO IV

Estou há três semanas frequentando a universidade que escolhi e a comparação não é diferente de quando estudava em casa, em questão da educação. Convivo e divido a sala com pessoas mais velhas e mais novas.

Há mulheres em minha sala, algo diferente do que via nos livros, Robert não havia me dito que era legalizado, por tanto, há mais rapazes do que moças, meu professor se chama Donny Monrey e ele tem cabelos cacheados e negros, usa óculos redondos e tem boca tão vermelha que parece que passou batom, comparando com os outros senhores professores que encontrei pela escola, senhor Monrey é diferente, ele usa ternos simples e cabelos presos, seus cabelos tem mais ou menos um palmo de comprimento e pelo o que sei, ele será meu professor para os próximos dois anos do curso de

ciclo básico.

- O esqueleto humano é um tipo de endo esqueleto, uma vez que se encontra no interior do nosso corpo, sendo formado por mais de 200 ossos, - O sinal toca indicando que a aula chegou ao fim. - Por hoje chegamos ao fim, amanhã voltemos a esse assunto! Não corram!

Donny se despede gentilmente e eu fecho o meu livro e meu caderno tediosamente, os encaixo dentro da bolsa e pego meu trench coat cor caramelo que estava guardado em cima da cadeira, me levanto, colocando-o em meus ombros, mas não encaixo os meus braços. Olho para o professor e o encontro me olhando, ele desvia o olhar rapidamente e ruboriza.

- Até logo, senhor Monrey. - Digo como se não tivesse percebido o seu ato.

- Até mais, querido. - Sua voz treme, e eu ignoro esse sinal, saio da sala e sigo para a saída, ultrapassando um entre as centenas de alunos.

- Alexandre! - Uma voz masculina grita e eu medito por segundos reconhecendo a voz do indivíduo, me viro em meus calcanhares e me deparo com Peter e Beth Farty.

Os dois são meus colegas de classe, Peter é alto e musculoso, tem cabelos loiros médios penteados com gel para trás, seus olhos são azuis claros e ele tem um sorriso galanteador, Beth é três palmos menor que eu, seu nariz é fino e ela tem cabelos e olhos da mesma tonalidade do irmão, Beth costuma usar seus cabelos partidos ao meio e amarrados nas laterais, suas roupas são sempre curtas, começando na metade da canela. Delicadas ao meu ver e impuras aos olhares da sociedade.

- Peter e Beth! - Os cumprimentos por seus primeiros nomes porque eles me deram intimidade. Os dois estão sempre juntos, como fiquei sabendo, são irmãos gêmeos e nunca se separam.

- Está indo por onde? Vamos fumar um...- Peter tagarela demais, enquanto ele diz os seus planos, caminhamos pelo colégio com destino a saída. Beth fica em silencio o caminho inteiro, ambos irmãos adquiriram a costume de fumar nicotina cedo e não foram reprovados pelos pais, sua mãe mesmo havia morrido por câncer nos pulmões, mas isso não os impedia de cometer o ato.

Quando chegamos na sombra da árvore de frente com a universidade, Beth tem um cigarro entre os lábios rosados e está ao meu lado, Peter jogou sua bolsa na árvore e se encontra procurando por um isqueiro nela. - Como andas sem isqueiro, Alexandre?

- Não tenho costume de fumar, então não vou andar com cigarros e isqueiros. - Digo observando Beth acender o seu cigarro e pegar outro para me oferecer.

- Que saco! - Peter resmunga e eu estendo a mão para pegar o cigarro, mas Beth a empurra para baixo ousadamente e se aproxima, colocando o cigarro entre os meus lábios, seguro o firme para não cair e Beth aproxima seu tabaco acesso contra o meu, puxo o ar do cigarro até que ele esteja liberando sua nicotina em minha boca. Beth esta muito perto, penso, seus olhos podem se comparar com o céu de verão, limpo, quente e amigável.

- Que porra de olhares são esses? - Peter resmunga aparecendo entre nós dois, Beth se afasta rapidamente e eu estreito os olhos devido o vento soprar a fumaça em meu rosto e me viro para Peter, observo o loiro encarar a irmã que está com as bochechas vermelhas. - Que se dane. Mas parem com isso, ou não façam na minha frente.

- Cala a boca, Peter! - Beth reclama alto.

- Estou falando sério, se vocês se pegarem na minha frente vamos perder a concorrência com as donzelas, Alexandre é o cara que mais chama atenção das garotas! - Peter revida.

- Cala a boca, Peter, por favor! - Às vezes acho engraçado como é se comportar na frente de pessoas da minha idade, Peter e Beth tem vinte anos. Peter é descontraído, sem vergonha de falar em público ou com pessoas mais velhas ou de classe alta, Peter era completamente sem educação.

Em comparação a irmã, que era tímida, mas sua língua corria solta com palavrões e respostas diretas, ela não usava corpete ou corselete e seu rosto não tinha um pingo de maquiagem, portanto, era bem bonita. Eles agem diferente de como fui ensinado em casa, levo tempo para me acostumar, mas me situo bem, nenhum dos dois jovens subversivos notam ou reclamam dos meus modos desatualizados. Era isso que Jeny queria dizer quando Robert queria me educar em casa, eu definitivamente iria perder os hábitos sociais.

- Falando nelas, olhem quem vem aí...- Tiro os olhos dos irmãos e me viro para ver de quem Peter está falando.

- Donzela Berlim, Gracie e Bill, as donzelas mais bonitas de Georgia State University!

É o que Peter diz, na minha visão, vejo três garotas comuns, Berlim possui cabelos cor de areia e queixo fino, sua roupa forçando uma cintura que não está ali sem força-la, Gracie tem curvas largas e cabelos pretos cacheados, suas bochechas são saltadas e ela parece ser gentil, Bill é a que me chama atenção, seus cabelos cor de ferrugem destacando sua pele clara, não é possível ver a cor de seus olhos, mas vejo o quão magra és, seus braços estão protegidos por renda e suas mãos possuem luvas.

- A donzela Berlim parece uma fada...- Peter tagarela entusiasmado.
- Mas a donzela Gracie é um pouco acima do peso.

- Se você gosta de mulher, tem que gostar de mulher do jeito que ela é. Não fica se esforçando, Farty! - Beth diz simplesmente e eu

concordo com a cabeça. Eu gosto do jeito como Beth belisca o modo machista de Peter.

- Todas são lindas, mas tenho algumas preferências. - Peter revira os olhos. - Por exemplo, a donzela Bill é linda, mas olhe seus cabelos vermelhos, são estranhos.

São fantásticos, penso sem tirar os olhos da ruiva, seus ombros são estreitos e suas bochechas são rosadas artificialmente. Coloco os dedos ao redor do cigarro, a fumaça embasa minha vista, mas não me impede de olha-la, seus olhos captam os meus por três a quatro segundos, ela não me sustenta, mas sua face está da cor escarlate. A vejo mudar de comportamento imediatamente, suas mãos nervosamente caem para os cabelos em uma trança única que vai até o começo de seu quadril, Bill coloca os ombros para trás, ajeita a postura e ameniza os passos, ela sabe que eu estou observando e ela se exibe para que eu não tire os olhos de sua pessoa.

- Você prefere a senhorita Bill? - Peter pergunta, seu rosto perto demais do meu, me viro para ele até que nossos narizes estejam próximos demais. - Não, Alexandre! Não faça isso, não torço para esse lado. - Peter pula para trás e cruza os braços feito uma birra, Beth ri, como uma criança.

- Acredito que é melhor você ficar calado, Peter...- sugiro a ele e quando me viro para olhar as donzelas me decepciono quando elas já estão fora de vista.

CAPITULO V

Quando estou escrevendo sobre uma lição de casa, paro segundos para observar o lado de fora da janela do meu quarto, Jeny e Robert estão no jardim na frente da nossa residência, minha mãe está sorrindo enquanto ajuda meu pai a enterrar uma muda de linos da paz. Depois da crise que dei, não os vi brigar ou discutir, isso é conicamente bom, quem sabe Jeny esta nova o suficiente para conseguir ter outro filho.

Escuto a porta do meu quarto abrir lentamente, não me viro para olhar quem é.

Só há uma pessoa que pode andar que não seja meus pais. Poliana. Sinto seus braços rodear meus quadris, seu rosto está escorado em minhas costas e meus olhos estão concentrados em Jeny alisando o rosto de Robert.

Robert se aproxima dela, depositando um pequeno beijo no nariz quadrado de Jeny, depois desce para sua bochecha e até chegar em sua boca.

- Está distraído ultimamente. - Poliana diz e Jeny passas seus braços ao redor do pescoço de Robert aprofundando o beijo.

- Não me quer mais? Não vi mais o brilho de desejo em seus olhos. - Robert aperta a cintura fina de Jeny e Poliana me abraça mais forte. -O que está acontecendo, Alexandre?

Me viro para Poliana, seus olhos estão vermelhos, ela andou chorando, me pergunto e aliso sua bochecha suavemente, ela se aconchega, sempre carente.

- Estou muito ocupado ultimamente, a faculdade deposita tanta pressão nos estudantes que estou a ponto de ficar esgotado. - Digo e Poliana fica nas pontas dos pés para alcançar o meu queixo, ela me beija ali e desce mordiscando meu pescoço. Perto demais, penso.

- Está duro. - Ela cochicha em meu ouvido antes de chupa-lo delicadamente, isso faz cócegas.

- Porque está aqui, perto de mim. - Ela me morde mais forte fazendo eu soprar o ar entre os dentes. - Fazendo essas coisas...- Poliana murmura ocupada com a boca e eu seguro sua nuca com a mão esquerda enquanto levanto a direita para ver qual a próxima questão da lição.

- Alexandre? - Ela me pergunta e eu resmungo, incentivando-a a dizer. - Eu... - Ela não diz e eu espero até que ela tenha sua confiança de volta. - Eu... eu estou grávida.

Seus braços me apertam e eu procuro a resposta da lição em minha cabeça, estudamos sobre frequência cardíaca em uma das aulas. Os batimentos por minuto, a frequência cardíaca pode variar muito, mas normalmente situa se entre 60 e 100 batimentos por minuto no indivíduo em repouso ou fazendo atividades habituais.

- Escutou o que eu disse? -Minha visão da prova é substituída por Poliana, que se impulsa para trás a fim de fazer contato visual, suas bochechas estão vermelhas. - Estou grávida de você, Alexandre.

- Eu escutei. - Seguro o seu rosto em minha mão. - Vamos ter um bebê.

- Isso se significa que vamos nos casar? - Poliana pergunta e eu fito os seus olhos firmemente e depois de observar sua inquietude eu assinto afirmando. Os olhos de Poliana transparecem felicidade. - Eu quero me casar com você, Alexandre!

- Eu também. - Sorrio, sempre gostei de Poliana, ela era fofa e simpática, sabíamos respeitar o espaço um do outro, seriamos um belo casal, seu corpo combinaria com o vestido de noiva e sua imagem ficaria agradável ao ver ela entrando na igreja que frequento com meus pais segurando uma hortênsia azul e futuramente sua barriga redonda do nosso filho. - Eu também quero, Poliana. -Digo e os olhos castanhos dela estão brilhando com lagrimas recém formadas, suas bochechas estão vermelhas carmesim e seu sorriso está de orelha a orelha.

- Alexandre! - Poliana segura meu rosto entre as mãos e bate sua testa na minha. - Eu te amo tanto! - Ela me beija e não me concede um tempo para responder, em seguida já está me empurrando contra a cama, repetindo eu te amo com sua boca ocupada em meu

corpo.

De noite, estou no sofá admirando Jeny e Robert por cima do livro de medicina. Jeny está deitada entre as pernas de Robert, meu pai a abraça carinhosamente e minha mãe massageia suas mãos delicadamente, os dois observam a lareira acesa, é um clima eufônico e eu nunca cheguei a ver isso antes.

- Eu quero um automóvel, Robert.

- Quer? – Robert pergunta e me olha com as sobrancelhas erguidas. – Quem vai te ensinar a dirigir?

- Você. – Jeny diz e meu pai pisca atordoado, eu dou de ombros voltando a leitura enquanto os dois conversam sobre carros.

No dia seguinte, eu acordo mal, estou com febre e tosse, nariz congestionado, meu corpo dói e parece que eu fui atropelo e pisoteado por centenas de cavalos.

- Alexandre! - Jeny grita assustada em meus ouvidos quando entra na cozinha pela manhã, estou despejando o leite em um copo e devido aos meus ouvidos sensíveis, derramo um pouco fora do recipiente.

- O que há com você? Está pálido! - Jeny coloca a mão em minha testa, seu olhar é de mãe preocupada.

- Estou bem. - Resmungo, voltando a derramar o leite.

- Não sei aonde! Vá se sentar! Cadê Poliana? - Jeny ordena e questiona e eu me sinto enojado. - Ela está atrasada, você a viu?

- Última vez ontem no período da tarde. - Respondo, bebericando o leite frio para ver se o enjoou passa. - A senhora não a dispensou? - Pergunto antes de uma frequência de tosse me atingir. Jeny pega o meu copo de leite e o leva para pia, derramando o no ralo e coloca

alguns dentes de alho na chaleira.

- Não. Estranho, ela não me falou nada, será que Robert a dispensou? - Minha mãe indaga e eu dou de ombros, minha cabeça lateja demais para falar uma resposta devida, mas provavelmente Robert vai perguntar se Jeny dispensou a empregada.

- Jeny, você dispensou Poliana? - Robert entra na cozinha vestido uma regata branca e uma camisa social segurando na mão esquerda. - Ela não passou minha camisa ontem pela noite.

- Não dispensei, achei que você tivesse. - Jeny coloca o copo na minha frente e despeja um liquido amarelado nele, o cheiro de alho subindo no ar e empesteando o cômodo da cozinha, Robert reclama.

- Que diabos, Jeny? O que você tem Alexandre? - Meu pai pergunta e minha mãe responde por mim.

- Está com uma gripe, beba Alexandre.

- Ela manda e eu obedeço, não sinto o gosto, mas meu cérebro sabe que é ruim e Robert também, ele faz careta e eu acompanho.

- Ela deve ter saído de emergência, logo estará em casa. - Diz Jeny e após o desjejum minha missão é ficar em casa o resto do dia para melhorar da gripe.

CAPITULO VI

Risco o giz vermelho na cartolina branca, o professor Donny me pediu para ficar depois da aula, apenas meia hora, minha saúde está estável novamente, mas Poliana não voltou para fazer seu serviço e Jeny está estressada.

Quando Donny disse que queria minha ajuda, ele não disse que ficaria o tempo todo na sala comigo, com a porta fechada.

Eu não era bom de desenhar, muito menos um artista apropriado, portanto, tinha caligrafia redonda e grande, agradável para exposição. Pelos cantos dos olhos observava Donny se comportando de maneira incomum. Suas mãos estavam inquietas batendo uma na outra e ele andava de um lado para o outro, se agachando para pegar algo no chão, mais vezes do que o normal, mesmo não tendo nada ali para ser pego.

Não falei nada, não tinha esse direito, mas meus pensamentos tinham dúvidas e ele me lembrava Poliana quando mais novo, se inclinar esse agachar era a maneira de pessoas mais velhas seduzir?

Me distrai com o desenho, mas não me distraí para o professor, senti meu interior agitar quando Donny se pôs por trás das minhas costas, sua boca estava próxima demais. Isso era inadequado.

- Senhor Monrey? - Pergunto, ele poderia ter caído? Meus olhos estão focados em riscas vermelhas e papel branco, meu membro não parece estar disposto a esse homem. Me viro, os braços de Donny estão seguros na mesa, estou entre o móvel e o professor.

- O senhor parece ser tão maduro, Alexandre. - Ele diz. - Tão responsável, não és igual aos outros moleques a quem dou aula. Você me excita com sua prudência e plenitude.

Não digo nada, não ainda, apenas considero o seu olhar, castanho claro é a cor, parece ser pacífico e inocentes, mas agora olhando de perto, consigo ver o pingo de euforia e ousadia. Viro o rosto para a porta da sala.

- Senhor Monrey, suas palavras são muito indecentes, sugiro e peço que se afaste. - Donny não pode considerar uma coisa dessas.

- Ah, Alexandre...- Ele sussurra e eu me recuso a fitar o seu olhar, depois do que parece minutos, Donny se afasta e eu consigo respirar fundo, seguro a alça da minha bolsa em cima da mesa, indicando que vou sair, eu preciso sair.

- Tudo bem querido, eu guardarei tudo. - Donny diz com a voz rouca quando chego na porta. - Amanhã terminamos com mais calma. Quando chego em casa, Jeny esta encostada na moldura da cozinha, ela me fita curiosa.

- Está atrasado.

- Desculpe, meu professor me pediu para fazer um serviço. - Respondo e Jeny assente.

- Não é como se eu fosse ficar preocupada. - Jeny diz e mexe distraidamente no par de luvas de couro marrom em sua mão. - Gostaria que você fosse comigo a casa de Poliana, ela não vem há três dias, não quero que pensem que não nos importamos com ela.

Não Jeny, você se importa, mas tem vergonha de admitir, os outros não vão chamá-la de egoísta, não nesse tempo, pois, segundo as pessoas de classe alta, não temos que ficar indo atrás dos empregados.

- Claro que vou mãe, eu estou muito preocupado com Poliana. - Digo, ela poderia ter pego uma gripe?

Jeny sorri amarelo, sua feição tristonha. Coloco minha bolsa na mesa ao lado da porta e vejo minha mãe beijar a testa de Anna que está cochilando na cadeira de rodas, a cadeira é espumada e não tem risco de desconforto.

- Voltamos logo. - Jeny diz para Anna. - A irmã da igreja vai vim ver ela de dez em dez minutos, não tem preocupação.

Jeny podia pagar um cocheiro para irmos, sua independência era demais para mulheres daquela época, Robert chegou a comprar quatro cavalos de corrida e uma carroça charrete, com menos de três meses Jeny já havia aprendido a conduzir e guiar os cavalos com a rédeas, Robert era um bom professor, suas explicações são eficientes e fáceis de digerir.

Eu não possuo documento com aprovação para conduzir uma carroça, não fiz nem um teste e nunca me interessei, mas olhando

para esse lado, eu preciso aprender, é mais que uma obrigação. Observo minha mãe, subir na frente da charrete e segurar frouxamente a rédea, ela suaviza as mãos e pega um pequeno chicote que fica no banco e bate no cavalo, o animal começa a andar lentamente.
Vejo seus olhos caramelos atentos ao cavalo e estrada observo que Jeny segurar firme para um lado e para o outro para virar em cada esquina. Percebo que para conduzir uma carroça, não dependemos do motorista e sim do animal que está levando.

O cavalo escolhido de hoje se chama Twist, ele é devagar, mas esperto, observo como suas orelhas se mexem na medida que Jeny faz barulho com a boca.

A princípio, dirigir parece fácil.

Jeny se perde duas vezes da residência de Poliana, entramos em um bosque estreito, tivemos que estacionar a carroça há 400 metros do nosso destino para podermos seguir a pé. A casa de Poliana era simples por fora, possuía um pequeno galinheiro aberto com as aves andando e comendo no quintal, alguns cães magricelas e gatos dormindo em cima das janelas. Ali fedia a terra fuçada por animais.

Jeny levantou o vestido com dois forros até a metade da canela e se apressou a chegar até a porta da frente, o salto fino do seu sapato entrando na terra molhada repetidamente a fez desequilibrar várias vezes até chegar na porta, eu sorrio para a cena e por orgulho, Jeny recusa minha mão quando sugiro um apoio. Bato três vezes com as costas do punho na madeira fosca, mas a porta só foi respondida depois de cinco batidas.

Desci os meus olhos para a pessoa que abriu, era uma criança, pelo tamanho não passava de seis anos de idade, seus cabelos eram castanhos escuros e os olhos eram um pouco puxados, genética de Poliana. Jeny me olhou apreensiva.

- Pamela! - A menina gritou chamando. - Temos uma lady e um duque em nossa porta! - Estranhei o título, minha mãe não era uma

duquesa, ela possuía alguns direitos, mas não sangue real, igualmente a mim.

Uma mulher apareceu na porta, sua genética igual à da criança, porém expressão madura e cansada. Em seu colo havia um bebê com olhos chorões segurando seus cabelos curtos, suas roupas não pareciam ser lavadas há alguns dias, estavam cobertas de lama e poeira.

- Olá! Sou Pamela Tristan, em que posso ajuda-los? - Pamela cumprimentou e se virou quando ouviu um grito dentro da casa. - Por favor, entrem e fiquem à vontade.

Pamela saiu da porta, a deixando aberta para entrarmos, balancei a cabeça com o descuido, poderíamos ser ladrões ou assassinos. Escutei Jeny engolindo e logo após passando para entrar, a segui, a casa por dentro era pior que fora, sem cor nas paredes e moveis tão velhos que poderíamos colocar no dicionário que essa casa é como exemplo de pobre. Mesmo precária, as coisas estavam limpas, mas com cheiro de mofo.
A cozinha era americana, observei Pamela separar dois meninos perto do fogão que provavelmente estavam brigando, havia outra menina sentada no chão tentando pintar, seus lápis de cores correndo pelo piso e a outra menina, que abriu a porta, estava do outro lado da sala, penteando os cabelos de palha de uma boneca antiga, ao todo eram cinco crianças.

Sentei-me ao lado de Jeny no sofá de dois assentos. Pamela sentou no sofá da frente minutos depois.

- Me perdoem pelas saudações de Milan, ela lê muito contos de fadas e as roupas dos senhores são um tanto requintadas, nunca vimos tais pessoas chiques. - Pamela sorriu e sorri de volta gentilmente. - Bom, como posso ajudar os senhores?

- Aqui há muitas crianças, não? - Jeny pergunta e Pamela afirma.

- Todos irmãos. - Lembro-me dê Poliana me dizer que sua mãe morreu no último parto e que seu pai de depressão aos quarenta e

sete anos, me pergunto se ele se suicidara ou se morreu lutando com alguma doença.

- Viemos falar sobre Poliana. - Minha mãe suspirou e eu olhei para um lápis da cor amarelo rolando até o meu sapato.

- O que tem ela?

- Poliana não aparece em nossa residência há três dias, fiquemos preocupados e viemos saber o que há com ela, se precisa de uma ajuda. Não sou uma patroa ruim. - Olho para cima, vendo a expressão quieta de Pamela.

- Ela não veio para casa. - Pamela fala baixo, ela olha para o bebê de olhos chorões. - Compreendo que a senhora não é ruim, é difícil ver patrões virem até a casa da criada. Mas sinto muito em informar que Poliana não chegou a vir aqui.

- Sabes por onde ela poderia estar? - Jeny pergunta e eu mordo o lábio inferior, olhando a com expectativa.

- Não senhora, não sei dizer se minha irmã fugiu com um comerciante qualquer ou se foi sequestrada por um. - Engulo o nó que forma em minha garganta, a sensação é desconhecida, pelo canto dos olhos posso ver Jeny colocando a mão na boca assustada. Como podes falar uma crueldade dessa sem medo ou piedade? Ainda mais em frente de crianças, observo Milan parar os movimentos da escova por cinco segundos com seus olhos paralisados no chão e então voltar a se distrair com o brinquedo.

- Poliana já fugiu uma vez? - Pergunto e Pamela assente, volto a olhar o lápis em meu sapato.

- Várias vezes, ela é bonita, mas quer se casar, todos os comerciantes estrangeiros que ela encontrou queriam apenas fazer aquilo...- Não ouso levantar minha cabeça e fecho os olhos. - Por mais que ultimamente ela tenha me dito apenas de um homem, não chegou a me dizer o nome, mas disse o quão gentil era. Disse que ele era o homem de seus sonhos, por tanto, não posso confirmar se

era real ou ela estava apenas mentindo. Ou se simplesmente traindo ele com outro. - Piso em cima do lápis distraidamente.

- Compreendo. - Jeny diz sua voz distante após longos minutos de silencio. - Mesmo assim, vou estar notificando a delegacia e qualquer coisa me informe.

- O que houve com Poliana? - A voz da criança Milan soa interrogativa, ela nem deve saber o que está acontecendo sobre a parente mais velha.

- Nada de diferente, Milan. - Pamela responde suavemente, como se isso fosse um comentário diário que faziam em casa.

- Os senhores são de um castelo? - Milan pergunta de repente, escuto o sorriso calmo da minha mãe.

- Não mocinha, somos apenas comerciantes de flores. - Jeny diz, batendo carinhosamente a mão em meu ombro e eu levanto meu olhar para a menina, ela está no começo do outro sofá, ao lado de Pamela.

- Parecem ser da realeza. - Ela diz e me fita com olhos arregalados. - O senhor é tão bonito, possui um quadro pintado à mão dentro de sua residência?

- Não.

- Que triste...- Milan murmura e me olha entre os cílios. - Se casaria com uma sem trono e sem sangue real igual a mim? – Agora pergunta e isso me faz inclinar a cabeça.

Eu queria me casar com sua irmã, Milan.

- Não vejo problema nisso, garotinha. - Milan tem bochechas vermelhas após minhas palavras.

No caminho de volta, peço a Jeny que me deixe dirigir. quando sento no banco do motorista e seguro as rédeas de Twist, sei o porquê dela se sentar tão direita.

Vejo pelo o canto dos olhos Jeny me fitando e me viro para ela.

- Não fiquei sabendo que aprendeu a conduzir.

-Aprendi olhando a senhora. -Falo simples e sem mentir, Jeny sorri orgulhosa e quando observo a estrada, deixo-me vagar pelo o que Pamela disse.

Ah Poliana, por onde andas? espero que não fizeste uma escolha errada, penso.

CAPITULO VII

O trabalho que o Donny me pediu para fazer não passava de um imenso cartaz explicando cada osso de um ser humano. Uma hora antes, Peter me perguntou ao lado de Beth o porquê de eu não estar saindo depois que a aula acabasse. Simplesmente respondi que tinha trabalhos a fazer, tais aqueles que deveriam ser feitos com pelo menos duas pessoas, sendo apenas eu, levaria mais tempo que pensado.

E era isso que ele queria.

Donny ficou mais ousado a cada dia, no dia anterior, relatou o quão calor estava e abriu alguns botões de sua camiseta social. Eu sou um homem, não cheguei a ter pensamentos obscuros com outro homem, muito menos chegar a pensar em ter um relacionamento com um professor, algo completamente inadequado.

Hoje por exemplo, eu estava terminando um exemplo de como um osso quebrado consegue ser curado quando Donny deslizou para cima das mesas juntas. Donny está novamente com a camiseta aberta, mas de seis botões, seu peitoral quase todo exposto, seus óculos estavam guardados e seus cabelos trançados.

O professor me encarou por minutos que pareciam horas infinitas, foi quando eu terminei o exemplo que Donny segurou o lápis colorido que estava usando e colocou na boca. Eu o encarei, seus olhos castanhos claros estão me medindo, me desejando...

- Veio de Carolina do Norte? - Ele me pergunta e eu me apoio na mesa com minhas duas mãos.

- Não.

- Tem parentes de lá?

- Meu pai. - Robert sempre diz que veio desse estado, mas certa vez cheguei a ver em sua identidade que era verdade.

- Por isso essa personalidade forte. - Donny diz e eu não me mexo, tentando transparecer que estou em dúvida. - Está no seu sangue ser misterioso, cuidadoso no que faz e decidido. É por isso que estou tão atraído por você. - Donny sussurra a última frase e eu lambo os lábios, já ouvi falar que professores ficavam atraídos por alguns alunos e acabam por abusar deles, tanto fisicamente quando psicologicamente.

Esses era um dos tópicos que Robert relatou para não deixar que eu estudasse em escolas.

- Esse relacionamento que o senhor quer é proibido por lei. - Digo e o lápis desliza pelos seus lábios em direção a mesa e depois rola até cair no chão. Donny engatinha na mesa, se colocando em uma posição constrangedora para ficar a sete centímetros contados de distância do meu rosto.

- Isso significa que o senhor está se reprimindo por causa do governo? - Donny pergunta ousadamente, sua voz é ardida como pimenta.

- Não foi isso que quis dizer. - Respondo, o professor cheira a tangerina. Me inclino mais sobre as minhas mãos, me aproximando de proposito de Donny, agora estamos a dois dedos de distância, Donny não faz questão de ruborizar, mas ele sorri convencido.

Donny passa a mão direita em meu torço, seus dedos enroscando em meu suspensório e me puxando perto o suficiente para rosnar em meu ouvido.

- Gosto de coelhinhos medrosos, mas obedientes como você. - Seu hálito é quente contra minha bochecha, isso é tudo, e então Donny está me beijando de boca aberta. Molhado demais, penso. Às vezes eu deixo com que as coisas acontecem, para ver até onde elas vão, mesmo não querendo que ela continue.

Não gosto da posição que Donny está, seus braços tremem fazendo com que o beijo saia bagunçado, por isso, seguro sua nuca com uma mão e a outra eu coloco em suas costas, fazendo com que sua pele acalme e relaxe, mas o corpo e beijo de Donny é rude.

Porém, aos poucos, Donny se encaixa em meu ritmo, consigo faze-lo se sentar na mesa e abrir as pernas, para que consigo ficar entre elas, nunca fiquei com um homem antes mas acredito que está indo bem, pois Donny ronrona durante o beijo.

O professor para de me beijar para poder recuperar o fôlego, seus dentes roçam na minha orelha e eu aproveito para morder levemente o seu pescoço, Monrey grunhe, levantando mais as pernas e puxando agressivamente meus cabelos.

- Hum. - aperto os dentes com a agressão e me separo do professor, suas bochechas estão vermelhas. Deslizo minha mão direita na sua perna vestida pela calça de tecido fino, sua pele por baixo está esquentando, vejo Donny morder os lábios rispidamente quando minha mão chega na parte da saltada entre as suas pernas.

Essa relação é completamente diferente da que tive com Poliana. Escuto a porta da sala se abrir e no mesmo segundo bater na parede, Donny pula nos meus braços, se afastando rapidamente, fechando as pernas e levantando da mesa. Suas bochechas queimam em vergonha.
Eu passo as mãos no meu cabelo e olho para a porta, quem é que

estiver aberto a porta, viu a cena erótica, viu que estávamos perto de completar uma cena sexual, por tanto, não preciso esconder o quanto estava me forçando a ficar excitado.

Me viro e me deparo com Beth, seus olhos estão penetrando-me e Donny, ela não diz nada até que o professor arrume suas roupas e pergunta o que ela faz ali.

- Fiquei sabendo que Alexandre estava fazendo o trabalho de primeiro bimestre sozinho, pensei em ajudar. - Beth me encara, ela me mede para ser mais exato, me mede dos meus pés aos meus cabelos bagunçados. - Mas vejo que ele não precisava de tanta companhia já que tinha o nosso professor do seu lado. - Vejo Donny ao meu lado estremecer. - Sabia que isso pode ser considerado uma cola, uh? O professor ajudar o aluno.

- Não é isso que está pensando, Beth. - Donny inicia, mas a garota desdém com a mão, entrando na sala.

- Eu não conto nada, se me deixar tomar o seu lugar e ajudar Alexandre. - Olho para os meus sapatos nessa situação, é como se os dois estivessem fazendo apostas, onde eu sou o material conquistado.

- Onde já se viu isso? Escutou o que disse? - Donny está irritado, suas mãos estão segurando uma à outra fortemente.

- Oh não? Se quiser posso chamar alguém rapidinho, acredito que Alexandre não vai contra dizer que o senhor está assediando desde que o viu. - Beth diz, ele é serena e firme, diferente de Donny que parece que viu um fantasma. - Olha, nunca vi um professor mandar um aluno fazer um trabalho bimestral sozinho, quer dizer, um aluno e um professor com a porta fechada...

- Está bem! - Donny se rende com enjoo do que ele fez e eu cruzo os meus pés, me encostando na mesa. - Apenas. - Donny se enrola, mas no final ajeita sua camiseta amassada, pega sua bolsa e se

encaminha até a porta. - Quero o trabalho concluído em 72 horas, nem um minuto a mais.

- Sim, senhor professor. - Beth sorri ironicamente e eu levanto os meus olhos para ela, seu sorrisinho sínico e vitorioso estampado no rosto. - Sinceramente? - Beth pede uma palavra e eu afirmo com a cabeça. A garota se aproxima plenamente.
- Não sabia se ele estava deixando o seu cargo e me colocando em seu lugar, ou se ele queria que eu terminasse o que ele começou. - Beth termina a dois pés de distância.

- Qual você queria que fosse? - Pergunto, mas eu sei a resposta.

- Você está precisando de uma mãozinha aqui em baixo. - Beth morde a ponta da língua enquanto sorri. - Posso imaginar o quanto é doloroso, então, eu te dou uma ajudinha e depois continuamos o trabalho?

Não confirmo e Beth não perde tempo esperando, seu rosto se aproxima rápido demais do meu. Fico estático, paralisado, me acostumando com a maciez de sua pele, seus lábios são doces, diferente da masculinidade que senti antes.

Eu estava me considerando um objeto de uso pessoal de cada pessoa, todos querendo se satisfazer comigo. Penso que, estava deixando demais as pessoas fazerem o que quiserem comigo sem um recuo, isso poderia me prejudicar uma hora.

Beth não é um homem, mas eu não preciso me preocupar em comandar a situação, a garota já sabe o que fazer, percebo isso na maneira como ela me empurra incentivando-me sentar na mesa e logo depois de aconchegado, Beth levanta o vestido até suas coxas e se senta em minhas pernas.

Beth é leve, tem jeito delicado, mas experiente, tudo nela é terrivelmente bem pensado como se tivesse feito isso antes várias vezes, suas coxas são lisas e grossas e entre as suas pernas é

quente. Não é uma sensação desagradável e ela não se parece nada com Poliana, penso.

É ardil pensar em como é confortável e diferente ao ter outra mulher sentada em seu colo, por incrível que pareça, não é ruim pensar que não é Poliana fazendo essas coisas, e logo eu estou excitado por ter de ser estimulado apropriadamente.

- Quis fazer isso com você quando te vi pela primeira vez. - Beth resmunga entre me beijar na boca ou na bochecha e pescoço, há uma indecisão e a garota parece querer me comer. - Quando vi que o professor ficou assustado, não pude deixar de perder a oportunidade. - Sinto Beth começar a se esfregar, sua cintura ficando solta estranhamente e seu peso apertado as nossas partes intimas. Mordo os lábios com força, isso é totalmente diferente, sinto quase como se fosse explodir.

- Humm. - Beth geme na medida que aumenta os movimentos dos seus quadris e eu sinto que a sala está, mas quente que antes.

- Beth... Espere, tenha um pouco de calma. - Digo entre os gemidos de Beth, ela está sendo alta demais. Vejo que falar não adianta nada, é como se a excitação a tivesse deixado surda. Por isso, seguro seus quadris com as duas mãos, isso faz com que seus movimentos cessam. Beth está ofegante quando para seus cabelos que sempre estão presos firmes ficou uma bagunça e suas bochechas estão vermelhas como sangue. Se não fosse pela a claridade do sol da tarde entrando na sala, tenho certeza que a escuridão de suas pupilas haveria de ter tomado toda a cor azul de suas íris.

Ouso passar a mão pelo seu queixo e deslizar o meu dedo pelos seus lábios molhados, Beth abre a boca rapidamente, lambendo e chupando meu dedo. Ela é tão receptiva, penso.
Seguro firmemente o olhar bagunçado de Beth, paralisada pelo desejo, e com as duas mãos, a garota se dá o trabalho de abrir os botões e zíper da minha calça, não olho para baixo, mesmo quando

sinto sua mão quente pegar o meu membro, sua mão está indo para sua virilha e ela começou a tocar ali, se dando prazer, seguro firme suas costas e ela confia em mim a ponto de se apoiar liberalmente.

Beth ofega, sua saliva está escorrendo pela minha mão e seu queixo, escorre enquanto suas mãos trabalham com a masturbação dupla, diferentes sensações são sentidas, algo que cheguei a presenciar com Poliana. Esse prazer eminente, contagioso.

Nos minutos seguintes Beth chegou ao orgasmo, e eu tive acesso a minha própria sujeira grudenta. O trabalho ficou sem final naquela tarde, Beth parecia distraída e eu achei bom por ir para a casa mais cedo.

CAPITULO VIII

Depois da escola, eu comecei a passar minhas tardes em casa, ficando responsável pela minha avó que não podia ficar sozinha, nos fins de semana eu trocava de lugar com minha mãe, apenas por meio período. Beth e eu continuamos a nos encontrar durante dois dias de trabalho, Donny nos encarava durante as aulas, mas não falava nada após o sinal tocar, nada além do pedido para entregar o trabalho. No último dia de trabalho, Peter segurou Beth pelo braço antes de começarmos a guardar os materiais.

- Vai ficar após a aula hoje também?

- Sim! - Beth responde como se fosse obvio e eu continuo a guardar o meu caderno na bolsa.

- Vamos pelo menos tomar um chá! Vai Alexandre, a convença. - Fitei por pequenos segundos Peter. Não era eu quem decidia isso, eles não eram de ficar separados, mas, também não me cabia a opinar.

- Não sou eu quem decide isso, Peter. Mas pode ir Beth, eu termino de fazer tudo.

- Não! - Beth resmungou.

- Sim! - Peter birrou, agarrando o braço fino da irmã e a puxando para longe da sala, a garota ainda a protestar. - Alexandre, quando acabar encontre a gente no pipo's coffe. Chamei umas garotas. - Peter pisca de seus olhos azuis e eu não retribuo, pois, ele mente para irritar a irmã.
- Chamou o que? - Beth pergunta irritada. E logo eles estão caminhando distante, incapaz de ouvir a conversa dos irmãos, me viro e vejo Donny já me olhando, ele vira o rosto timidamente e eu vejo a bolsa. Beth não deixava que Donny ficasse na sala, sua presença sincera e sem educação fazia com que o professor fugisse dela, com medo ou raiva. Eu não sabia dizer.

Mexi e posicionei os papeis na mesa para organizá-los, eu sentia seus olhos me queimando, era notável e nítido, quase chegando a ser desconfortável, observei por fora da janela as donzelas que Peter havia falado dias atrás, observei como a chamada donzela Bill estava contente em um segundo e no próximo estava rígida na presença do carro do xerife da cidade. Inclinei a cabeça com a cena, as outras garotas se despediram, mas Bill não se mexeu apressadamente para entrar no carro, pelo contrário ela negou com a cabeça minimamente, o xerife saiu do carro uniformizado e passou a mão nos ombros da moça de cabelos ruivos.

Donny andou até a frente da mesa em que eu estava e ficou parado ali, interrompendo minha visão com as mãos no bolso e olhar largado.

- Aquela intrometida não está com o senhor hoje? Ou ela vai chegar daqui a pouco? - ele perguntou e eu considerei suas perguntas, ele sentia raiva de Beth.

- Ela não virá. - Respondo e vejo os lábios de Donny se contraírem em um meio sorriso de lado. Isso com certeza seria uma boa notícia, ele provavelmente irá terminar o que começou antes de Beth. Tento, mas não consigo resistir a escapar um pequeno sorriso. Os olhos de Donny brilham em malícia, seus dentes voando para morder seus lábios vermelhos. - Tenho que terminar o trabalho, o encerramento de entrega é hoje.

- Esqueça isso por um momento. - Donny diz, sua mão trabalhando para desbotoar três botões de sua camisa social. - Aquela vaca te prendeu e me deixou com bolas azuis por quase dois dias. E isso é horrível, o senhor sabe como é. - Não respondo, não sei qual a sensação das cores de bolas azuis, já ouvi Peter falando tal coisa desconhecida a minha pessoa. Donny coloca a mão sobre a calça, há um comprimento demarcado sua roupa escura, não digo nada por enquanto e observo Donny se aproximando sem cautela.

Donny não perde tempo, seus braços passam rapidamente pelo meu pescoço e me puxa para baixo e para si, meu corpo vai sustentado pela sua força exagerada.

Seus lábios pressionam contra os meus fortemente, sua barba pinica o meu rosto, mas se eu fechar os olhos, posso sentir a suavidade que sua boca pretende passar, seguro sua cintura grossa, ajudando Donny a relaxar no lugar e evitar que o outro continue me beijando agressivamente.

Quando Donny se afasta para resgatar o ar, suas pupilas estão dilatadas, seus lábios estão inchados, o professor sorri maliciosamente e desce suas calças até os tornozelos. Não me mexo e nem olho para seu corpo nu, Donny parece estar levando isso, mas sério do que pensei. Engulo a seco quando vejo Donny se tocar com as duas mãos.

- Se ajoelha. – Ele pede, ou ordena já que suas palavras não foram dirigidas como uma pergunta. Eu sustento o seu olhar, considero sua ordem e quando não me mexo por mais de 5 segundos, Donny rosna. – Vamos Coelhinho, o senhor não tem receio de lamber entre as pernas daquela delinquente. É só imaginar que é um doce, só precisa abrir a boca e me aceitar.

Não digo nada, mas me ajoelho em sua frente, o chão é duro contra os meus joelhos, Donny se aproxima e eu olho para o seu membro, igual ao de todo homem, Donny não possui pelos, seu comprimento não é grande, mas é aceitável para entrar em uma mulher, e a sua uretra esta vazando sem nem ter sido tocada direito, o professor

pressiona a sua parte íntima em meu queixo e eu coloco a língua para fora, fazendo o que ele disse, abrindo a boca para recebe-lo.

O seu gosto é salgado e amargo, igual a qualquer gosto de secreção, franzo as sobrancelhas quando Donny impulsa para a frente, entrando de vez na minha boca e se acomodando ali.

Ele geme, sua cabeça caindo para trás em prazer.

- Sua boca trabalha tão bem, Alexandre. – Poliana chegou a me chupar, me lembro do quão molhada ela ficava quando se ajoelhava e me engolia como se fosse algo delicioso de se comer. Beth não chegou a fazer esse ato, por tanto ela trabalha bem na montaria.

Donny puxa os meus cabelos contra sua pélvis e eu sinto o seu membro pulsar contra minha garganta, fundo e sufocante. Respiro fundo pelo nariz, meus olhos estão ardendo. Em um momento Donny para de empurrar contra minha boca e segura meus cabelos para me levantar, o ato dói e eu cerro os dentes silenciosamente, para depois de meio segundo ter o professor atacando os meus lábios desajeitadamente, provando a si mesmo enquanto geme.

Quando ele separa o beijo, sua pele está corada, suor pintando a sua pele. Ele coloca sua mão por cima da minha calça, acariciando o meu membro recém excitado. Ele se atrapalha com a abertura dos botões, e sorri quando encaixa sua mão molhada dentro da minha roupa intima.

Donny me observa calorosamente, ele parece um louco, penso. Suas mãos trabalhando em um lento vai e vem.

- O senhor é grande, como eu pensei que fosse. – Donny ronrona no meu pé do ouvido, sua barba rala raspando em minha pele. – Quero todo o seu comprimento dentro de mim...

- O que? – Pergunto, mesmo escutando direito o que ele disse.

- Quero que insira seu pênis no meu orifício.

Eu acabo piscando incompreensivo, não é simplesmente encaixar um pênis no períneo, ali não serve para ter relações sexuais, pode acabar rasgando, ou, me infectando.

- Professor.

- Eu quero isso.

- Não é seguro. – Digo, pois, zelo pela minha saúde. O professor infla as bochechas e sua mão pegam minha camisa social em um punho.

- O senhor vai fazer o que eu mando. – Ele diz, seu nariz batendo contra o meu. – Acha que eu sou o único que vou ser chantageado? Sabe quem eu sou Alexandre? – Não respondo, não me arisco a contradizer algo quando é com um louco que estou lidando. – Eu sou o vice presidente do conselho desse colégio e eu sei o quanto vim para essa universidade foi uma conquista para o senhor, então, pelo o seu bem, sugiro que faça tudo o que eu mando.

- Pode machucar o senhor.

- Eu não te perguntei nada. - O suor pinga da testa de Donny, a gota desce pelo seu queixo e eu não tenho, mas nada a dizer.

Com minha mão direita, eu aliso a bochecha de Donny, sua barba arranha os meus dedos. O professor se agarra a minha mão, seus lábios molhados pressionando em minha palma. Donny suspira entre os meus dedos e passa sua língua quente pelo meu indicador, depois o chupa ávido, com vontade.

Aproveito que meu dedo está em sua boca e o puxo para ficar próximo, seus olhos estão extasiados, sorrio, e sem tirar a minha mão, ando dois passos de gato e me coloco atrás de si, Donny morde o meu dedo assustado com meu movimento brusco. Coloco minha mão em seu membro latejante e necessitado, massageando o para cima e para baixo lentamente, está molhado e deslizante e Donny está gemendo alto novamente. Suspiro atrás da sua orelha observando como os seus pelos se enriçam, aproximo o

meu quadril de seu traseiro, meu membro deslizando entre suas nádegas enquanto se contraem.

Subo minha mão pelo o tronco de Donny até que ela pausa no início do seu pescoço, sua pulsação rápida e confusa batendo contra a minha mão curiosa. Tiro meus dedos da boca de Donny, está coberta de saliva e com cuidado o guio até a mesa que estão os trabalhos quase finalizados.
Donny se apoia ali e inclina os quadris e eu passo meu membro entre suas nádegas de novo, de novo e de novo.

- Está feliz por me ter, professor? - eu pergunto próximo ao seu ouvido. - Você queria me ter por completo, não é?

- Isso é uma honra, meu bom aluno. - Donny sorri compulsivamente, ele parece um maluco quando está assim, penso.
- Meu aluno. Meu aluno. Meu alu...

Paro os meus movimentos e seguro Donny pelo tronco, seu corpo se contrai compulsivamente e eu coloco minha mão em suas costas. Donny parou de falar e está sufocado ou acabou se engasgando, sinto o terror subir e minhas mãos gelando, sinto que já vivi isso antes.

- Professor? - Eu viro Donny, seu olhar vidrado em dor e desespero, sua boca está atingindo a coloração roxa azulada o sacudo no lugar, suas mãos tremulas em posição ao coração.

- professor! - Donny vira os olhos e então seu corpo está pesado e caindo em qualquer direção.

Seguro sua cabeça para não bater ao chão e puxo seu rosto para o meu.

- Professor Monrey? - Eu o sacudo novamente quando o homem não do sinal de vida. Sua respiração parou a segundos atrás e seu coração já não pulsa em seu pescoço. Eu me levanto e arrumo minhas roupas, em seguida as suas, o Conselho e a delegacia não iriam gostar de uma relação entre aluno e professor.

Poderia ter sido drogas? Uma overdose poderia ser culpada pela sua atitude confusa?

Respiro fundo, engulo a seco e movo meus pés para fora da sala a procura de uma pessoa responsável.

Menos de meia hora a cavalaria da Polícia cercou a escola, enfermeiros e médicos estão ao redor do corpo. Peter está ao meu lado, sua boca tagarelando o que poderia ter acontecido, estamos no fundo da sala e eu sinto falta de Beth.

- Sinceramente, o cara estava estranho na aula, ele encarava a gente hora ou outra. Andando para lá e para cá...- Peter senta na mesa e apoia o cotovelo em um joelho.

- Por onde andas Beth? - Pergunto enquanto o observo pelo os cantos dos olhos. Estranho, os gêmeos estavam juntos antes de deixar a sala, Peter não era de deixar Beth sozinha, os dois gostavam de estar por dentro de tudo das fofocas.

- Ela deveria estar por... - Peter olha ao redor da sala. - Aqui. Ela veio te chamar, mas deve ter encontrado uma distração, ou seja, está comendo um pau nas escadas do segundo andar. - O loiro diz, Peter era um homem do qual eu sempre iria me surpreender, ainda mais, da maneira como ele falava da própria irmã.

- Compreendo.

- Rapazes, boa tarde! - Xerife Bill se aproxima em passos largos. Ele me olha, me estudando minimamente.
Eu não sorrio educadamente, não é um ambiente amigável, não quando se tem um cadáver na sala.

- Eu sou Josh Bill, quem é o senhor? - Ele me cumprimenta.

- Alexandre Durvell, mas prefiro ser chamado somente pelo meu primeiro nome. - Respondo. O delegado sorri minimamente.

- Como andas Carmelita? - Peter pergunta e observo os lábios do xerife se contraírem de desanimo.

- Peter, caso não esteja em sã consciência, estamos em um local onde há um homem morto. - Bill o repreende e Peter levanta as sobrancelhas.

- Tá. Mas como ela está? poderia dizer para ela que combina com a cor vermelha.

- Peter...

- Sabe, combina com seu cabelo esquisito.

- Peter! - O xerife aumenta a voz, chamando a atenção de algumas pessoas atrás de si, Farty apenas dá de ombros, voltando a olhar o corpo.

Quando a silencio novamente, o xerife volta a me olhar, seu olhar interrogativo.
- O que aconteceu? O senhor estava aqui na sala quando ele caiu morto, não foi?

- Foi. - Digo apenas e quando não respondo, mas nada, o xerife coloca a mão entre os bolsos e franze as sobrancelhas.

- Pode me dizer como aconteceu?

- Sim. - Olho para o corpo de Donny sendo examinado por dois médicos e enfermeiros. - Senhor Monrey estava muito inquieto hoje, batia as mãos em si e hoje era o último dia de entrega do trabalho. - Olhei para o rosto de Bill, havia algo familiar ali, seria o nariz ou os olhos, eu reconhecia essa aparência de alguém. - Minha amiga teve outro compromisso então, acabei tendo que ficar depois da aula sozinho. Foi quando Monrey veio até a minha mesa e começou a me ajudar e revisar alguns tópicos. Só que...

Abaixei os meus olhos para o chão, não poderia simplesmente dizer, mas não poderia mentir para a polícia, então, eu apenas voltei a fitar os seus olhos enquanto disparava a única verdade que realmente aconteceu.

- Meu professor assumiu que havia usado uma droga.

- Droga? - Peter indaga, seus olhos azuis curiosos.

- Cala a boca, Peter. - Bill o repreende.

- Como assim droga, Alexandre?

- Eu não sei, ele estava sob efeito de uma droga, seus olhos estavam dilatados, sua respiração fadigada, o suor estava pingando pela sua testa como se estivesse acabado de sair de um banho. Minutos, mas tarde, Senhor Monrey estava caído no chão passando mal.

Os olhos de Bill estão quase fechados, é uma feição de interrogação, ele está tentando raciocinar. Lentamente. Um enfermeiro entrega uma folha para Josh, o xerife olha para o papel durante doze segundos, antes de levantar o seu olhar para o meu rosto.

- Foi encontrado resquícios de alguma substancia ao redor de suas narinas. - O xerife relata. - A causa da morte foi a princípio de infarto, portanto ele está sendo levando a delegacia para uma pesquisa maior.

Não há mais nada que eu posso dizer. Josh olha para Peter depois de alguns minutos.

- O que ainda faz aqui? Sua aula já acabou. - Bill resmunga.

- O que é velhote, tem como deixar de me dar broncas e respeitar o corpo morto que está aqui? - Peter revira os olhos e se levanta da mesa, ele me chama quando me espera na porta.

- Velhote? Olha como falas, da próxima vez eu não vou te liberar da delegacia por vagabundar bêbado por ai, você e sua irmã! - Ele resmunga, mas no seu rosto há um pequeno sorriso. Seus olhos voltam para o meu. - Como podes arrumar pessoas assim para ser seus amigos?

- Ele não é tão mal assim. - Digo o observando.

CAPITULO IX

No dia seguinte não vejo Beth, o colégio está em luto, perdemos o nosso professor e vice presidente do conselho estudantil. Ele morreu de infarto por efeitos de drogas. No dia seguinte continuamos de luto e no outro e no outro também.

Na sexta feira encontro com Beth no fim do corredor. Por baixo dos seus olhos estão vermelhos escuros, seus cabelos estão mal penteados ela não está usando um laço para amarrar sua cintura. Os seus olhos se arregalam quando me vê, seus pés tentam virar para o outro lado, mas ela sabe que foi vista. Eu franzo as sobrancelhas, olho ao redor e reparo que somos os únicos ali, me aproximo lentamente para ver se ela tem alguma reação ao contrária, nada, então eu estou a um passo de distância.

- Beth.

- Alexandre. - Ela me responde, suas pupilas cresceram de tamanho, a vejo disparar a língua para umedecer os lábios secos.

- Não tem dormido direito? - Pergunto devido as olheiras.

- São apenas alguns sonhos. Pesadelos. - A observo engolir a seco, mas de uma vez.

- Há algo em que eu possa ajudar? - Pergunto e termino de me aproximar dela, sua respiração fica alta e seus olhos surpresos, sorrio levemente e coloco um dedo em seu queixo. Os cílios de Beth batem levemente e ela abre a boca na medida em que eu me aproximo para beijar os seus lábios.

Nosso beijo é casto por poucos segundos, Beth passa os braços ao redor do meu pescoço e aprofunda o beijo, seus dentes arranham os meus lábios e suas unhas o meu couro cabeludo. Pelo jeito devemos sair do corredor, podemos ser pegos a qualquer momento.

Abro meus olhos e encaro por segundos uma porta do nosso lado, inspetor, está escrito em letras grandes na porta. Passo minha mão por trás do pescoço de Beth, ela respira fundo entre os meus lábios e suavemente a guio pela cintura em direção a porta.

A loira me tem em suas mãos, ela não reclama quando entramos no quarto sem iluminação, seus gemidos são inquietos quando ouso me colocar entre suas pernas, ela puxa meus cabelos com o rosto para trás a cada passada de língua ali. Beth se encanta pelo o ato sexual, como uma Afrodite do seu tempo. Ali, tivemos o nosso momento novamente, eu gosto de passar o meu tempo com Farty, com ela eu esqueço de Poliana e esqueço que Poliana me deixou para talvez fugir com um comerciante.

Beth deixou bem claro desde o primeiro dia que gosta de montar, gosta de estar por cima, mas ali, nesse momento eu a levei, ela deixou eu ir no meu tempo, ficando com as pernas ao redor dos meus quadris enquanto eu encaixava e a beijava suavemente.

- Eu gosto de você, Alexandre. - Beth disse em meio aos meus movimentos, sua voz ofegante e quente em meu pé do ouvido.

- Eu sei, eu também. - Eu retribuo porque também gosto dela.

- Mas por que...- Meus movimentos vão parando quando ouço um miado diferente do prazer em sua voz, eu seguro o seu rosto e aliso suas bochechas molhadas, Beth está chorando.

- Beth?
- Porque? O professor. você. Alexandre! - Beth está balbuciando e eu me arrependo de a ter trazido para o quarto quando a deveria ter levando para passear, ela está vulnerável pela a morte de Donny.

- Beth, se acalme querida. Ele escolheu a maneira que quis morrer, ele estava sob efeito de drogas...

- Não! - Ela altera a voz, sua voz tem dor e ressentimento. - Eu estive a tempos procurando alguém como você, mas você. O senhor Monrey. Ele, a meu Deus!

Me retiro de dentro de Beth e ajeito nossas rapidamente para que eu possa abraça - lá, abraça- lá fortemente. Ela soluça entre o meu ombro e pescoço, a pobrezinha deve ter visto a forma como Donny estava antes de cair morto em meus braços.

- Você viu, não é mesmo? - Pergunto e Beth assente afirmando desesperada. - Vai ficar tudo bem. - Eu digo e beijo a sua testa e depois o topo de sua cabeça, passando todo o meu conforto.

***

Estou sentado na minha mesa quando Peter se senta ao meu lado, ele está inquieto, sua perna bate contra o chão, ele parece ansioso, eu abro o meu caderno iniciando um pequeno desenho, risco a forma de um nove e depois de um seis, repetidamente, um envolta do outro, como se fosse quebra cabeças se juntando, como um redemoinho confuso. puxo um cabo e levemente vou criando os seus pequenos espinhos.

Bill entra na sala, com sua pose de delegado e herói da cidade, não preciso levantar os meus olhos para saber que é ele, pois Peter, que estava inquieto se levanta gritando pelo seu sobrenome.

- Sente-se Farty. - Ele diz rigidamente e percebo pela voz de Peter que algo não está certo, pelo o canto dos olhos, vejo o seu olhar de exasperação e expectativa. - Encontramos o corpo de uma colega de classe no fundo da escola hoje pela manhã. - Viro o meu rosto pela sala e sinto uma sensação amarga, todos ficaram angustiados. o xerife continua.

- Ainda não sabemos qual a causa da morte, pois a moça era uma mulher jovem e saudável. - Bill tem seus olhos molhados de repente. Engulo a seco quando vejo o olhar do homem mais velho

observar Peter.

- Sinto muito, Peter. Beth ela...

- Não! - Peter se levanta, ele está desesperado.

- Beth está morta.

- Não repete isso! Minha irmãzinha não morreu. - Peter grita e sua voz é de dor e angustia, ele sabe que a irmã morreu.

Olho para o meu caderno e reparo como eu desenhei uma rosa e de repente uma flor que pode significar o amor se transformou rapidamente em uma flor de luto. Meus olhos são atraídos para cima quando sinto alguém me olhando, Josh Bill, ele me observa e eu fecho os meus olhos quando eles ardem, eu sinto uma lágrima escorrer, mas não me importo que estão olhando, eu perdi uma amiga, uma amante. Eu perdi alguém que eu gosto, de novo.

CAPITULO X

O velório de Beth foi deprimido e silencioso, Peter não chorou, ele ao menos cheirava álcool. Estive ao seu lado naquele dia chuvoso, havia poucas pessoas que eu não conhecia atrás de nós, seu terno estava amarrotado e mesmo com dificuldade para riscar uma chama em meio a chuva, ele acendeu um cigarro depois do outro para conter a sua ansiedade equilibrada, mal se importando que a fumaça voasse para os seus olhos e para os olhos dos outros convidados.

- Beth amava chuva. - Peter sussurrou enquanto tragada e soltava a fumaça. - Ela não tinha frescuras de ficar lavando o seu cabelo de mês em mês, ela lavava um dia sim e dois não. - O loiro me ofereceu o seu cigarro e eu peguei, precisando consolar o meu amigo de alguma maneira, como se fosse o certo a se fazer, sinto que precisava.

- Beth gostava de ficar trepando por aí, fomos criados diferente das outras famílias, pais ausentes, mas nunca fizemos mal a ninguém, só a nós mesmo. Talvez nos embriagamos demais, ou usamos muitas drogas, mas não fazíamos o mal a ninguém.

Trago a nicotina amarga e a solto lentamente, tem um coveiro em meio a chuva forte cobrindo o buraco em que o caixão de Beth foi colocado, ele não se importa com a chuva forte, muito menos com a nossa conversa cheia de palavras impróprias para o horário. A causa da morte dela, segundo o legista e perito, foi infarto precoce, ataque cardíaco.

Peter está tão inquieto hoje, sua ansiedade é turva e densa como uma neblina, consigo senti-lo, mas não posso toca-lo.

- Beth me falou que vocês estavam se pegando. Cara, eu estava te tratando como o meu cunhado. - Eu me viro para fitar os seus olhos marejados de chuva ou de lágrimas, não sei dizer, Peter apenas está desolado.

- Eu sinto muito, Peter.

- Ela dizia que você a deixava montar, todos os caras que ela dormia a colocava para baixo, você não, você cuidava dela. E essa vida a tirou de nós.

Peter soluça, está ficando frio e as pessoas já se cansaram pois estão indo embora. A água encharcou toda a nossa roupa, observo Peter tragar o seu cigarro pela a última vez e jogar a bituca na cova ainda sendo fechada da irmã, o coveiro o encara com repudio.

- Boa noite sua vadia! - Peter grita, mas sua voz é de dor e luto e solidão. - Eu te amo. - Ele diminui a voz e chora, as pessoas que ficaram estão se afastando e olhando, mas ele tem esse direito de reagir ao luto. E está tudo bem, estamos cientes que um ser humano precisa passar pelo luto como bem querer.

- Eu te amo minha irmãzinha.

Peter Farty se ajoelha ao chão, seu corpo tremendo aos soluços constantes e choro estrangulado, ele chora pela pessoa amada perdida, pela sua companheira de sangue, pela sua aliada. Levanto os meus olhos do rapaz deprimido e, mas a frente, posso ver como Beth está bem correndo livremente nesse imenso terreno das mortes, seu sorriso aberto e cabelos sem reparos completamente loiros soprados ao vento confuso. Você era como um poema escrito na tarde de outono, descanse querida Beth Farty.

***

Peter não aparece na escola depois disso. No primeiro dia ele falta, no segundo de novo e no terceiro também. Eu estou sentado debaixo da árvore que ficávamos todos os dias rindo ou contando piada, o vento trás o barulho de Beth xingando o seu irmão. Eu estou com meu caderno de medicina, me concentrando no meu intervalo para terminar uma redação, quando uma sombra unilateral para a minha frente, eu subo os olhos apenas para seus sapatos.

Salto de bico fino e fivela da coloração rosa claro, a cor quase imperceptível, Beth não usava saltos, em seus pés sempre estavam confortáveis dentro de uma bota surrada. Acima dos sapatos estava a barra de um longo vestido da cor crepe, seda e renda, o cheiro de lavada subiu ao meu nariz e então eu levantei os meus olhos para fitar o rosto de quem me espiava.

O seu rosto era conhecido, queixo quadrado, nariz fino, bochechas saltadas, olho esverdeados, cílios, sobrancelhas e cabelos ruivos, uma cor laranja viva que poderia ser vista de longe. Seu rosto parecia com o rosto do delegado que anunciou as mortes de Donny e Beth. Me levantei, meu livro indo para o meu peito enquanto minha mão livre se posicionou em minhas costas, era uma reverência adequada para pessoas desconhecidas e de alta classe, me curvei levemente e ela se curvou de volta.

- Mil perdões por esse aparecimento repentino, é que eu era colega de Beth e de Peter, ele não tem vindo mais ao colégio, sinto que há algo acontecendo, estou preocupada. - A donzela tinha os cabelos compridos, iam até baixo de seu quadril, eles não possuíam uma curva. - O senhor sabe me dizer algo sobre ele?

- Ele está enfrentando o luto. – Digo, pois é tudo o que eu sei.

- O senhor era companheiro de... - Ela morde os lábios por um instante, e eu reparo em como suas bochechas coram. - Era companheiro de Beth?

- Tínhamos algo.

- Eu sinto muito.

- Todos nós sentimos.

A donzela continua parada depois do que digo, suas mãos se encontram na frente do vestido, depois ela bate uma na outra inquietamente e para, as colocando atrás das costas, escondendo o seu ataque de nervosismo.

- Me chamo Bill. - Ela se apresenta e eu encolho os olhos. - Carmelita Bill, pra falar a verdade, estou tão acostumada a falar Bill. Mas não gosto do meu sobrenome, não é criativo.

- Carmelita, é uma flor generosa e criativa. - Ela ruboriza. - Me chamo Alexandre.

- Eu sei. - Levanto as sobrancelhas. - Quer dizer, eu sei que o senhor se chama Alexandre, pois, estamos na mesma turma de projeto de vida. – Concordo com a cabeça, mas não estudamos juntos, em nenhuma aula.

- Nunca há vi em nenhuma aula. – Suas bochechas e pescoço estão vermelho vivo, eu sorrio minimamente. – Está tudo bem, Carmelita. – Experimento o som do seu nome em minha voz e soa perfeito. Quando a donzela respira fundo eu ouso perguntar, colocando minha mão disponível dentro do bolso da minha calça. – Por que veio aqui sozinha?

Carmelita arregala os olhos e se vira por segundos, procurando algo ou por alguém. Então volta a me fitar, ou melhor olhar ao meu redor, chão, céu, árvore e depois seus olhos param na capa do livro que estou segurando, mas nunca focam em meus olhos.

- Minhas amigas gostam muito de Peter, elas são tímidas de vim até aqui e acabar encontrando com Farty. – Carmelita finalmente me olha nos olhos, vejo sua respiração engatar um pouco antes de continuar a falar. – E então eu me ofereci para vim, já que eu não sofro com esse tipo de coisa.

- Compreendo. – Digo, e não há mais nada para dizer. Suas amigas gritam pelo seu nome por cima do sinal da escola, que acabou de sinalizar que o intervalo acabou. Observo Carmelita se atrapalhar entre ir logo até elas e se despedir de um desconhecido como eu.

- O senhor pode ir... – Carmelita chama a minha atenção, ela se distraí ajeitando uma pele da unha que se levantou, depois, pega uma mecha de seus longos fios de cabelos e enrola em seu dedo por três segundos contatos. Seus olhos brilham com coragem quando ela volta a me encarar. Eu luto com os meus pensamentos com o quão linda ela é, eu poderia tentar pintar agora com todas as cores de flores e plantas que eu conheço e mesmo assim não chegaria perto do brilho que são os seus olhos. Ou como o seu perfume é doce como mel e sua voz é melodiosa como pássaros pela manhã. Eu poderia interromper ela, mas ficaria séculos a embelezando.

Carmelita é um jarro de flores com todas as espécies.

- O senhor poderia me levar para a minha sala de aula um dia desses? – Ela me pergunta e eu demoro de dois a três segundos para responder.

- Talvez um dia, donzela Bill. – Eu sou formal, pois não tenho intimidade para falar com ela em primeiro nome, mesmo que já a chamei antes, e Beth estava aqui há um tempo atrás e eu não posso superar sua morte tão rapidamente como gostaria. Beth era diferente, eu não queria que ela sofresse algum mal e eu teria que esperar um pouco mais para poder me envolver com outra pessoa.

CAPITULO XI

Dê tempos adiante eu me encontrava com Carmelita coincidentemente em quase todos os cantos do colégio, como uma pequena perseguição inocente, era relativamente bom saudar Carmelita, eu achava gracioso a maneira como suas bochechas coravam com um simples olá, suas amigas seguiam seu exemplo, não dizendo mais que uma pequena saudação. Eu observei Carmelita de longe, em duas semanas eu pude ver que ela também estava me observando minimamente.

Percebi que a donzela tinha uma apreciação por flores conhecidas por serem fortes ao sol e pequenas como a gerânio e exóticas como a planta ave do paraíso. Após as últimas aulas, o xerife Josh Bill ia buscar Carmelita em seu carro a motor, a donzela se sentava na frente sempre, com o seu pequeno corpo magro envolto de um longo vestido de seda e saltos médios de bico fino, raramente via sua mãe, Nice Bill, de anos atrás que visitou a floricultura quando comecei a trabalhar. Eu sempre estive por perto de Carmelita, como se tivéssemos algo em comum, ou como se algo a tivesse me colocando ao seu lado. Como partes um do outro se juntando depois anos e anos.

Peter voltou a escola duas semanas e meia depois, seu corpo atlético estava magro e seus cabelos cresceram um pouco deixando fios loiros caindo entre os olhos, Farty se sentou atrás de mim na aula, ele sorriu amarelo quando me viu e pelo seu cheiro, ele não

fumava ou bebia há um tempo, ele cheirava a pinheiros no inverno, amadeirado.
No intervalo não nos sentamos na árvore, ele me pediu que sentássemos no refeitório, diante da turma agitada da universidade e quando o ultimo sinal tocou anunciando o fim da aula, Peter pulou da cadeira, sua bolsa que não fora aberta em nenhuma aula se encontrou com o seu ombro e o rapaz se inclinou na janela de vidro, observando o tempo pelo lado de fora.

- Vai chover. – Farty anunciou e sorriu, caminhando lentamente para que eu o acompanhasse até saída onde iríamos nos despedir como um dia comum.
Quando chegamos a escadaria da universidade, vi gotas gordas de chuva molharem o chão, sabia que ia me molhar a caminho de casa. Ao meu lado direito, ouvi um, dois gritos histéricos e me virei para me deparar com as donzelas Berlim, Gracie e Bill, não pude impedir que os meus olhos ultrapassassem as duas moças a frente e fitasse a ruiva atrás, quieta e serena, os seus olhos que refletiam todas as cores do mundo focados nos meus.

Eu fitei as suas bochechas altas e rosadas e como os seus lábios se curvaram minimamente, os meus se curvaram por igual. Pelo os cantos dos olhos, vi Peter sorrir sarcástico, ele se inclinou perto do meu ouvido.
- Como sempre seduzindo todas as mulheres ao seu redor, como pode? Seu idiota! – Peter resmunga baixo o suficiente, mas na sua voz soa divertida.

- Farty! – Berlim e Gracie saúdam emocionadas fazendo Peter bufar.

- Desculpe, meninas, não estou ficando com ninguém por um tempo. – O loiro coloca as mãos a frente do corpo defensivo. – Mas meu amigo aqui, Alexandre, está solteiro, escutou cabelo esquisito?

- Como é? – Carmelita está tão vermelha quanto seus cabelos, suas amigas se viram para olhar sua reação. -Não sei o que está querendo dizer com isso.

- Ah não? – Peter cruza os braços. – Eu sei que você é uma gatinha, mas está na hora de ser uma onça e agarrar o seu rapaz, um homem não vive de olhares. - Berlim e Gracie dão risinhos tímidos enquanto Carmelita cruza os braços o desafiando.

- Idiota. – Ela diz e eu mordo os lábios segurando o riso.

- Esquisita. – Um estrondo de trovão ruge dos céus fazendo a conversa acabar ali, Peter vira o seu rosto para o céu, a chuva aumentou e agora está caindo sob o vento forte.

- Peter... – Berlim se aproxima de Farty, seus cachos loiros se mexendo com o vento soprando agitado.

- Garotas, como eu disse eu não estou afim...

- Peter escuta. - Carmelita diz em voz alta e isso chama atenção do loiro, que se vira abruptamente. – Beth, sentimos tanta falta dela. Ela era a nossa amiga e queremos nos despedir dela.

-Sim, Farty. - Berlim dá um passo à frente para poder segurar na mão de Peter. – Lembraste de quando chovia e nós meninas ficávamos esperando ela passar por completo enquanto a Beth entrava em baixo d'água sorridente, com suas botas surradas e cabelos sem penteados.

Os olhos de Berlim estão marejados, a ponta de seu nariz ficou vermelha, vejo Gracie se aproximar da amiga com os olhos também marejados.

- Sentimos muito, Peter, e queremos despedir da nossa amiga aproveitando essa última chuva de outono, por que ela...

- Ela amava a chuva. – Vejo uma lágrima escorrer pelo rosto de Peter. – Beth amava a chuva. – O loiro sorri suavemente para as donzelas. – Obrigado Fran, Lizzie e Carmelita, obrigado por pensar nessa última homenagem a minha irmãzinha. O que você acha que ela diria, Alexandre?

Eu inclino a cabeça quando quatro pares de olhos estão focados em mim, esperando pela minha resposta.

- Ela odiaria a ideia. – Sorrio com a resposta e depois de três segundos todos estão rindo, pois, Beth realmente odiaria ser o centro das atenções.

Peter segura a mão de Fran e Lizzie e entra na chuva, seus pés correndo e espirrando água para todo lado, as garotas molhando os seus vestidos e sapatos caros. Sinto o calor corporal e o perfume doce de Carmelita ao meu lado.

- Deveríamos correr também. – Ela diz, mas não se move.

- Eu sugiro que retire os sapatos. – Eu me viro para Carmelita, hoje ela está com uma mecha de seus longos cabelos trançado, seu vestido é de cor crepe, como sempre ela usa, mangas bufantes e babados rendados, o seu pescoço está nu, sem nenhum pingente ou corrente.

- Pois? – Carmelita indaga me olhando entre os cílios enquanto os seus dedos se enrolam nos longos fios, eu quero deslizar os meus dedos também ali, sentir sua maciez.

- Corre o risco de a senhorita cair como Fran Berlim e Lizzie Gracie. – Os olhos de Carmelita se arregalam e ela olha para onde suas amigas partiram, sua boca se forma um O surpreso quando vê Peter se matando de rir enquanto as donzelas tentam se levantar do chão lamacento. Carmelita grava os dentes nos lábios carnudos, mas sua risada escapa mesmo assim. Eu sinto vontade de segurar o seu ombro e sentir como ele se mexe quando a sua gargalhada fina preenche o barulho da chuva. – Você é linda. – Carmelita me fita divertida, seu rosto se inclinando para perto do meu.

- Perdão? Podes repetir?

- Alexandre! Esquisita! Venham, venham ver de perto as donzelas mais bonitas da universidade molhadas de chuva! – Carmelita se afasta rapidamente, seu rosto vermelho como pimenta, ela me olha

timidamente antes de tirar o salto rosado e correr para a chuva, se molhando junto aos outros.

- Você vem, Alexandre? – Carmelita pergunta em meio a chuva e afirmo, colocando minha bolsa no chão ao lado das outras e meu sobretudo por cima, de uma vez eu entro dentro da água fria de outono.

Eu sorrio em meio as brincadeiras, em questão de segundos nossas roupas estão encharcadas, Peter está tão sorridente quanto antes, Beth não está aqui, mas comemoramos, pois, ela esteve aqui e irá fazer falta futuramente. Descendo a rua na estrada chuvosa, a uma poça empossada de água, Farty se deita, seu corpo espira água quando cai. No começo as moças o olham com dúvidas, mas quando o rapaz relaxa no chão Fran e Lizzie caem ao seu lado, sorrisos amargos enfeitando os seus rostos. Me deito a dez palmos de Lizzie e fecho os olhos, ao meu lado direito escuto um barulho de alguém caindo contra a água e eu sei que Carmelita está ali, eu posso sentir os seus olhos me queimando, por isso, eu abro só um olho para confirmar a minha conclusão. Os olhos coloridos de Bill estão focados em meu rosto, seus cabelos estão grudados na testa, bochecha e pescoço e eu sei que os meus estão grudados na testa.

Abro o outro olho e viro minimamente a minha cabeça para lhe observar melhor. Seus olhos piscam lentamente e de longe vejo suas pupilas dilatarem. Eu a tenho.

Ergo minha mão no chão e Carmelita me observa por dois segundos contados antes de erguer sua mão lentamente e segurar os meus dedos com os seus gélidos e molhados. Resisto a levar sua mão aos meus lábios e beijar, ao invés, volto a fechar os olhos e sentir as gotas gorda de água cair rapidamente em meu rosto e corpo, causando um formigamento inofensivo e lavando a minha alma. Eu entendo o porquê Beth gostava da chuva.

A chuva é um meio de purificação que Deus deixou a suas criaturas.

***

No dia seguinte o céu amanheceu ensolarado, estava quente

demais para que eu usasse meu sobretudo, por isso, estava apenas com minha camisa social enfeitada com o suspensório. Peter e eu estávamos descansando na sombra da árvore, Peter estava tagarelando sobre Fran. Mas tudo o que você dizia não chegava por completo em meu entendimento.

- Seu sorriso é tão simples, seus cabelos douradinhos, ela é fofa... - Eu penso em como Carmelita escolhe suas roupas pela manhã, ou seus penteados. Penso em como ela deve ser cuidadosa ao escolher seus sapatos e como ela rega suas flores na janela, aquelas mesmas flores que sua mãe a ajudou a escolher quando mais nova. Imagino suas mãos se encaixando na sua luva rendada e por conta do sol forte, Carmelita erguer uma sombrinha para proteger sua pele branca e rosada, os seus olhos, o que falar dos seus olhos esverdeados, do núcleo colorido que eles tem, violeta, azul, amarelo, como um portal para outro universo.

- Alexandre?

- Sim? - O seu perfume tão doce enfeitando o vento, fazendo qualquer flor cheirar menos, sua pele absorvendo o perfume diante de uma janela aberta com pequenas frestas de luz entrando.

- 'Tá pensando em que? - Pisco, espalhando a imagem de Carmelita dos meus olhos. - Ham?

- O que é, Peter?

- Está pensando em que?

- Nada.

Peter se senta e me olha com desgosto, sua boca se movendo em resmungos agitados. Eu coloco Peter em silêncio, meus ouvidos silenciam a sua voz áspera, isso acontece, pois, atrás de si, Carmelita está passando, lentamente, o vento soprando seus cabelos, a sombra bipolar da árvore desenhando sua pele, ela parece uma obra prima, desenhada por um ser divino e pecaminoso.

Seus lábios vermelhos brilham e seus cílios laranjas piscam abertamente, seus olhos focados aos meus, ela sorri caprichosamente sem mostrar os dentes e eu não tenho forças para sorrir de volta, ao invés disso eu a encaro, por seis segundos contados.

O mundo ao meu redor continua e continua a se mover, Fran desliza para os braços de Peter enquanto a Lizzie a puxa pelo braço para se levantar, mas mesmo o mundo girando, eu ainda estou perdido na fração e mistura dos seus olhos, de como as suas delicadas mãos seguram seus livros e de como sua clavícula exposta forma uma linda curva com o seu pescoço. Peter se levanta, ele me puxa pelo o braço para te acompanhar a ficar de pé, está tudo tocando como uma vitrola, mas, o meu disco está arranhado e eu não consigo sair do encantamento dessa donzela e nem sei se sair é o meu desejo.

Cerca de meia hora depois, estamos no pippo's coffe, as três donzelas estão sentadas à minha frente e Peter ao meu lado. A conversa é sobre profissão, a universidade vem atualizando vidas, em alguns anos atrás uma mulher era proibida se estar em uma.

Lizzie e Fran comem batatas enquanto tomam sorvetes como bebida, Peter se contentou com um hambúrguer e eu estou com um lanche natural no prato, ainda intocável. Olho para o canto de Carmelita e a donzela apenas se hidrata com um copo de água gelada. Suas amigas ignoram esse fato de a ruiva não estar se alimentando, então só me resta ignorar também, não cabe a mim falar alguma coisa.

- Carmelita quer ser artista, suas mãos pintam tão bem, não é mesmo? - Fran pergunta a Carmelita que balança a mão com desdém.

- Eu concordo. - Lizzie resmunga.

- Artistas ganham tão pouco, mas em questão de finanças tudo bem, já que seu pai lidera a delegacia. - Peter sorri de boca cheia.

- Não tenho nada a ver com o meu pai. - Carmelita replica, seu indicador desenhando no vidro embasado do copo.

- Que coincidência, Alexandre também não, olha, ele é jardineiro.

- Jardineiro? - Lizzie indaga com as sobrancelhas levantadas.
- Trabalho nas horas vagas na floricultura da minha mãe. - Respondo e Lizzie pisca.

- Floricultura? O senhor conhece sobre flores?

- A maioria delas.

- Incrível...- Fran diz e segura a mão de Peter por cima da mesa. - Para me conquistar deveras saber sobre a maioria das flores.

- Jura? Eu não sabia que eras tão difícil, achei que havia conquistado com uma coisa mais dura e...

- Peter. - Eu o corto, palavras inadequadas e as moças estão vermelhas, Fran e Lizzie dão risadinhas emocionadas.

- Eu não minto, Alexandre, digo isso pois é a verdade! - Peter sorri pegando uma batata do prato de Fran.

- Poupe-nos. - Peter revira os olhos.

- Se importam. - Carmelita começa e trava, seus dedos deslizam pelo o copo molhado, mão esta vermelha devido a temperatura da água. - Se importam de eu sair por instantes?

- Nenhum pouco, Carmel. - Lizzie resmunga. Carmelita se levanta rapidamente e em passos precisos, sai do estabelecimento.

- Pare de ser grossa, Lizzie. - Fran repreende. - Ela não anda comendo direito, problemas em casa, lembra?

- Eu esqueci, desculpa.

- Ah. - Peter joga os braços atrás da cabeça. - Vá atrás do cabelo esquisito, Durvell. - Fito Peter, seus olhos azuis serenos e limpos

como o céu, ele cortou os cabelos de ontem para hoje.
- Não é como se você não pensasse nesse momento o dia inteiro.

Ele pisca e eu afirmo com a cabeça antes de decidir me levantar e andar por onde Carmelita andou. O ar fora do pippo's coffe é quente e abafado e na frente do estabelecimento não há sinal da ruiva, eu dou passos para o lado por trás do local. Em uma árvore afastada Carmelita se reforce próximo ao chão, caminho lentamente me aproximando. A moça vomita o líquido que ingeriu a minutos anterior. Quando vejo que os refluxos pararam, me agacho ao seu lado no chão.

- Carmelita.- Os seus olhos estão molhados quando se viram para me olhar.

- Onde o senhor mora, Alexandre? - Ela pergunta ousada.

- Há alguns quilômetros.

- Me leve para conhecer. - Ela pede e eu levanto a mão lentamente para o seu rosto, mas paro antes de tocar, descendo minha mão para meu joelho novamente.

- Levar-te ao meu lar?

- Sim.

- Isso seria inadequado.

- Por favor, eu nunca pedi algo tão íntimo a alguém, ninguém saberá. - Carmelita me olha entre os cílios e eu suspiro fundo e expiro lentamente.
Eu não poderia discordar de uma moça me pedindo com os olhos molhados. Abri a porta de casa para Carmelita entrar, ela não tirou os sapatos, mas colocou sua sombrinha por trás da porta. A observei a cinco passos de distância os seus olhos curiosos investigando a casa onde eu cresci.

Olhei para o relógio de parede, era três horas da tarde, Jeny e Robert chegariam após às cinco. A vizinha que cuidava de minha

avó saiu a poucos minutos. Caminhei até a sala, o rádio estava ligado no volume para minha avó adormecer, mas os olhos de Anna ainda estavam abertos e olhavam para Carmelita surpresos.

- Essa é a minha avó. - Digo quando Carmelita me olha com dúvidas. - Vovó, essa é Carmelita, aquela flor mais bonita que encontrei no jardim.

- Oh, Alexandre, não fale assim.- Carmelita ruboriza e se curva a Anna.
- A senhora é adorável.

Anna não responde, o que é esperado, então, Carmelita começa a subir as escadas, eu a acompanho. Sua pessoa passa por todos os cômodos até chegar em meu quarto. A ruiva entra no local e observa quieta, sua mão desliza pela minha cama bem feita.

- Organizado.

Não respondo seu comentário. Carmelita se levanta e se aproxima rapidamente, seus passos são ligeiros e não consigo contar o tempo em que se aproxima de mim e me segura pelo rosto, seus lábios batem contra os meus violentamente chegando a sentir o gosto de sangue, e eu me afasto por desgosto, mas Carmelita continua a beijar.

- Não...- Eu consigo resmungar enquanto a donzela me empurra para a cama e prende os seus dentes contra os meus lábios. - Carmelita!

Carmelita abre os botões de minha camisa agressivamente, tendo certeza que botões estouraram e caíram no piso. Sua língua é quente ao deslizar pelo o meu peitoral, ela lambe o meu mamilo e eu a empurro pelos ombros para sair de cima de mim. Eu não percebo o segundo, mas, Carmelita soltou o seu corpete e a parte de cima de seu vestido acabou de cair. Eu seguro o ar na minha garganta ao ver Carmelita metade despida, sentada no meu colo. Eu fecho os olhos com força, está perto e rápido demais.

- O que há? Não gosta? - Ela me pergunta e sua voz destruída e sussurrada.

- Não é isso, está apenas rápido demais. - Eu fito seus olhos seriamente.

- Achei que era hora de me tornar uma onça.

- Não leve a sério a tudo que o Peter diz.

Eu seguro suas mãos quando os olhos de Carmelita se lagrimejam por vergonha, suas bochechas vermelhas carmesim.

- Desculpe...

- Está tudo bem. - Eu me sento e ainda com a donzela em meu colo, eu seguro um fio de seu cabelo e o coloco atrás da sua orelha, é tão macio quando pensei. Carmelita está tão próxima que consigo sentir o seu hálito doce. - Me deixa cuidar de você?

Ela não responde a princípio, mas o seu silêncio não é assustador, aliso o seu maxilar quadrado, até que meu dedo pause na curva entre seus lábios carnudos e o seu queixo, olho novamente para os seus olhos.

- Me deixe cuidar de você, Carmelita?
A donzela Bill acena afirmando e sua confirmação é tudo o que eu preciso para poder rir, minha risada é alta e eu tenho certeza que Anna consegue ouvir por cima do rádio baixo na sala, e eu tenho certeza que Carmelita também pode ser ouvida:

- O que... Alexandre!

CAPITULO 12

A interrupção do seu sono profundo pode causar o aumento transitório da frequência cardíaca e da pressão arterial, o seu coração bombeia sangue rapidamente e a adrenalina está em suas veias, fazendo o seu cérebro ficar pronto para atacar uma ameaça ou fugir dela.

Eu escuto o barulho de batidas altas vindo do andar de baixo, no início o meu corpo pesa, me deixando na beira da inconsciência e logo após a adrenalina é liberada eu acordo brutamente, os meus olhos se abrem na escuridão e além do barulho alto do meu coração, eu consigo ouvir o esmurro que porta de entrada da minha casa está levando, as batidas são seguintes umas das outras, alguém quer muito entrar por desespero, penso.

Os meus olhos se ajustam com a luz da lua entrando pela beirada da janela e quando ouço os passos de Jeny e de Robert soar contra o piso de madeira lisa do corredor, os meus olhos voltam a se fechar.

Eu conto, são doze minutos até Robert chegar a porta e abrir, logo em seguida escuto um murmuro agitado e nervoso, o som é abafado, mas eu reconheço o ruído do seu timbre, delegado Bill. Eu suspiro enquanto passo as mãos pelos meus cabelos, me recordo de Poliana, Jeny foi a delegacia, o senhor Bill poderia estar aqui para anunciar que encontrou a nossa governanta desaparecida. Me sento na cama e lentamente me levanto, o chão é frio contra os meus pés descalços e quentes, abro a porta e me encosto na moldura dela fechando os olhos quando os sons de suas vozes ficam altas e ouvintes.

- Eu só preciso saber onde que ele está, preciso de uma pista! - O delegado é rude.

- Entendo que o senhor é o delegado. - Jeny soa irritada, ele sempre é quando algo sai dos trilhos. - Mas como pensas que pode vir a minha casa, nesse horário e ter autoridade para fazer o que quiser?

- Jeny, calma! - Meu pai exclama e eu imagino a cena dele colocando um braço em sua frente, para evitar que ela machuque o delegado da cidade.
- Senhora Durvell, eu só preciso falar com o seu filho-

- Meu filho está descansando, ele vai ao colégio, cuida da avó e

ainda faz extras no serviço, volte depois! - Jeny grita e eu tenho certeza que está gravando as unhas no braço de Robert, provavelmente Anna iria acordar nesses instantes, assustada. Ainda me pergunto sobre se alguém poderia passar mal ao acordar brutamente. Não querendo correr o risco, eu saio de porta e ando lentamente para a confusão, meus pés para no início da escada, mas Bill já me viu e está entrando na casa, Robert segura Jeny pela cintura com os dois braços e se afasta do policial para que minha mãe não consiga agredir o homem.

- Alexandre! - Bill me cumprimenta e eu desço a escada parando em sua frente.

- Senhor Bill, no que podemos ajuda-lo? Acredito que esteja um pouco tarde? - Reparo que por baixo dos seus olhos tem bolsas de olheira escuras, sua barba rala está sem fazer o que parece ser dois dias, sua roupa está amarrotada e seus sapatos surrados.

- Vou logo ao assunto, onde está Carmelita?

- Como? - Engulo a seco, o desespero subindo pelo o piso do chão e agarrando as minhas panturrilhas, a sensação de perda arranhando o meu peito com unhas afiadas e fortes. Parece que não escutei com clareza, mas eu escutei, observo os lábios do Josh se moverem e me obrigar a focar no que ele informa.

- Carmelita está desaparecida há três dias, dias insuportáveis e malditos! - Bill rosna.

- Carmelita? - Eu respiro fundo, não me importando de como minha voz esta baixa, eu não vejo Carmelita há três dias, eu prometi cuidar dela da última vez que a vi e simplesmente me contentei com o seu desaparecimento repentino.

- Não se faça de tolo, onde está a minha filha?

- Eu não sei! - Eu sinto como o meu coração está disparado e como

ele parece que vai saltar pela a minha boca a qualquer momento.

- Me disseram que o senhor foi o último a se encontrar com ela. - Josh Bill está nervoso, o fogo queima os seus olhos como chamas vivas prontas para destruir o mundo, suas mãos agarram a cola da minha camisa para dormir e me puxa, o seu hálito de café vencido respingando em meu rosto enquanto grita e expõe o seu ódio. - Seu pilantra! O que fez com a minha menina! Eu vou te matar!

- Eu sinto muito! - Eu digo e não posso evitar de me sentir humilhado, a dor cercando o meu bem estar, só consigo imaginar o rosto de Carmelita, seu desaparecimento e de como ela foi delicada ao me olhar. - Eu não vejo a sua filha exatamente três dias.

- Mentiroso! - Meus olhos ardem, eu odeio a sensação familiar de perda e de como essa sensação parece estar presente na minha vida ultimamente.

- Eu juro, ajudei Carmelita e me despedi, ela se recusou a minha companhia, eu insisti para levar ela até o ponto de embarque, mas ela disse que ficaria bem pois iria encontrar o senhor! - Eu falo rápido sentindo o gosto amargo subir pela a minha garganta.

- Larga ele, delegado! - Jeny suplica por cima da minha voz e Bill larga a minha roupa, fazendo com que eu tropece em meus próprios pés e tropeço no último degrau da escada, caindo ali.

- Eu não sabia que ela está desaparecida, eu suplico delegado, me deixe ajudar na busca, eu preciso tentar encontrar ela. - Sinto uma lagrima descer pelo o meu olho esquerdo. Bill anda pela a sala, suas mãos vão para a nuca e depois ele bate com a cabeça na parede parecendo exausto.

- Há um grupo de busca trabalhando com isso, estão percorrendo todo o lado sul. Amanhã assim que o sol raiar iremos estar na rua principal da south downtown, eu não admito um minuto de atraso. - Josh expira agitado e segura a porta com a mão direita. -

Desculpem o incomodo senhores. - E assim, a porta se fecha brutamente e Jeny cai ao meu lado meu puxando para os seus braços finos, Robert continua parado, a pequenas manchas de sangue em sua camisa, Jeny precisa se expressar de alguma forma.

Carmelita. Carmelita. Carmelita.

O seu nome repete em minha mente, mais uma vez, parece que eu estou em um pesadelo sem fim, onde todas as pessoas morrem ou desaparecem, eu soluço cansado no ombro de minha mãe. Levanto os meus olhos para Robert e consigo perceber a dúvida que está gerando ali, mas leva apenas dois segundos para desaparecer, Robert se senta ao lado de Jeny e me abraça de lado, suas mãos confortando minha cabeça.

- Eu não admito que façam isso com o nosso filho, Robert, da próxima vez eu o mato.

- Pare de besteira, Jeny. Alexandre vai ajudar a encontrar essa moça. - Vejo meu pai sorrir confiante quando me viro para ele.

- Ela é muito importante para mim, demais. Não posso perder Carmelita...- Meus olhos derramam lagrimas e meus pais voltam a me abraçar. Não acho que irei conseguir voltar a dormir, os meus olhos vão direto para a janela no final do hall, do lado de fora está escuro e a luz da lua não consegue chegar aqui. É assim que me sinto por dentro. Sem Carmelita sou um completo breu, sem estrelas e luz, apenas solidão e escuridão.

CAPITULO XII

No momento em que me imaginei sem carmelita eu fiquei desesperado, a sensação de abandono foi como a dor da rejeição que cresceu no meu amago. Eu vi tudo passar diante dos meus olhos em câmera lenta, levantei durante cinco dias pela madrugada, antes do sol raiar e me compareci no local onde Josh disse, todos os dias, pontualmente.

O local era em South downtown, na Trinity ave sw, o começo da rua era próximo a maior floresta de Geórgia, por isso, possuía luzes a gases tão mal iluminadas que o lugar parecia sombrio. Assim que cheguei andando até o ponto de encontro, vi pessoas do colégio se amontando aos poucos, damas com casacos de pelos reforçados, a temperatura havia caído tragicamente nos últimos dias, o inverno chegou rigoroso, ainda não era 28 de novembro, mas no ar pequenos e quase imperceptíveis flocos de neve começavam a cair lentamente. Eu me encostei em uma parede afastada dos outros como fiz nos dias anteriores, a exaustão de estar levantando cedo estava acabando com a minha mente e eu imaginava estar acabando por fora também como os outros. Olhei para o céu quando começou a clarear, mais cinco minutos estaríamos começando a busca, onde ficava as florestas nada habitáveis, ali seria um ótimo lugar para carmelita se esconder, a moça de cabelos vermelhos selvagens tinha uma paixão por horizontes verdes, mas não sei o que ela iria encontrar nesse local na pior época do ano, árvores secas, frio com ventos turbos e irregulares, chão deslizante apenas com gelo... Eu não conseguia pensar na donzela naquele ambiente.

Carmelita parecia uma fada, pura e ingênua, onde seus pequenos pés tocariam em um agradável gramado vivo e pequenas orquídeas grudariam em seus longos cabelos.

Como dito, os grupos se separaram em frente a floresta, eu fiquei com o grupo dos irmãos Jheiz, que era uma moça que usava aparelho dental externo e seu irmão mais novo aproximadamente oito anos que nunca largava a barra de sua calça, o garoto possuía sardas nas bochechas e ambos irmãos tinha uma feição tristonha. O grupo também tinha a senhorita Dustin que tinha problemas de audição e tinha por volta dos seus trinta e sete anos, ela sorriu para mim quando começamos a entrar na floresta sem fim, eu sorri de volta por educação e caminhei ao lado dos irmãos.

Carregávamos conosco um apito e uma pequena pistola de barulho, para caso encontrássemos Carmelita avisássemos a todos de uma

só vez. Andamos sete quilômetros, o sol já se encontrava no centro do céu por dentro das nuvens pesadas de água.

- Vou me sentar um pouco. – Senhorita Dustin anunciou com a sua voz falha ao se deixar cair perto de uma árvore, os irmãos seguiram seu exemplo, puxando as roupas para perto de si e esfregando as mãos umas nas outras. - Irei montar uma fogueira e almoçamos.

- Não vai se sentar, senhor Durvell? - A irmã Jheiz perguntou e eu neguei com a cabeça, um sorriso de agradecimento enfeitando os meus lábios.

- Obrigado, senhorita Jheiz, irei continuar procurando pela donzela Bill.

- Deveria descansar, Durvell. - Senhorita Dustin falou, sua voz trêmula e insegura por nunca escutar sua própria fala durante anos e anos.

- Eu descansei mais tarde, irei por outro lado, logo alcançarei vosso grupo. - Ditei-me e me virei, seguindo para o norte.

O cheiro de plantas e terra molhada era tão familiar quanto o cheiro de casa, crescer em um ambiente onde a vida das flores são importantes me fez ver que eu estava cercado por vidas, seja da menor erva daninha até um pássaro voando por cima da minha cabeça. Aquele era o meu lar.

O sol da manhã havia caiu dois oitavos, o frio aumentava durante a tarde e os raios solares sem calor entrava pelos galhos sem folhas devido a estação, observei um pequeno floco passar diante dos meus olhos, ele parou na ponta do meu nariz e eu respirei, o bafo quente visível diante do ar cortante, logo ninguém conseguiria ficar na rua por causa da baixa temperatura. Olhei para trás, vendo o meu grupo conversando enquanto compartilhava um sanduíche e esquentava algumas latas de ensopado, eu respirei fundo novamente e comecei a caminhar para o sul, não teria o dia todo para procurar e não poderia esperar até eles terminarem seus lanchinhos.

***

- Alexandre?

Eu abri os meus olhos diante do meu nome citado, a voz de Peter estava rouca, eu o observei com os olhos semicerrados, meu amigo estava com roupas escuras e luvas cinzas, a ponta do seu nariz estava vermelho e seus cabelos estavam com flocos de neve enfeitando, ele levantou as sobrancelhas, parecia exausto.

- Farty.

- O que está fazendo aqui? – Ele perguntou alto. – Não deveria estar do lado norte?

- Eu me distanciei do meu grupo, eu queria tentar entrar mais para dentro da floresta. – Eu suspirei, não havia encontrado nenhuma pista da donzela Bill.

- Não pareceu que estava entrando mais para a floresta, você estava dormindo? – Peter indagou agitando os braços ao lado do corpo, sua testa enrugando de incompreensão.

- Estou caminhando desde a manhã. – Me levantei do chão ao lado da concha da árvore onde eu estava deitado por alguns minutos, ela tinha uma grande curva e protegia o chão abaixo de si de qualquer coisa que caísse do céu. – Estava descansando um pouco.

- Descansando? Você não está ciente que há alguém desaparecido? Como pode pensar em descansar? – Peter esta vermelho, possivelmente duvidas obscuras passando por sua mente.

Poliana. Donny. Beth. Carmelita.

- Eu estou ciente, mas não sou uma máquina, também preciso de tempo para respirar.

- Tempo para respirar. – Peter repete o que eu disse e eu me aproximo, suas pupilas se abrem e fecham rapidamente, seus olhos me lembram de Beth, a cor azul viva das suas ires demonstrando

facilmente as suas emoções. - Ouviu dizer? Que pode ser que a morte de Donny e Beth tenha sido intencional?

- Intencional como assassinato? – Pergunto e Peter assente. – Impossível, foi infarto.

- Os legistas estão suspeitando que seja uma causa natural, em vista que ambos eram saudáveis. – Peter olha para os sapatos por seis segundos e em seguida seu olhar fica agitado ao me encarar nos olhos. – Me pergunto o que você está fazendo nessa região.

- Como? – Indago estranhando a rivalidade em meu amigo.

- Essa região não tem passagem para outros horizontes, não tem o porquê Carmelita ter sido trazida para esse abismo, o delegado informou antes da nossa partida, então... Por que Alexandre? O que estava fazendo nessa parte da floresta?

- Eu já respondi, precisamos procurar até de baixo de uma caixa. – Digo, completamente fora de contexto com o que Farty diz.

- O que estava fazendo descansando aqui? Não está preocupado com Carmelita? – As pupilas de Peter se dilataram, prestando atenção como um gato prestes a pegar a sua presa.

- Eu entendo Peter, estamos perdendo as pessoas do nosso ciclo social, mas eu estou no mesmo barco que você, sabes o quanto estou à procura da Bill.

- Eu não sei de nada. – Peter rosna se aproximando o bastante para me empurrar. – Só sei que você está perto de todos.

- Eu acho que você está dormindo muito pouco. – Digo colocando a mão em seu ombro para tentar passar alguma confiança. – Por favor meu amigo, eu quero que você descanse, eu preciso do seu apoio agora. – Os olhos de Peter ficam surpresos por um segundo. – Eu preciso de você com sanidade o suficiente, eu não conseguiria superar essa dor sem você ao meu lado.

- Alexandre...

- Eu sei, eu sei que dói, mas eu preciso que confie em mim, vai ficar tudo bem, amanhã é outro dia. Eu posso contar com você meu amigo? – Eu pergunto, Peter não me responde, mas seu silêncio e olhar me passa a confiança que eu preciso naquele momento.

CAPITULO XIII

Sinto a paz no interior da minha casa, depois de sete dias procurando por Carmelita, Josh resolveu diminuir as buscas por causa de uma nova morte na área por onde estávamos procurando pela donzela. Eu me aconchego na poltrona, minha avó está sentada de frente para o jardim como sempre, seu corpo quieto respirando suavemente no ritmo da opera que toca na vitrola. Jenny e Robert chegaria por volta das cinco horas, ambos ocupados com o trabalho. Suspirei cansado, não tínhamos nem um pequeno sinal de Carmelita, ela simplesmente sumiu como uma sombra no escuro, sem deixar pistas...

O som da música na vitrola era leve, preenchia os cômodos da casa, mas não o bastante para evitar que eu escutasse o auto barulho de motor que vinha do lado de fora, passei as mãos nos cabelos antes de me levantar da poltrona e me dirigir até a cozinha.

Lentamente, peguei uma chaleira e me inclinei sobre a pia, enchendo a com água morna direto da torneira, depois me virei para o fogão e coloquei mais lenhas para o fogo ficar alto, quando as chamas estavam quentes o suficiente eu fechei a porta de ferro do fogão e encaixei o bule cheio de água na sua boca recém esquentada.

Por cima do som calmo, eu escutei o barulho alto da porta da frente, um punho bateu forte, nada suave como pessoas serenas faziam. Liguei a torneira, o som da água caindo pelo o ralo abafando as batidas da porta, me orientei para pegar algumas ervas frescas da cesta que Jeny trazia direto da horta da floricultura, demorei seis segundos para escolher as melhores plantas e comecei a lavar. A porta soou alta novamente, agora o barulho sendo rude, como socos raivosos, olhei para o corredor que dava para a sala de estar,

quieto como a noite, se ainda tivéssemos uma empregada ela já teria atendido a porta.

Minhas mãos foram para os armários e eu me certifiquei de pegar as melhores xícaras e talheres, seja quem batesse na porta, eu iria recebê-lo bem.

O bule cantou, finalmente anunciando que a água ferveu, eu abri a tampa e com cuidado, despejei ervas lavadas e bem escolhidas, o cheiro forte de hortaliça subindo agradavelmente pelo o ar.

A porta soou estridente, dois, três, quatro socos altos o suficiente para quem está no andar de cima escutar, mesmo se esse alguém estivesse no sótão. Coloquei a bandeja com duas xícaras, um açucareiro e um bule com chá de ervas verdes, a respiração de Anna estava agitada, imaginei que as batidas da porta haviam acabado por assustar ela. Segui finalmente para a entrada da frente, olhando por trás das cortinas da janela para conferir se o indivíduo ainda estava ali.

Ele estava, Josh Bill, tão vermelho que eu podia ver, se quisesse, fumaças saindo de sua cabeça, me afastei da janela e girei as chaves da fechadura, o vento frio tocou o meu rosto e tristemente eu sorri educado para o delegado da cidade.

- Senhor Bill, com o que posso ajudar?

- Demorou para atender, Alexandre, como vai?

- Estava com a vitrola ligada, sinto muito, não era minha intenção fazer o senhor esperar.

- Sem problemas, se importa se conversamos um pouco? - Josh não dormia a dias, seus olhos cansados e cabelos bagunçados mostrava o quanto esse homem estava preocupado. Me afastei da porta para que o xerife pudesse entrar em minha residência, eu o acompanhei até a sala de estar e ainda com ele de costas para mim, observei rapidamente o teto de cor amarela da minha sala, o lustre alaranjado com velas apagadas enfeitando e deixando o

ambiente mais receptivo para visitas. Josh se virou, seus olhos focados nos meus.

- Sente-se, xerife, acabei de preparar um chá de ervas frescas. - Josh olhou para a bandeja, eu vi a pergunta surgir em sua mente, esperei por ela, mas ela não veio, Josh apenas se sentou e eu ofereci meus favores a ele. Quietamente eu desejei o liquido esverdeado em seu copo, o vapor subindo diante dos meus olhos.

- O que há com a senhora? - Bill indagou me olhando enquanto oferecia o chá para os recipientes.

- Ela sofreu de avc anos atrás, o ataque a impossibilitou de mover o corpo. - Olhei em seus olhos acobreados. - Açúcar?

- Não, obrigado.

- Não há de que. - Oferecendo a xicara cheia para o delegado e colocando dois cubos de açúcar na minha, eu me sento de frente a Josh, minhas pernas se cruzam como um habito.

- Estou desconfiando que há um assassino a solta. - Mexi com uma pequena colher o meu chá. - Um assassino em série que mata da mesma forma.

- E como seria esse assassinato? - Pergunto, aproximando a xícara do meu nariz e cheirando o calmamente.

- Não sei como deduzir, seria com métodos medicinais, talvez? Algo como colocar ar em uma veia direto para o coração, assim, afetaria o processo de bombeamento de sangue e causaria um infarto. - Olho para Josh. - Nunca fui bom em biologia, ou áreas humanas.

- Mas então o assassino teria de ser muito próximo da sua vítima, não? Até porque, o pescoço é uma parte vulnerável, não é qualquer pessoa que se aproxima para tocar ali.

- Não cheguei a dizer que a parte era o pescoço. - Josh fica rígido.

- E precisa? Eu estudo biologia e áreas humanas, sei como funciona.

- Peter foi encontrado morto, do outro lado da floresta. - Eu bebo um pouco do meu chá quente, as ervas ficaram fortes.
- Não entendo o seu caminho, já que pedi que ninguém andasse fora do indicado no mapa. - Fecho os meus olhos diante da lembrança do corpo do meu amigo saindo da floresta por baixo de um pano negro.

- A causa da morte? - Pergunto, pois, não consegui obter informações sobre o caso, meu lado humano se sentindo cansado demais de perder pessoas.

- Ataque cardíaco. - Abro os olhos quando escuto a colher bater contra a louça da xícara, Bill está mexendo o líquido. - Como Donny e como Beth.

- Compreendo e é terrível ouvir isso, eram pessoas tão novas.

O silencio reveste o lugar, Bill não toma o seu chá, nem ao menos prova, em vez disso ele fica apenas mexendo no liquido. Vejo tal ato como parte para tirar o estresse, logo que, não há nada para misturar ali. Escuto a respiração de Anna se alongar como um suspiro.

- Não está com medo de ser o próximo a morrer?

- Não, sabemos que vamos morrer desde o nosso nascimento. - Josh para o movimento da mão, forçando um silêncio bruto.

- Me pergunto se Carmelita sofreu esse assassinato também.

- Foram ataques cardíacos. - Insisto pois, essa é a única maneira lúcida que vejo.

- Eu não entendo o porquê o assassino não se entrega, visto o tão covarde és para ficar matando inocentes.

- É isso que assassinos fazem, não? Matar inocentes, eles vivem por isso.

- Eu daria uma pena menos desagradável para o culpado. - Josh exclama e eu levanto uma sobrancelha.

- Jura? Eu não consigo entender a razão, ele é um assassino e assim que for pego será morto.

- Eu não o julgaria com pena de morte. - Bill diz e trava o seu maxilar, ele não demonstra em receio de mentir, seus olhos não piscam diante do ato. - Alexandre, seja sincero, onde escondeu Carmelita?

- Podes repetir? - Pergunto e tomo o ultimo gole de chá da minha xicara, Josh não bebeu o dele, nem ao menos experimentou.

- Acabe logo com esse transtorno, onde esta Carmelita, o senhor a matou como fez com os outros?

- Eu não sou o assassino.

- Eu sei que és.

- Possui provas? - Pergunto, meu ar está suspenso, vejo minha avó prender a respiração, Josh nega.

- Não. Mas eu irei encontrar. Eu estou diante do assassino em série, como mata as vítimas?

- Não sei do que está insinuando com isso.

- Com veneno? Eu nunca fiquei tão curioso como eu estou com esse caso. - Eu não respondo Josh, pouco me falta vontade de conversar, perdi meus amigos e a dama a qual entreguei o meu coração está desaparecida, coloco minha xicara na mesa de centro. - Onde está Carmelita, Alexandre?

- Senhor Bill, acredito que seu chá esfriou e que seja a hora de se retirar.

- Vai fugir como um rato? - Sua voz aumenta e ele se levanta do sofá exageradamente, fazendo a xicara se espatifar no chão e o liquido escorrer por todo o piso. - Diga Alexandre Durvell, ondes estás a minha filha? - Josh grita alto o bastante para todos os cômodos da casa ouvir.

- Estou procurando com o grupo de busca e ainda não encontramos nada.

- Carmelita? Estas aqui Carmelita? Eu sei que você está viva ainda, filha!

- Senhor Josh Bill! - Grito por cima da voz do homem que começou a enlouquecer dentro de minha casa. - Está assustando a minha avó, por favor, eu peço que se retire da minha casa!

- Eu não irei sem a minha filha, nem que para isso eu tenha que procurar por todo esse lugar! Carmelita?

- Hum...

Um único murmuro e tudo fica em silencio, Josh se vira apressadamente para Anna.

- Hum... - Ela repete tremula não escuto a voz de minha avó há muitos e muitos anos, lentamente eu me viro para ela, sua boca está aberta tentando murmurar alguma coisa, seu olhar é de pavor e os dois estão molhados com lágrimas não derramadas.

- Eu peço que o senhor saia da minha casa, agora senhor Bill, minha avó não pode passar por devidos estresses.

- Compreendo. - Josh respira, seu olhar distante, penetrando o olhar de Anna. - Me desculpe por isso, me exaltei, Alexandre. - O delegado não me olha nos olhos, me mostrando que suas desculpas não são verdadeiras, mas então, ele se apressa e diante da porta aberta, seus olhos pousam em minha avó novamente antes de literalmente sair.

Me abaixo no chão, pegando os três cacos do resto da xícara, coloco ela em cima da bandeja antes de me levantar e me aproximar de Anna. Sorrio com graça, depois de tanto tempo enfim ouço sua voz pura. Passo minha mão pela sua testa lisa e suave.

- Hum! - Anna mexe a boca confusamente.

- Calma vovó. - Sussurro tentando passar tranquilidade para ela, abaixo perto do seu rosto e beijo delicadamente sua testa, eu sempre gostei do cheiro de frutas silvestres que minha Anna tem. Não me afasto, apenas fico a cinco centímetros de distância para poder olhar em seus olhos cinzentos.

- Hum...

- Está falando, depois de anos. - Aliso o rosto da minha avó novamente.
- Falando quando não deve. - Anna abre mais os seus olhos com a minha rudes, eu não me esforço para mudar o meu tom. - Eu sempre cuidei tão bem da Senhora vovó e agora, pensas em me trair... Poxa vovó, que decepção.

- Hum! - Anna murmura novamente, mais alto, como se gritasse para alguém ajudá-la. Me viro para cômoda ao lado da janela, eu procuro algo dentro da gaveta, calmamente.

- Seu tratamento será diferente, Anna. A senhora não vai cair como os outros, mas não posso dizer se vai doer menos. - Me viro para Anna novamente, seus olhos escorrem lacrimas por toda a sua face, por isso, eu a tranquilizo com o olhar.
- A senhora vai ficar muito preocupada comigo e assustada com o xerife.

Me abaixo no chão novamente, perto dos seus pés descansando na cadeira, seguro o seu pé direito e retiro a meia que protege a pele sensível do frio.

- Por isso, a senhora vai morrer de ataque cardíaco. Problemas no coração é arriscado e melhor que isso, vou ajudar a senhora te libertando dessa vida injusta. - Sorrio para o olhar angustiado de Anna e depois de encher a seringa com ar, eu encaixo a agulha no seu dedão e vou lentamente, despejando o ar no seu organismo.

- Hum!

- Sim, eu também te amo, vovó. - Meu sorriso é estridente. - Diga olá para o vovô Theo por mim.

CAPITULO XV

Eu me lembro de como minha avó me protegeu quando mais novo. Sua atenção e carinho eram tão focados que por instantes eu me sentia feliz pela a sua companhia.
Me recordo quando completei meus cinco anos de vida, Anna me deu um pequeno quadro de pintura e três potes de tinta, as cores eram azuis, vermelho e amarelo. Anna costumava me observar pintando, eu desenhava pouco, não era bom com a arte, desenhos confusos e bagunçados.

- Que bonito. - Anna sussurrou serena, seu sorriso não atingiu as bochechas. - Não gosta de usar o vermelho, querido? - Ela me perguntou ainda observando meu desenho. Me inclinei sobre a mesa para observar o desenho também, um misto de amarelo, azul e verde. Cores primárias.

- Verde como um jardim. - Eu respondi simples. A cor vermelha não fazia parte do jardim.

Nunca fui apreciador do vermelho.

Jeny costumava fazer contas na tarde de segunda-feira, enquanto Anna fazia o lanche da tarde. Observei Anna passar pela cozinha colhendo ingredientes e por fim, com o sanduíche completo, Anna espremeu três laranjas em um copo e colocou dois cubos de açúcar.

- Está prestando atenção, filho? - Jeny me perguntou referente as contas que ela estava fazendo. Minha mãe queria que eu aprendesse a fazer matemática antes da hora.

- Não.

- Como não? Já avisei que precisa aprender! - Anna se virou para Jeny.

- Me poupe, Jeny, Alexandre é pequeno ainda. Consegue aproveitar a infância do seu filho?

- Mas mamãe...

- Sem mais, quando ele crescer vai ver que eu estava certa. - Anna depositou o prato e o lanche na minha frente e então disfarçadamente, colocou um pequeno cubo de chocolate por baixo da mesa, em minhas mãos. Ganhei apenas uma piscada de olho quando a questionei.

Anna também já me livrou das broncas de Robert. Com seis anos, ganhei uma bola marrom de Jeny, era entediante chutar e chutar. Quando entrei pela porta dos fundos avistei Robert desenhar em uma folha de papel, um homem rígido fazendo o que não gostava, não sorri quando chutei a bola na folha pintada, Robert gritou raivoso, seu rosto vermelho e palavras grosseiras saindo de sua boca.

Encarei os seus olhos fixamente, sua mão se levantou para me castigar, eu esperava por isso, mas Anna chegou. Interrompendo o

ato cruel do meu pai.

- Ele é uma criança!

- Criança? É só eu que percebo como esse menino olha para as pessoas? - Robert voltou a me olhar, Anna espiou também e então eu sorri inquieto. O olhar julgador me deixava apreensivo.

- Ele é uma criança. - Repetiu Anna.

Uma semana antes da minha avó sofrer o ataque vascular cerebral, ela me chamou em seu quarto, Anna estendeu uma pequena caixa de madeira polida.

- Estou te dando essa caixinha, pois, meu querido neto está ficando velho. Tem que ter um lugar para guardar suas coisinhas, uh? - Anna cautelosa como sempre, depositou o objeto em minhas mãos e pediu que eu abrisse, a caixa estava vazia. Seu cheiro de madeira pura era bom.
- Me conta, o que vai guardar ai?

- Não consigo pensar em nada. - Respondi sincero.

- Oh querido... - Ela sorriu. - Irá saber quando estiver mais velho... Com barba, talvez? - Ela gargalhou.

Aquela caixa ainda permanece vazia em cima da minha prateleira. Nunca consegui entender por qual motivo a vida a transformou em um vegetal, Anna sempre foi serena e ver que ela nunca iria voltar a cuidar de mim como antes me intrigou completamente.

***

No andar de cima da minha casa possui um quadro que sempre me chamou mais atenção que qualquer móvel que possuía ali.

O quadro era pintado com o fundo verde musgo mergulhado em um azul da noite, havia flores contornadas de dourado puro, sete rosas vermelhas carmesim, seis violetas rudes, cinco aster amarela, quatro dentes de leão, três ervilhas de cheiro, duas peônias e uma

camélia branca. Havia um vaso simples pintado de cor vermelho purpura, precioso, quieto e sentimental.

Desde o decorrer da minha infância eu queria saber o significado daquele simples e térreo quadro, ele tinha a tela empoeirada de velhice e o nome do autor já havia sido apagado com o tempo.

As bordas do quadro eram feitas de cobre, cobre pitado com ouro fosco, eu sentia meus dias da semana naquele quadro, como uma mistura de emoções que eu sabia controlar e não as tinham por puro egoísmo.

Quando não havia mais nenhum barulho de morte, eu me certifiquei de arrumar o pequeno cobertor no colo de Anna, os seus olhos cinzentos estavam abertos, mas dali já não possuía mais vida, suas pupilas estavam paralisadas de terror. Eu passei minha mão levemente em suas pálpebras frágeis fechando os seus olhos. A vitrola havia parado de tocar há um tempo e eu percebi que a casa estava mais silenciosa que o normal.

- Boa garota. - Sussurrei para mim mesmo antes de pegar a bandeja no centro da mesa e começar a me dirigir para a cozinha.

Despejei o resto de chá na pia e tirei os objetos de porcelanato, eu era acostumado a cuidar da refeição a liquido de Anna, olhei para o relógio encima da pia, faltava setenta e dois minutos para Jeny e Robert chegarem. Sem pressa comecei a preparar um sanduiche, um lanche completo, para acompanhar espremi três laranjas inteiras em um copo e misturei com água morna, dois cubos de açúcar para adoçar e um pequeno cubo de chocolate como sobremesa. Ajeitei na bandeja cuidadosamente e com equilíbrio, dei três passos para sair da cozinha, voltando dois em seguida, para alcançar uma pequena e adorável tulipa que colhi pela manhã e a coloquei no meio, entre o copo de suco e o sanduiche.

Ainda sem pressa, eu segui caminhando para o andar de cima, eu parei ao lado do meu quarto e apoiei a bandeja no meu braço esquerdo, observei o quadro curioso e com a mão direita eu passei pela a moldura do quadro, sentindo o rico cobre dançar sobre os

meus dedos e depois comecei a passar pelas laterais do objeto, as pontas dos meus dedos se encaixaram perfeitamente no espaço entre a parede e o quadro, e estrategicamente eu apertei a moldura falsa e quando senti a ponta fria de outro material, puxei a pequena chave dali, também pintada da cor ouro fosco.

O quadro ficava de frente com o quarto de Anna, ao lado, havia uma pequena e simples porta de material igualmente da chave que estava em minha mão e da moldura do quadro. Apenas Anna passou pela aquela porta, nem mesmo Jeny sabia o que se encontrava dentro do cômodo. Minha mãe dizia que Anna cuidava de espécies de flores desde sua juventude, era como uma estufa dentro da própria casa, mas apenas ela sabia onde se encontrava a chave do quarto, pois, segundo minha avó, aquilo era o seu maior tesouro que deixava na terra e todos os seres humanos deveriam ter algo para guardar apenas pra si, pensamento louco, confuso, mas respeitado por todos, só que depois do acidente com o coração, jamais foi habitado novamente...

Com exceção que Jeny não sabia que eu havia encontrado a chave há tantos e tantos anos atrás, antes mesmo de ter entrado para trabalhar na floricultura.

Eu me desencostei da parede e segui para a porta dourada, a chave entrou com facilidade e girou perfeitamente, o barulho de rangido foi alto quando eu segurei a manivela e empurrei a porta para entrar.

O quarto era pequeno, não passava de quinze metros, havia duas estantes compridas repletadas de plantas desconhecidas crescendo, vasos vazios e sementes secas, uma verdadeira bagunça organizada. A janela era de um tamanho maior que o resto da casa, sua vidraça era colorida com desenhos geométricos, fazendo o sol refletir como um arco íris no cômodo inteiro, trazendo pequenos ácaros que desenhava a visão da luz e pequenos dentes de leão flutuando no pequeno espaço.

O cheiro de terra úmida secou o meu nariz, eu observei a luz do sol iluminar o piso de madeira lisa antes de fechar a porta atrás de mim, o ar entrava pelos tubos e dali mesmo, a água que caísse do céu se

acumulava no telhado e pingava nas plantas e flores sempre que chovia. Sempre fui de me surpreender como Anna havia construído um lugar tão mágico dentro de casa, eu limpei um pouco, cuidei de algumas ervas, mas era como se ela pudesse controlar essa natureza sozinha, sem as mãos e agora, descansando eternamente.

Com a porta fechada, eu segui até o fim do quarto e me agachei ao lado da janela, eu havia posto um colchão com molas e um tecido caro de seda, o meu dinheiro nunca havia sido usado com tanto gosto. Depositei a bandeja por cima do cobertor de cetim aveludado de cor crepe e delicadamente toquei no tornozelo exposto de Carmelita.

Seus olhos estavam fechados, os seus cabelos bem penteados para trás e suas mãos estavam sob o travesseiro de penas, as bochechas de Carmelita estavam rosadas, sua respiração calma e densa. Massageei o seu tornozelo com o meu dedão, sua pele estava quente e viva, mesmo no inverno esse quarto era aquecido devido as janelas que refletiam a luz do sol.

Carmelita suspirou em seu sono recém despertado, suas pupilas se dilataram quando me olhou e depois se encolheram, se ajustando a claridade, suas bochechas queimaram e eu vi seu pescoço corando também.

- Alexandre. – A voz doce da donzela soou tímida e eu subi minha mão para a sua panturrilha macia, ainda massageando.

- Perdão por te acordar, mas, está na hora do lanche da tarde. – Soltei a sua perna e deslizei a bandeja sobre o colchão, aproximando a comida. Carmelita engoliu a seco, seus olhos focados no prato. – Coma. – Vi seus dentes segurarem os seus lábios nervosamente e então, a ruiva se sentou, se encolhendo na cama, o cobertor de seda caiu, expondo seu ombro coberto por uma simples capa de renda branca, eu havia comprado algumas peças de roupa para ela, a mesma preferindo ficar com as mais simples, já que não havia um lugar modesto para se arrumar tão tenuamente.

- Escutei a voz do meu pai. - Carmelita falou, sua mão alcançando a ponta do seu cabelo e brincando com ele ansiosamente.

- Ele me vez uma breve visita. - Digo sincero, desenhando o colchão com a minha mão.

- Ele chamou pelo meu nome... - Segredou a ruiva, sua voz era tão baixa que eu mal escutaria se não estivesse perto.

- Mas eu não sei onde está a senhorita. - Sorri passando alguma confiança, Carmelita não sorriu de volta, sua mão soltou o cabelo e começou a cutucar a cutícula. - Agora coma.

- Eu não estou com fome... – Carmelita sussurrou e seus olhos se desviram para a janela, a cor deles se misturando entre a cor violeta e uma cor aproximada com a do mel.

- Está sim. – Me aproximei, não querendo assusta-la e alisei o seu ombro suavemente, depois passei para o seu pescoço nu e acariciei a sua orelha, Carmelita fechou os olhos, aproveitando o cuidado e pedindo mais, me lembrando um gato. – Você continua linda.

- Não, eu não. – Carmelita me olhou entre os cílios. – Não posso estar bonita comendo tanto.

Então, retornamos ao seu mal habito alimentar, desde que comecei a cuidar dela, vi que não se alimentava corretamente. Carmelita sofria algo com o seu próprio corpo, comia compulsivamente e depois vomitava tudo, deixando o seu peso menor e diminuindo a sua imunidade. Foram três dias para eu conseguir a convencer de parar de vomitar e então, a dificuldade para fazer consumir as refeições por completo, pelo menos o seu peso havia aumentado, dois quilos, podia ver pelas suas bochechas, Carmelita continuava magra, apenas estava mais saudável.

- És tão bela. – Sussurrei, passando o meu dedo para a curva entre o seu lábio inferior e queixo, vi um pequeno suspiro soprar o meu dedo. – Não consigo imaginar com o que passa em sua cabecinha, como chegou a colocar aí que não estas em bom peso... – Olhei em seus olhos, suas pupilas estavam gordas. – Você é gentil por dentro

e por fora, suas leves curvas são perigosamente esbeltas, a cor dos seus cabelos, sobrancelhas e cílios é a cor mais linda que já cheguei a apreciar em toda a minha vida.

- Estas apenas mentindo, eu não posso ser perfeita. – O nariz de Carmelita ficou vermelho, ela queria chorar.

- Eu minto, o tempo todo, com a maioria das pessoas, mas eu não vou mentir para você e você não é perfeita, Carmelita. – Seus olhos esverdeados lagrimejaram. – Você não é perfeita, porque a perfeição é horrível, algo criado para todos seguirem, é desumano. E se você fosse assim eu nunca teria me apaixonado pela a senhorita.

- Alexandre... – As bochechas de Carmelita coraram, pequenas gotas salgadas escorregaram dos seus olhos. – Como podes gostar de mim, por que ainda não me tocou?

- Não faça perguntas tolas, não te toquei pois não é a hora, mas eu quero te guardar todos os dias só para meu agrado, és a primeira e a única a vir em meus pensamentos quando acordo e vou me deitar. É uma obra prima e quero guardá-la para sempre apenas para o meu prazer e consolo. – Carmelita lambeu os lábios, seus lábios cheios e rosados, eu queria beijá-la agora mesmo, caprichosamente provar o seu paladar e te prender em minhas mãos. – Vou comer com você, está bem? – Sussurrei ganhando um leve assento de confirmação dela.

Seu olhar estava hipnotizado ao meu e lentamente eu cuidei da sua refeição, seu pequeno sorriso contente ao ver que eu tinha trazido um doce foi o prêmio do meu dia.

Nesse mundo cruel, havia tantas almas perdidas e arruinadas que era impossível contar nos dedos. Carmelita era delicada como uma flor e seus cuidados eram suaves como algodão, eu a alimentei, uma mordida minha e duas sua, eu gole meu e dois seu.

Quando a bandeja estava vazia, Carmelita ainda mastigando pegou a tulipa e a cheirou, seu olhar feliz mostrava o quão parecia livre e

segura. Como um pássaro fora de sua gaiola. Recolhi a bandeja, mas antes que eu pudesse levantar, Carmelita tocou o meu joelho, chamando a minha atenção.

- Podes ficar mais um pouco? - Sua voz era piedosa e chorosa.

- Sabe como funciona. - Eu digo sobre as pequenas regras que eu a pedi que segue.

Não faça nenhum barulho.

- Eu sei, só peço alguns minutos...

Não me peça para ficar mais.

- Por favor, Alexandre.

Não me implore e eu não vou te machucar.

Me inclinei sobre Carmelita e alisei a sua pele macia do pescoço, sua veia pulsou contra o meu dedo ferozmente e eu sorri, passei meu nariz em sua pele quente entre o seu ombro, sentindo o seu cheiro único de caramelo e flor de lavanda.

- Ficarei o suficiente. - Avisei sussurrando contra ela, fazendo os seus pelos se eriçarem. - E não peça novamente. - Me levantei, me encostei na moldura da janela e cruzei os meus braços, observando Carmelita sorrir encantada com a flor na mão. Pelo o canto dos olhos, percebi a movimentação de um carro do outro lado da rua, o barulho do motor baixo ronronando, mas então, sorri carinhosamente para Carmelita, o som da sua risada chamando toda a minha atenção, como sempre fez. Eu poderia ficar horas e horas te observando.

CAPITULO XVI

"Eu faria qualquer coisa por você, amor."

Existem pessoas que presentem que algo ruim vai acontecer, seja por modo inconsciente, espiritual, ou, proposital. Há pessoas que fogem da negatividade e quando sabe que um processo ruim está

prestes a acontecer, se desesperam tentando absurdamente mudar o seu futuro, a sua consequência do passado, o valor dos seus pecados.

Eu nunca fugiria do meu futuro, por isso, preparei o jantar de Anna, coloquei em cima da pia e esperei esfriar, os segundos demoraram para passar, quando você observa um ponto fixo esperando que as horas passe apressadamente, o tempo fica automaticamente devagar. Quando o relógio da sala anunciou que faltava cinco minutos para às cinco da tarde, eu comecei a limpar o chão da sala, passando um pano molhado com cera no local onde Josh derrubou o chá, logo depois, trouxe uma pequena colher com a sopa de Anna e passei em sua boca, seu maxilar travado dificultando um pouco o processo, no canto do seu lábio, escorreu o liquido e eu limpei cuidadosamente dando batidinhas em sua boca, como sempre fiz.

Carmelita iria jantar fora do seu quarto em alguns dias, eu pensei comigo mesmo e derramei a sopa de Anna no ralo da pia e lentamente comecei a lavar o seu prato. Eu ouvi a porta da frente sendo aberta, não ouvi o som de cavalos, o que significava que Jeny e Robert vieram direto da estação.

Jeny veio para a cozinha, seu rosto sorridente ao me ver, minha mãe se aproximou o bastante para beijar a minha testa e em seguida começou a tirar a sua luva rendada, Robert caminhou para dentro com os braços cheios de sacolas e após depositar na mesa, começou a guardar nos armários.

- Aconteceu algo? – Jeny me perguntou, uma lata de ervilha em suas mãos paradas no ar próximo a despensa. – Estas rígido? O que houve? – Robert se virou da mesa, seus olhos treinados na minha personalidade, tentando pegar algum fio solto na minha atitude.

- Não, nada. – Digo voltando para a pia para terminar de lavar os pratos, eu sei que Jeny olhou estranho para o Robert, suas sobrancelhas juntas com uma ruga no meio, duvidas pairando em sua cabeça. Pelo reflexo da janela vejo que estou certo, Robert balança os ombros negando que percebeu algo.

- Tem certeza, querido? – Jeny pergunta novamente e eu sorrio para acalmar os seus pensamentos, ela não caiu no meu show pela maneira que seus lábios se fecham.

- Sim, mãe, tudo bem. – Eu respondo, observando a sua face relaxar um terço diante dos meus olhos calmos, não devo mostrar o quão abalado estou.

- Bom, se está tudo bem eu vou ver a mamãe. Termine de guardar as compras, amor. – Jeny ordena saindo da cozinha e indo para a sala, eu passo o sabão na colher de Anna, tirando todo o resto de saliva que possui ali, são sete segundos contados para Jeny gritar assustada. Sua mãe está morta. Robert larga as latas de picles em cima da mesa rapidamente para ver o que houve com sua esposa e eu observo o meu reflexo na janela. Calmo demais. Amoroso demais. Confuso demais.

Pego um pano pendente no balcão e caminho rapidamente para a sala, a primeira coisa que vejo é Jeny em cima da Anna, suas mãos no coração tentando reanima-la. O processo é invalido, eu sei e ela sabe.

- Mamãe? O que há com a vovó? – Eu digo trêmulo, minhas mãos escorregando do pano.

- Mãe, por favor, acorde! – Jeny suplica, me coloco ao seu lado no chão e depois de trinta tentativas Jeny esta desolada ao meu lado. Suas lagrimas borrando a sua leve maquiagem, molhando o seu querido vestido verde, preocupando o seu atencioso marido preocupado. – Mamãe! – Ela repete sem parar, Robert está tentando acalma-la e eu só posso consolar com o meu próprio choro, lágrimas escorrem fielmente ao meu luto, sofrido e triste.

- Vai dar tudo bem... – Robert me consola e Jeny, seu olhar vago, desanimado e distante, lamentamos por vinte minutos, até meu pai nos ajudar a levantar, ele nos serve com dois copos de água e sai por minutos. Jeny se retrai em meu ombro, mamãe são repetidos várias vezes, quando Robert retorna meus olhos estão ardendo. Robert abre caminho para dois rapazes, um alto e um baixo, eles se

lamentam pela morte antes de começar a recolher o corpo morto de Anna.

O clima em casa piora, Jeny está sem vida nos olhos, mas eu sei que a sua parte materna está firme para me ajudar com o luto, eu sentirei falta de Anna, mas não é como se eu fosse me matar por isso.

- Talvez tenha sido melhor assim, mamãe. – Digo com penar e o olhar de miséria que minha me dá é amargo como o fel.

- Eu não consigo... Não consigo viver sem minha mãe. – Jeny chora diante dos moços levando o corpo sem alma, sem vida, apenas um corpo vazio.

- Faz parte da vida. Vovó está em um lugar melhor... – Eu fungo, ganhando o olhar médio de Jeny. – Com o vovô Theo. - Jeny assente, sua força sendo maior que a tristeza e nos próximos dois dias ela permanece em casa, a floricultura está fechada e Robert pegou atestado de luto, o enterro de Anna aconteceu na manhã seguinte, o céu estava calmo, tempestuoso e nublado.

O fim de tarde estava quase chegando, Jeny avisou que ainda não queria arrumar as coisas de Anna, a casa estava quieta.
Peguei um novo livro na estante e me sentei de frente para Jeny, no sofá de dois lugares, Jeny me encarava por mais de doze segundos, levantei os meus olhos para ela, sua pupila quieta e pequena, ela estava pensando em algo.

- Você deu a janta a ela? – Jeny perguntou, seus cabelos estavam mal penteados e Robert colocou uma coberta sobre os seus ombros, logo em seguida trouxe uma xicara de chá quente.

- Dei. – Digo, meus olhos nunca perdendo o foco. – Ela terminou em treze minutos.

- Que horas ela havia comido? – Jeny estava fria e isso chamou atenção do Robert, fazendo o homem me encarar também. Abaixei a minha casa, mexendo nervosamente nas páginas do livro em minhas mãos. – Que horas, Alexandre?

- Mais cedo... – Disse mordendo levemente os meus lábios, meus olhos estavam ficando embasados.

- Que horas? – Repetiu a pergunta.

- Às quatro em ponto.

- Treze minutos para terminar. Por que estava lavando os pratos quando chegamos?

- Mamãe...

- Não Alexandre! – Jeny gritou, sua voz fazendo eu sacodir os ombros, senti uma gota de lágrima fria descer pelo meu olho esquerdo. – Eu quero a verdade!

- Eu estava limpando... – Digo sincero.

- Limpando o que?

- O chão. – Minha voz está caindo aos oitavos, mas Jeny ainda escuta.

- Jeny, não acha que já está bom de perguntas? – Meu pai se intromete perdido no contexto.

- Cala a boca, Robert. – Jeny é crua, ela deposita a xícara na mesa antes de voltar a me encarar. – Eu encontrei um pedaço de uma xícara debaixo do tapete, pertence ao meu jogo de chá que eu só ofereço para visitas importantes.

- Está fazendo esse interrogatório todo por causa de uma xícara? – Robert pergunta exasperado.

- Mandei calar a boca, Robert. Você não entende? Quem esteve aqui, Alexandre?
- Mamãe, eu... eu. – Largo as folhas do livro, minhas mãos estão se mexendo nervosamente, essa situação é insana.

- Eu e seu pai chegamos do serviço e você estava estranho. Quem esteve aqui?

- Por que não diz logo, Alexandre? – Robert pergunta, entrando no contexto. Eu suspiro alto, meus lábios tremem.

- O delegado Bill. – Digo baixo, o suficiente para ouvirem. Jeny bate em seu joelho, seus olhos pegando o de Robert.

- Eu sabia que tinha algo de estranho. – Minha mãe passa as mãos pelos os cabelos, bagunçando ainda mais. – Aquele infeliz desgraçado veio te acusar de novo?

- Sim...- Respondo e abaixo minha cabeça.

- O que aconteceu, filho? – Meu pai pergunta e eu levanto as pernas, me encolhendo o máximo que consigo. – Pode falar para nós, somos os seus pais.

- O senhor Bill, ele... Ele entrou parecendo amigável e então começou a gritar por Carmelita e me chamar de assassino. – Olho para os meus pais, ambos com rosto de espanto. – Vovó se alterou pelo o barulho, ela até chegou a murmurar algo, mas então o delegado foi embora e eu a alimentei, depois disso eu limpei a casa, não tão bem por ter deixado um caco para trás. Portanto a verdade sempre aparece não é mesmo? – A lágrima escorreu pingou pelo o meu nariz.

- Mamãe falou... – Jeny sussurra, assimilando as coisas.

- Ele é um homem cruel. Eu irei resolver essa situação. – Robert resmunga alto.

- O que? – Jeny perguntou, se levantando. Robert se apressou para a saída.

– Eu irei conversar com esse delegado, quem ele pensa que é para ficar invadindo residências, assustando jovens e matando idosas de ataques cardíacos!

- Eu vou junto. – Jeny pegou seu sobretudo.

- Mãe, pai? – Chamei confuso.

- Voltamos logo.

Foi a última coisa que ouvi antes da porta bater, eu me sentei no sofá cansado, eu estava cansado de ser o vilão escondido, eu queria ver a reação das pessoas ao se tocarem quem eu realmente era. Eu peguei o meu livro e marquei a página que eu havia lido. O som dos cavalos soou altos e eu consegui ver pela janela distante, Robert e Jeny saindo na carroça fechada. Lentamente eu subi para o quarto de cima e abri a porta dourada, Carmelita se levantou já sabendo do que ia acontecer.

- Olá queria, vista o casaco, lá fora está frio.

- Frio. – Carmelita repetiu, seus pés com meias finas tocaram o piso gelado do lado de fora da casa.

- Calce os sapatos, Carmelita, vai ficar resfriada. – Digo me sentando no banco que fica na varanda, eu tenho o livro novamente em minhas mãos, mas os meus olhos estão focados na donzela.

A ruiva está com um delicado vestido cor creme, seus cabelos soltos voando ao vento frio, seu casaco é fino, de lã delicada. Carmelita sorri.

- Se eu adoecer, o senhor cuidara de mim. – Seus lábios estão avermelhados e seu nariz está enrubescendo, é a baixa temperatura tingindo suas bochechas.

- Eu posso cuidar, mas não serei capaz de te salvar caso pegue uma doença grave e morra, pegue os sapatos. – Ordeno pelo o olhar, e então Carmelita revira os olhos e faz beicinho, levanto as sobrancelhas e ganhando, a moça calça os sapatos, botas com pelos para proteger do frio, a neve não consegue tingir a pele.

Carmelita pisa no chão e em seguida está dançando na neve, ela permanece assim por minutos, seu rosto sorridente, flocos de neves grudam em seus cabelos, seus olhos estão fechados e sua expressão relaxada. Eu apoio a minha mão no queixo, observando como ela parece suave e doce sob o céu nublado. Ela poderia pintar qualquer quadro cinza. Magica como uma música saindo da vitrola.

- Temos vinte minutos. – Me levanto - vamos aproveitar muito o inverno ainda, mas agora, vamos entrar, vou esquentar a água.

- Vai me dar banho, Alexandre? – Carmelita pergunta, sua mão busca pelos seus cabelos e delicadamente, seus dedos tocam o seu lábio inferior, me seduzindo. Não consigo segurar o meu pequeno riso.

- Não, eu irei esquentar a água.

- Eu não entendo! – Carmelita grita alto de repente, fazendo corvos voarem para longe e eu respiro fundo, trocando o peso do meu corpo em minhas pernas. – Por que não me quer? Por que não se deita comigo? Eu sou esquisita? É o meu cabelo? Você estas acabando com a minha autoestima! – A ruiva desabafa e eu coloco as mãos dentro do bolso, largando a maçaneta da porta e caminhando apressado até ela, vejo a sua respiração ficar rápida, seus olhos preocupados, consigo ver ela engolindo a seco. Eu fico a um centímetro de distância, posso sentir o seu hálito doce. – Desculpe... – Ela começa assustada.

- Está tudo bem. – Tiro minhas mãos do bolso e seguro as duas laterais do seu rosto, os olhos de Carmelita estão arregalados, seus lábios vermelhos tremendo. – Calma, eu nunca irei te fazer mal. – A tranquilizo e passo meu nariz no seu lentamente, fazendo o corpo da ruiva tencionar rígido, eu a beijo em seu queixo e Carmelita segura o seu lábio inferior atenciosamente, nego com a cabeça, passando meu nariz lentamente em sua bochecha direita. – Eu estou no controle, não se apresse, eu irei beijar-te logo.

Carmelita puxa um bocado de ar, prendendo em seu peito, suas mãos procurando minha camiseta e se agarrando ali, elas tremem. Eu seguro o seu olhar no meu, tempo o bastante para ver sua pupila mastigando as cores. E tão lento, quase dolorosamente, eu lambo os meus lábios, apenas umedecendo e fecho a pequena distancia que há entre nós. O beijo é casto, apenas encaixo os meus lábios no seu, como um quebra cabeça, se monta perfeitamente. Sustento os seus lábios por sete segundos, tem gosto de mel e é macio como pensei, como eu queria que fosse.

Carmelita relaxa, sinto a ficar frágil, ela tenta aprofundar o beijo e eu me separo minimamente, Bill abre os olhos, agora suaves e relaxados.

- A donzela já está gelada, entramos e eu preparo o seu banho. – Carmelita assente como se estivesse hipnotizada. – E nunca tire conclusões por mim, eu a acho bela e estou no controle, então não me apresse, pois, eu estou cuidando de você. – Ela assente novamente, mais rápido, entendendo perfeitamente. – Boa garota. – A elogio.

A água está quente o suficiente, me virei para que Carmelita pudesse retirar a sua roupa e entrar na banheira, ouço o seu corpo se encontrar com a água curiosamente e pacientemente. Quando volto para ela consigo observar os seus ombros e costas nua. Me inclino sobre a banheira, dobrando minhas mangas até o meio do braço antes de tocar com a ponta do meu dedo a água quente. Cheira a baunilha fresca e minha mão vai até o braço de Carmelita, consigo observar os pelos do seu se eriçarem mesmo no calor. Me afasto brevemente para pegar uma caneca, encho ela de água e a deixo cair em suas costas, seu cabelo gruda em sua pele molhada e pálida.

Eu afasto seus cabelos pesados e a banho com água limpa, Carmelita suspira longamente. E em instantes está completamente pacifica em seu banho, ela se inclina para trás e seus olhos me olham, pupilas dilatadas, lábios vermelhos e cabelos grudando ao redor do seu rosto, sorrio para ela, encostando minha cabeça na beira da banheira, mostrando o quão apaixonado eu sou. Carmelita cora forte, o sangue subindo pelas suas bochechas e se destacando nitidamente.

- Alexandre? - Ela diz indagando e se vira, ficando de frente para mim, olho para o seu corpo, por dentro da água vejo sua silhueta clara e sem manchas, a água vai até a altura da sua barriga, alguns centímetros a cima posso ver claramente os seus seios pequenos, suas coroas rosadas e bico delicado, e então subindo mais um pouco posso ver a sua doce e fina clavícula, o seu longo e esguio

pescoço, seus ombros possui pequenas e mínimas sardas, quase imperceptíveis, por tanto, o suficiente para colorir o seu belo corpo, como uma caixa de giz colorido.

Passo minha mão pelo seu braço novamente, subindo até sua orelha e encaixando uma mecha de cabelo ali, expondo o seu rosto perfeitamente. Me inclino mais, até que meu rosto esteja próximo do seu ombro. Eu sustento seu olhar, é bom olha-la de baixo, Carmelita fica confiante com o seu nariz empinado. Cheiro a sua pele. Doce. Suave. Penetrante. Excitante.

- Você é a rosa que eu queria colher do pé e agora que eu a tenho em minhas mãos, não me importo que seus espinhos estejam me furando, enfiando dentro da minha pele. Cortando a minha carne. - Beijo seu ombro. - Eu aprecio a sensação de tê-la por perto. Consolando todo meu ser, me encarando nos olhos como o meu adversário. A senhorita me ama.

Seguro o seu cabelo longo em meus dedos, enrolando-o brevemente, seus olhos estão focados, suas mãos se agarrando ao próprio corpo, beijo seu ombro de boca aberta, sinto o seu gosto na minha língua, Carmelita suspira expressamente. Seu corpo se arrepiado visivelmente.

- Eu iria em qualquer lugar por você. Faria qualquer coisa por você, não se esqueça disso. - Digo e seus olhos se fecham quando eu mordo suavemente sua pele acima da clavícula. - Faço isso, pois, sei que você faria também, não é mesmo?

Pergunto, inalo o seu cheiro sensualmente, nossos narizes se tocam e posso ver seu corpo se contraindo a procura de mais, sua respiração ficando ofegante. Pairo sobre os seus lábios, me afastando o suficiente para olhar em seus olhos. - Não é mesmo? - Carmelita assente afirmando. Mordo lentamente o seu queixo.

- Qualquer coisa... - Carmelita diz sôfrega. - Qualquer coisa por você, Alexandre.

- Eu sei. - Beijo seu lábio castamente, tão lento que chega a ser torturante, Carmelita quer mais, posso sentir sua pele quente gritando, clamando pelo meu toque. Me afasto suavemente, nunca deixando de olhar em seus olhos. A água está esfriando rapidamente, volto a banhar o seu corpo. Meus pais chegam em minutos.

Com os seus cabelos bem penteados, eu me levanto da cama, me aproximando da estante para colocar a escova em cima, do lado de fora ouço o som baixo de um motor, pelos cantos dos olhos posso ver o carro passando lentamente.

- Quer alguma coisa, querida? - Pergunto docemente, ganhando seu pequeno não agradecido.

- Vem amanhã pela manhã? - Carmelita pergunta inocentemente e eu olho para a porta por meio segundo antes de voltar a minha atenção para a donzela.

- Não, nos vemos daqui a pouco.

Meus pais chegam seis minutos depois que eu tranco a porta. Jeny está irritada e Robert a acalma como sempre, massageando seus ombros enquanto minha mãe respira nervosa, roendo as unhas para alimentar o seu ódio.

- Como foi? - Pergunto segurando seus casacos pesados de inverno.

- O xerife estava fora. irresponsável, covarde! - Jeny xinga. - Preciso de um banho. - Fico junto de Robert, minha mãe sobe para o andar de cima transbordando impaciência, me viro para meu pai, transparecendo dúvida em meu olhar. Robert apenas respira cansado.

- Bill saio para patrulhar, um guarda disse que ele está fora da delegacia há dias e que mal fica na matriz. - Robert passa as mãos nos olhos, levantando os óculos. - Voltaremos lá amanhã, vamos deixar essa injustiça a limpo.

- Por hoje sugiro apenas que o senhor descanse, pai. - Digo olhando em seus olhos. - Virá muita emoção pela frente, sua matéria precisa estar disposta.

- Tem toda razão, o estresse acaba com a sanidade de um homem. - Robert sorri, sua mão encontra o meu ombro, permanecendo ali por segundos. - Me orgulha ver que se tornou um homem tão calmo e sábio.

Sorrio, não tenho mais nada a dizer.

Naquela mesma noite, após a janta, Jeny e Robert conversam tranquilamente na sala, a fogueira está ligada e ambos recordam memórias de Anna, de Theo e até memórias sobre colegas antigos da faculdade. Eu só posso sorrir com suas lembranças, estou com um álbum em minhas mãos, falta uma página para eu terminar. Volto a observar as páginas pintadas de preto em branco quando meus pais ficam em silêncio.

O silêncio dura pouco, pois, do lado de fora da casa, podemos ouvir o som de cavalaria, o som é alto o bastante para fazer Jeny e Robert se alarmarem, não é normal ouvir algo assim, minha rua é tão tranquila quanto um deserto. Me concentro nas fotos. A porta da frente bate alta, não como um toque e sim como um arrombamento.

- Que diabos? - Jeny grita assustada e Robert se levanta rapidamente.

- Quem está aí? - Meu pai pergunta, mas, é tarde demais, a porta está aberta em meio segundo, policiais entrando e se espalhando pela a casa.
- O que achas que estão fazendo? - Robert grita exausto e Josh entra pela porta, como sempre esbanjando confiança e determinação.

- Procurem por todo lugar, até por debaixo do tapete!

- Como ousa, xerife? - Robert indaga com sangue nos olhos. - Entrar em minha residência assim!

- Parem de vasculhar a minha casa! - Jeny grita com a sua alma. - Eu não dei permissão! Faça alguma coisa Robert!

- Senhores Durvell, peço perdão pelo entrosamento, mas, eu tenho um mandato de busca em sua residência. Peço que os senhores se acalmem e me deixem trabalhar. - Josh está tranquilo e seguro, mordo os meus lábios segurando o riso.

- Vai trabalhar no inferno! - Jeny resmunga alto. - Eu vou matar o senhor, vem em minha casa matar minha mãe! Acusar o meu filho inocente!

- A senhora morreu? - Josh pergunta, seus olhos se arregalando, sinto seu olhar me queimar. - Ataque cardíaco?

- O senhor a matou. - Robert responde. - Eu quero que se retire do meu lar antes que eu não responda por mim! - No andar de cima um som alto é ouvido, eles estão quebrando vidros, arrombando portas rudemente. - Eu mandei parar!

Nunca vi Robert tão agressivo antes, ele está andando apressado para agredir o delegado, no andar de cima eu posso imaginar, alguém colhendo a chave que eu deixei em cima da mesa no corredor e então encaixando na fechadura agradavelmente. Mordo os meus lábios mais fortes, consigo sentir o gosto de ferro em meu paladar. O som da chave virando não é real, mas posso ouvir se quiser. Os sons rudes cessam e eu deixo escapar um pequeno riso.

Olho para as pessoas ao meu redor, Robert está segurando a cola de Josh Jeny está logo atrás de si, mas todos parados. Paralisados. Confusos. Desacreditados. A cena me atiça e eu aperto o álbum em meus dedos, não conseguindo mais segurar e gargalhando forte, lágrimas escorrem pelos cantos dos meus olhos. Minha risada é picante e eu sei que pode ser ouvida por toda a casa.

- Alexandre? -, - Filho? - Robert e Jeny indagam. Seus olhares assustados.

- Xerife! - Um policial avisa do andar de cima. - Encontramos a donzela Bill!

Jeny está chorando, sua boca se mexendo, sua voz muda por não saber o que dizer. Robert larga o delegado, incrivelmente chocado demais para reagir.

- Demorou o suficiente, xerife. - Digo pausadamente em seguida de uma risada prestativa. Josh respira fundo, acordando do seu pequeno transe. Ele engole a seco.

- Alexandre Durvell. - Ele começa. - O senhor está sendo preso em flagrante por sequestro e suspeita de homicídio. - Sorrio para o seu olhar vazio. - Prendam-no.

CAPITULO XVII

Abri os meus olhos e observei o Josh Bill se sentar em minha frente, ao seu lado, um escriba rechonchudo e baixo estava com seus olhos em mim, me analisando e se preparando para escrever mais uma história completamente criminal e nojenta.

Após a minha revelação, consegui ver Carmelita se debatendo nos braços dos policiais antes de entrar no carro do delegado, eu fui preso e trazido para a delegacia a carroça, foram quarenta e cinco minutos de distância e fiquei mais sete horas esperando para ser interrogado. Supostamente Carmelita foi primeiro, Josh querendo pegar todas as linhas soltas antes de ter prova o suficiente que eu, apenas eu, era o monstro do enredo.

Suspirei cansado, o local que estava para ser interrogado não tinha mais de vinte metros quadrados, as paredes pintadas de cinza escuro com uma única porta sendo de metal puro, havia uma janela de vidro que tomava quase toda a estrutura da parede, podia ver nitidamente policiais passando e atendendo ocorrências. Em dois bancos, Jeny e Robert observava a situação e devido ao horário, ambos estavam com olheiras e feições acabadas. Minhas mãos estavam algemadas e interligadas a um gancho por cima da mesa, meus pulsos ardem pela pequena pressão fria. Encarei Josh e o vi engolir a seco antes de começar, vi o escriba mexer o lápis no caderno.

- Estudante, dezenove anos. Na sua idade eu já estava casado com minha esposa. - Levantei as sobrancelhas e vi o escriba franzir o rosto, ele moveu a mão para escrever. - Alexandre, esse é meu escriba Rubens D'Bold, ele vai acompanhar todas as nossas sessões. Não quero que isso seja ruim e cansativo para todos nós, então...

- O senhor pode seguir com as perguntas. - Digo interrompendo o seu longo discurso desnecessário. - Eu já afirmei que irei responder qualquer coisa. - Sorrio gentilmente, empurrando os meus cotovelos para cima da mesa e cruzando meus dedos, meu queixo descansa em cima das minhas mãos. - Comece.

- Ousado. - Rubens me encara profundamente antes de voltar a se concentrar apenas em seu caderno. - Vamos começar pelo o assassinado de Donny Monrey. Ele foi encontrado morto por causa de efeitos colaterais de uma substancia no chão da sua sala, onde o senhor estava fazendo uma lição bimestral. - Josh se inclinou. - O que não entra na minha mente é o por que a sala não tinha nenhum outro aluno, sendo que, esses trabalhos costumam ser feitos por dois ou mais estudantes. E não adianta mentir dizendo que as regras mudaram, eu já me certifiquei de olhar o formulário mais atualizado.

- Eu não estava trabalhando com uma dupla. - Digo sincero, meus olhos nunca deixando os de Bill. - Ele não queria ninguém interrompendo o seu abuso sexual e mental do aluno novo. - Minhas palavras fazem Josh franzir as sobrancelhas e o escriba pisca rapidamente.

- Está me dizendo que o Donny Monrey estava abusando do senhor? - Afirmo com a cabeça e diante do pequeno riso do xerife vejo que preciso pegar mais duro para que minha confissão seja realmente atingida. - Donny deixou uma esposa jovem e dois filhos, está mesmo pensando que vou acreditar nisso?

- É a única verdade. - Relaxo as minhas mãos. - Me responda, ele teria dois meninos ou um?

- Dois.

- Bom. - Sorrio novamente. - Espero ter acabado com o infeliz antes dele ter abusado dos seus filhos, imagino o quão perturbador será conviver com o seu pai tocando em seu genital brutamente como um maníaco. - O escriba parou de escrever, vejo Josh morder os lábios, suas narinas se dilatam. - O que? - Me aproximo minimamente para olhar o rosto do xerife, cheque mate, a primeira afirmativa concluída. - Ah não, o senhor já percebeu a felicidade das crianças ao saber que seu pai abusador morreu?

- Realmente. - Josh passa as mãos no rosto duas vezes. - O filho mais velho demonstrou euforia quando levamos a notícia de seu óbito. Prossiga.

- Meu professor demonstrou interesse por mim desde os meus primeiros dias no colégio e quando teve a oportunidade, abaixou as suas calças e me obrigou a chupar o seu genital. Depois, queria que eu introduzisse o meu pênis em seu ânus. - Josh passa o dedo pelo nariz, consigo ver no seu olhar a decepção, pois, admirava o professor. - Nada contra a suas opções de parceiro sexual, não me importaria com o sexo, só me irritei com a maneira que pediu. - Sorrio com a reação do escriba, seus olhos redondos se arregalaram e o xerife está torcendo os lábios com nojo.

- Como o matou? - Josh pergunta.

- Tão direto, não gosta de descontrair? – Josh não respondeu. - Com uma seringa. Distraí ele educadamente e sensualmente o suficiente para poder encaixar a agulha em sua veia arterial e encher ela de ar, causando supostamente a sua morte por ataque cardíaco. - Josh já ouviu casos piores, seu olhar é treinado e profissional.

- Como soube que causava essa reação?

- Eu estava estudando medicina. – Levantei as sobrancelhas e Josh suspirou.

- Inicialmente, os peritos afirmaram que a causa da morte foi por substâncias químicas em seu organismo. No dia que conversei com o senhor, me disse que ele demonstrou estar drogado, como soube o que ele tinha ingerido? Ou, o senhor tem alguma relação com a droga?

- Não tenho absolutamente nenhuma ligação com a substância que ele ingeriu. – Digo simples, dando meu palpite. – Ele demonstrou estar fora de si, inclusive naquele dia o seu nariz estava sujo de algo branco, só disse o que achava, não sabia que estava certo.

- O senhor matou Beth Farty?

- Matei.

- Por que?

- Porque...- Suspiro me lembrando da pequena loira atrevida. - Eu nunca quis matar Beth, ou fazer mal a ela, eu realmente estava gostando daquela doce delinquente, os meus planos para ela eram outros.

- Quais eram os seus planos?

- Não é da sua conta. – Minhas palavras rudes faz o Josh ficar vermelho de raiva.

- Esqueceu onde o senhor está? Está prestes a ser julgado, seu pedaço de merda.

- Tanto faz, está aqui para me interrogar sobre os assassinatos não fazer terapia. – Josh olha para Rubens que mantem os seus olhos na escrita.

- Então por que a matou tão covardemente?

- Ela tinha uma grande paixão por mim, por algum motivo, ela percebeu a isca que o Donny me enroscou e então, fez uma troca com ele, ela passaria as tardes me ajudando com o trabalhado e em troca ficaria de boca fechada em relação ao assedio imoral. No lugar dele, comecei a me deitar com ela. Mas infelizmente, no dia em que

matei Donny, Peter insistiu que ela saísse com ele e Beth voltou antes do combinado. Encontrando o seu amante perfeito matando o seu professor de medicina.

- Matou ela só por que ela era uma testemunha? Por que não chantageou ela? - Josh quer entrar no meu raciocínio e eu o deixo.

- Porque a sua mente era fraca. - Digo me encostando na cadeira. Meu olhar ficando distante pela a lembrança, eu não tive prazer em matá-la. - Ela era uma moça forte, mas o motivo dela se esconder de mim por dois dias e como ela se assustou quando me viu iria transformar o nosso relacionamento doce em um toxico. E eu não brinco dessa maneira. - Volto minha atenção para Josh.

- Como a matou?

- Primeiro me aproximei dela, como Beth havia desaparecido por mais de quarenta e oito horas, precisava saber o que se passava em sua mente para tomar a iniciativa de tal ato. Então eu seduzi ela, a levei para a sala mas próxima, era o depósito do zelador e lá dentro eu a tranquilizei e injetei ar em sua veia arterial também, vi os seus olhos rebeldes ficarem serenos... - Sorrio aberto e pela segunda vez Josh demonstra nojo.

- O senhor é um monstro. - Josh xinga e eu paro de sorrir, pelos cantos dos olhos vejo Rubens olhar rapidamente para o delegado, eu acredito que esse homem seja novato e essa é a sua primeira sessão com um assassino e ele não esperava tanto xingamento pessoal em um trabalho que demonstra tanta responsabilidade.

- Oh. - Puxo meus lábios entre os dentes, minha voz baixando. - O senhor me ofendeu, quer dizer, me ofenderia menos se...- Me inclino sobre a mesa sustentando o seu olhar ferozmente. - O senhor não fosse um monstro pior que eu.

- Como é? - Bill está com uma ruga no meio das sobrancelhas e então eu brinco com a algema em meu pulso.

- Ah, não finja que é uma vítima, Carmelita pode ser muito linda, mas um pai abusar da própria filha é repugnante.

- Como ousa falar assim comigo? Sabe onde você está? Seu pedaço de lixo! - Josh está rosnando, suas mãos agarrando fortemente a barra da mesa, Rubens está apavorado, seus olhos grandes e braços rodeando o seu caderno.

- Eu estou no seu lugar, te garanto. - Digo pacificamente. - Eu gostaria de saber se o seu abuso era mental ou físico, pois, imagine, uma bela moça é criada trancada dentro da sua casa, sua vida inteira ouvindo que nunca iria encontrar alguém que a amasse e que ela é feia, tão feia, que todos a abomina...

- Eu não admito isso! - Josh bate sobre a mesa, o escriba pula e eu já esperava a sua reação.

- Eu imaginava que seria pior... - Passo o dedo pelo meu lábio inferior. - O senhor abusava sexualmente também, passava a mão em seu corpo e quando ela recusava o toque o senhor a machucava.

- Eu não vou ficar ouvindo isso, Rubens, terminamos por hoje! - Josh se levanta da cadeira, sua expressão raivosa e se segue para a porta de saída.

- Saiba que eu não fiz nenhum mal a sua filha, ela pode ter transtorno alimentares, eu cuidei e a alimentei na boca, mas como não estarei mais por perto pode ser que ela volte a vomitar após a refeição. Como eu fiz o mal e irei pagar, e sugiro que o senhor também deve. - Bill segura a maçaneta da porta com tanta força sua mão está vermelha. - Eu vi os machucados em Carmelita, não se agride uma mulher indefesa, farei questão de me vingar do senhor, xerife Bill.

- Rubens, escreva que Alexandre ameaçou e desacatou o seu delegado. Estarei comunicando o juiz para o tribunal logo amanhã pela manhã.

- Ainda, digo... - Rubens fadiga. – Com a sua licença, temos que terminar o interrogatório. - O xerife me olha, seu olhar transmitindo faíscas de fogo perto da minha calmaria.

- Enviarei alguém, nessa sala eu não fico. - Dito isso, Josh saiu apressado da sala, sua respiração ofegante por ser descoberto tão plenamente, eu só tinha dúvidas, mas após a sua linguagem corporal, havia certeza do que a doce Carmelita havia sofrido durante anos.

sorrio para Rubens, que não retribui o meu gesto, dos seus lábios saem apenas a boca aberta mostrando metade dos dentes. Em certo período quando o dia está clareando, um policial entra na sala retomando a sua interrogação, ele se apresenta como Felipe Davis, percebo em apenas a sua apresentação que o seu juízo é alto o suficiente, prontamente profissional, escolho ele para fazer a minha justiça.

- Senhorita Bill despareceu semanas após o velório da senhorita Farty, em seguida, dias depois, o senhor Farty, foi encontrado morto em um lado da floresta que não estava no planejamento de busca, o senhor o matou?

- Sim. - Digo suavemente.

- Poderia me dizer como exatamente aconteceu os fatos desde a morte de Beth? - Felipe é grisalho, seu cabelo penteado para o lado de modo casual, seus olhos são negros e seus lábios finos estão ressecados, talvez o frio esteja te prejudicando.

- Eu fui chamado para passear no pippo's coffe, estávamos Peter e as senhoritas Berlim e Gracie, incluindo Carmelita. Notei que a senhorita Bill não havia comido nada e em certo momento saiu, eu fui atrás dela e a encontrarei passando mal atrás do estabelecimento, quando me aproximei, percebi que ela estava vomitando, simplesmente tentei acalmar-te.

- Sequestrando-a? - Felipe pega um cigarro no bolso do seu uniforme, logo em seguida desliza em seus lábios e o liga com um fósforo, ele traga o tabaco longamente.

- Não, Carmelita me pediu para visitar a minha residência. - Felipe solta a fumaça, seus olhos distantes.

- Interessante, prossiga. - Felipe soltou a fumaça novamente e estende o cigarro, agradeci, pegando o tabaco em mãos e o tragando lentamente, Davis me observou prontamente.

- Entramos na minha residência e após ela observar o local, deu em cima de mim, retirando a sua roupa e subindo em meu colo, estava tudo bem até, porém, logo percebi o seu corpo machucado quando retirou o seu corpete.

- Como assim machucado? - Felipe indaga, suas sobrancelhas se enrugando. Joguei a isca.

- Chupões, por cima de suas costelas, apertos de mão por sua cintura, sua pele é alva, estava nítido, aquilo era maus tratos. Na hora eu me distanciei, precisava saber o que estava acontecendo. - Felipe observou Rubens anotando e depois assentiu, confirmando a continuação. - Em seguida eu a segurei no lugar perguntei se ela me deixasse cuidar da sua pessoa, ela concordou, então a forcei no colchão, segurei os seus pulsos e pedi que fizesse silêncio. A principio ela riu, mas, soltei o meu suspensório e prendi os seus pulsos juntos e com uma fivela amarrei a sua boca...

Carmelita não se desesperou, descobrindo recentemente que havia uma certa confiança treinada em meus olhos. Depois a perguntei quem havia feito aquilo, sugeri que fosse um amante, ela negou, mas quando disse que era alguém próximo, seu olhar ficou vago, eu a acariciei com ternura, minha pergunta sendo tão dura que seus olhos lagrimejaram, ela sacudiu o seu corpo e eu a segurei firme no lugar. Foi quando Carmelita percebeu que não tinha mais para onde fugir, eu a tinha pego.

Sussurrei em seu ouvido que iria cuidar de si, então, tirei a sua roupa e coloquei outra de tecido mais leve, em seguida, a levei para o quarto onde possuía uma chave escondida. O quarto era um laboratório de plantas de minha avó construiu antigamente, ela usava como um lugar secreto e desde a sua incapacidade de se movimentar, minha mãe preferiu não invadir a sua propriedade. Portanto, Carmelita não passou frio, mas admito ter deixado ela amarrada nos três dias seguidos. No segundo dia, tentei a alimentar

e ela gritou, chorou e pediu por socorro, eu saia do quarto para que ela pudesse comer, mas quando entrava percebia que estava tudo no chão, vomitado.
Foi no quarto dia que ela ficou mais calma, simplesmente, pegou confiança total em mim quando viu que eu não iria fazer-te nenhum mal. Carmelita começou a realmente me deixar cuidar da sua pessoa, aos poucos ela foi se abrindo, dizendo como o pai dela não deixava sair quando mais nova. Como testemunha tem a sua mãe, trancafiada como a filha, aceita os abusos do marido em troca ficar livre de um tapa. - Soltei a fumaça pelo o ar, Felipe estava fechado, seu olhar distante, eu sei o que passa pela sua cabeça, todas as vezes que Josh foi suspeito, foi assediador e paranóico. Peguei o peixe.

Relativamente, esse não é um conto apenas meu, mas é o meu show, onde eu sou a peça principal.

- Peter Farty. - Ele diz e eu devolvo o seu cigarro, olho para Rubens que tem os seus olhos arregalados para mim, ele se assusta quando eu o encaro e volta a olhar o seu caderno.

- Peter era o meu melhor amigo, mas, após a morte da sua irmã, ele começou a ficar menos chapado e mais iinteligente. No dia da sua morte, eu disse ao meu grupo que iria procurar Carmelita pelas redondezas, disse que iria para o norte, mas dez passos depois, segui para o sul, onde ninguém iria, andei por vinte minutos e distante o suficiente me sentei para descansar. Peter me encontrou, provavelmente procurando até por baixo de uma caixa de papelão, ele desconfiou da minha pessoa e esperto o suficiente para se tornar uma pedra em meu sapato, acabei por encurralar ele antes de ser pego, eu preenchi a sua veia com ar, como os outros.

- Onde encontrou a seringa?

- Andava comigo, como maníaco, já sabia o que ia acontecer e previ o momento. - Gargalhei ironicamente, os olhos do policial treinado em minhas expressões.

- Sua avó, foi o senhor quem a matou?

- Sim, ela poderia falar a qualquer momento, uma testemunha fiel, ela me viu com Carmelita. - Mordi os meus lábios, Anna era mais que testemunha de sequestro, mas ainda não estávamos prontos para discutirmos essa parte.

- Seu caso é bem intenso, se arrepende? - Felipe pergunta, seu olhar é de simpatia. - O senhor veio de uma família independente, jovem, bonito, com bons estudos. Por que tanta violência?

- O senhor já respondeu a sua própria pergunta. - Digo lambendo os lábios, meu queixo descansa novamente em minha mão. - Eu era igual a todos, minha vida era igual a de todos e eu quis mudar, veja agora, sou completamente diferente do meu eu no ano passado. - Sorrio.

- O senhor possivelmente irá ser culpado e sua sentença será a morte.

- Tudo bem, quero que a justiça seja feita. - Segurei o olhar do policial. - Aqui se faz e aqui se paga com a mesma mercadoria. Pelo menos saberei que fui aquele entre todos que jamais ninguém desconfiaria, se fui descoberto foi porque eu quis.

- O senhor foi descoberto por que quis? – Felipe franze as sobrancelhas e afirmo.

- Exatamente, eu abri pequenas brechas para encontrarem um assassino.

- Só me responda uma pergunta. – Felipe mordeu os lábios secos. – Em alguma vez na sua vida o senhor disse a verdade? Nem que seja para o senhor mesmo?

- Não. – Neguei com a voz baixa. – Tive que mentir até para mim mesmo para que alcançasse o que pretendia fazer futuramente.

No dia seguinte como planejamento de Josh, eu fui encaminhado para o tribunal, vi Robert e Jeny sentados nas cadeiras, o pingo de esperança no olhar da minha mãe ao testemunhar poderia cortar o coração de qualquer um.

- Meritíssimo, eu nunca o vi fazer nada de errado. Ele sempre foi o meu filho... - Ela chorou, se perguntando o porquê de eu ser desse jeito.

- Ele era um pouco diferente, seu olhar, sua percepção, sua maneira de pensar e agir, mas nunca imaginei que fosse um psicopata. - Meu pai estava duro, seu olhar distante como um abismo.

O juiz bateu o martelo, sua voz soou por todo o local, frio e calculista. Mas não mais do que eu.

- Culpado, decreto pena de morte, que o mandato seja feito imediatamente. - Sorri com sua decisão, não posso esperar o contrário.

- Com a sua licença, meritíssimo. - Digo alto para todos ouvirem. - Concordo com a sua decisão, mas, peço que seja adiado para amanhã às duas horas da tarde.

- Com que direito?

- Eu irei dizer onde está o corpo de Poliana Tristan, uma jovem desaparecida e o seu querido feto bastardo. - Causo o alvoroço no tribunal, vejo o quanto essa notícia pegou todos de surpresa. Não demonstro felicidade, não é hora de cantar.

- Permissão consentida. - O juiz diz batendo o martelo. - Interrogue-o.

- Não pode fazer isso! - Josh intervi, sua raiva transparecendo pelo o tribunal em meio a bagunça.

- Eu faço o que quiser, levem o criminoso.

sorrio levemente para Josh, ele sabe que eu não me esqueci da sua vingança e mesmo que eu vá ser morto, ainda irei te levar para o inferno comigo.

CAPITULO XVIII

Quando se tem algo em mente, você luta pelo seu direito, pela sua igualdade e pela a sua vitória, sabemos nossas consequências e mais ou menos como será a nossa estrada. Todas são rochosas, estreitas e absurdamente doloridas, ainda mais quando seus pés estão descalços e você tem que pisar em cacos de vidros. Mas no final, exatamente no último parágrafo, podemos ver o nosso caminho percorrido, alguns vão olhar o seu sangue e dizer como és um guerreiro, outros vão olhar como mais merecido e eu só consigo olhar como apenas uma ponte.

Uma ponte direcionada para o destino cruel ou suave, só imagino coisas neutras. No meu ponto de vista, imaginar algo que está longe dos seus pés é insano, não se pode mudar todo o seu futuro, mas você pode escolher o chão em que pode pisar. Eu escolhi o meu desde pequeno, quando escolhi que meu pai poderia ser inteligente e educar uma criança normal plenamente, que, minha mãe era boa e amigável e poderia depositar toda a sua confiança, seu filho iria ser gentil o suficiente para cuidar da sua velhice. Entrar para a faculdade me mostrou que eu não era normal, minha vida se tornou algo manipulável. Um boneco. Uma marionete.

Eu previ os meus movimentos e sorri com cada vitória, meus pés não sagraram na minha estrada, eu calcei sapatos de solados caros e manipulei um tapete felpudo para suavizar o pisar nos cacos de vidro.

Tudo fez parte da minha trajetória, como previ, como quis, como batalhei para ter. O senhor ou a senhora que estiver nessa parte agora, pode estar rindo de mim, ou, desapontado com minha reputação, pois meus pés estão tentando acompanhar os passos apressados dos policiais ao meu redor, eu vou a um julgamento mortal no dia seguinte. Por tanto, meu sorriso ainda está estampado em meus lábios, minha vitória ainda não foi concluída, mas o meu processo está quase em fase final.

Sou posto em uma cela solitária, há um policial vigiando a saída. Minha garganta está seca, deito de costas contra a cama de colchão

fino e duro e fecho os olhos, eu escuto o balançar das chaves da minha cela no bolso traseiro de um capacho da justiça.

- Espero que não se importe com a minha voz. – Digo alto. – Meu último dia na terra, os senhores vão me ver cantar a noite toda!

Aos bastardos eu digo, quando se entra na vida do crime, a sua vida não tem sentido, você pratica o mal e pensa no mal. O bem se esconde e sua áurea fica escura como as trevas, tem volta, sempre temos uma chance de se arrepender dos nossos pecados. Mas ainda não é a minha hora de aceitar a salvação. Dou risada, a noite será tão longa como um ovo sendo chocado.

***

Acabo de recitar o alfabeto grego pela terceira vez, a primeira vez foi da primeira letra até a última, o segundo da última a primeira e o terceiro apenas as consoantes. Observo o policial morder os lábios e então, vejo uma movimentação no final do corredor. Ouço a voz de Robert e reviro os olhos em antecipação, nosso último encontro, devo me preparar para o ato. Me levanto da cama quando Robert aparece do outro lado das grades, Jeny ao seu lado, seus olhos inchados de sono e choro, não sorrio, ela não merece tanta angústia.

- Robert e Jeny. – Cumprimento.

- Vou deixar conversarem, qualquer coisa é só chamar, senhores. - O policial faz a cena e quando estamos sozinhos, Jeny se agarra a grade com as duas mãos, seus olhos são como o fogo do inferno.

- Maldito! O que pensa que está fazendo dessa sua vida imunda? Assassino? Meu filho que criei com tanto zelo é um maldito assassino miserável! – Jeny diz rudemente, mas consigo ver a decepção escorrendo pelo seu rosto, o amor de mãe é eterno. – Por que? Por que fez isso? Eu só preciso saber o que te levou a fazer essas coisas com a sua vida, com a vida dos seus amigos, da sua avó, Poliana! Ela estava grávida? O que fez com ela? Eu quero te esganar agora!

- Jeny, querida...- Robert segura os pulsos de Jeny, suas mãos estão segurando o ferro fortemente, tanto que seus dedos estão brancos. Sua voz cansada mostra o quão abalado está. – Me aproximo da grade rapidamente, minhas mãos envolvendo as suas, minha mãe arregala os olhos e eu sustento o peso deles enquanto me encara, consigo sentir o seu cheiro de medo e tristeza, um cheiro azedo que me faz torcer o nariz.

- Não é sua culpa. – Digo e em meio segundo as mãos de Jeny desliza para longe, seu medo substituindo para a raiva.

- É claro que não é minha culpa! Você é um monstro! – Robert abraça Jeny, como um cão protetor. – O que fez com a Poliana? – Jeny pergunta novamente.

- Ela queria se casar comigo, pois segundo ela, eu a engravidei. – Olhei para Robert. – Mas nunca ejaculei dentro.

- Alexandre! – Robert me repreende quando Jeny faz uma careta. Levanto as sobrancelhas divertido.

- Digo a verdade, possuía uma relação com ela a bastante tempo para saber que me traía com um e com outro. No dia em que ela me pediu para casar, eu a matei no meu quarto, a fiz de cobaia para ver se o meu modo de assassinar deixava marcas pelo o corpo ou não. Foi a minha cobaia perfeita. – Jeny nega com a cabeça, o remorso passando em seu rosto.

- Por que fez isso, Alexandre? – Robert pergunta.

- Porque eu quis. – Eles não estão satisfeitos com minha resposta e eu também não, me aproximo da grade até que meu rosto esteja encaixado no quadrado de ferro. – Minha vida era tão entediante que eu não surpreenderia nem com um animal voando no espaço. Meus pais de classe média, meus avós praticamente mortos, minhas notas altas o suficiente, garotas atrás de mim, um melhor amigo na faculdade. Minha vida era normal.

- Como a que qualquer ser humano batalha para ter.

- Por isso mesmo, eu cresci, ia estudar até conseguir um emprego com qualidade estável, iria me casar, ter filhos e morrer de velhice, mas mudei os meus planos.

- Pra que? Para morrer jovem e criminoso? – Ele pergunta e eu nego com a cabeça.

- Para a vida ter sentido. Serei lembrado daqui a setenta e poucos ano, já o senhor? Quem será?

- Serei um homem de pena e consciência limpa. – Reviro os olhos estalando a língua.

- Não me agrado dessa ideia. Tenho outros planos. – Sorrio plenamente e Jeny chora.

- Você vai morrer seu bastardo arrogante! – Jeny grunhe. – Por que é tão importante morrer?

- Meus pais, suas perguntas são estressantes, eu fiz o meu destino, eu quis assim, já sabia da minha consequência. Não me importo com a lamentações dos senhores. – Digo alto e olho novamente para Jeny. – Sinto muito, espero que consiga ter outro filho, a senhora é boa e não merecia ter gerado alguém como eu, é compreensivo. – Olho para Robert. – Eu fico feliz que ao menos sei que vão ficar juntos, se consolando, obrigado Robert pela minha educação. - O lábio de Robert treme e ele morde rapidamente.

- Alexandre.

- Eu nunca amei os senhores, mas sou grato. – Olho para em seus olhos tranquilamente, foram bons momentos naquela casa. – Eu sou como a Kalmia Latifolia, louro da montanha. – Jenny chora, seus ombros balançam com penar. – Eu sou bonito, posso ser até delicado como as flores brancas e rosadas que nasce no final da primavera, mas por baixo desse meu exterior belo bate o coração de um assassino. A kalmia latifólia possui duas principais toxinas, uma é a arbutin e a outra é andromedotoxina, essa por último causa simultaneamente um efeito que o coração bate perigosamente rápido e... Muito devagar também. – Respiro fundo, suavizando o

melhor que posso meu olhar, meu pai está horrorizado. – O resultado é um ataque cardíaco, morte rápida e sem sujeira de sangue.

- Ale... – Meu pai perde as palavras, seus olhos não aguentam a sua masculinidade possessiva e começa a expulsar lagrimas.

- Senhores, a visita acabou, peço que se retirem por gentileza. – Outro policial diz ao voltar, esse é mais novo, olhos duros e concentrados, meus olhos vão para a janela do departamento, o céu está escurecendo com a noite, tempo o suficiente para o meu próximo passo.

Jeny e Robert me olha, a lamentação é palpável, decepção e culpa, então, eu sorrio levemente, aqui parece um enterro, sinto até o gosto do luto.

- "O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte." – Digo, assim que meus pais me deixam sozinho com o guarda policial novamente. Me aproximo do homem fardado. – Friedrich Nietzsche acreditava na potência humana, na vontade de poder como uma maneira de... Como é mesmo? – Mordo os lábios. – "Viver a vida como uma obra de arte." – Sorrio com a rigidez do guarda.

No dia seguinte, por volta das uma e vinte, vejo o quinto sinal que o guarda está cansado, irritado e com sono, seus olhos estão piscando lentamente, sua respiração está pesada e seus lábios sagram de tanto ele morder. Ele não está mais em si.

- O ano era 1930, quando pessoas começaram a se suicidar com mais frequência. – Digo, minha voz está rouca, falei por mais de dezesseis horas. – Conhece Billie Holiday? Conseguiu ganhar uma reputação após cantar gloomy sunday.

- O senhor poderia calar a boca por um minuto? – O guarda é ousado, encosto minha cabeça na grade fria, sua voz está chorosa, vejo seu queixo tremer.

- Não. – Sussurro. – Gloomy sunday... Sunday is gloomy... – Canto, minha voz falhando, mas a letra está certa, vejo como o corpo do guarda dói, como ele engole asperamente, as chaves da minha cela estão em seus bolsos traseiros, o seu relógio de pulso marca uma e vinte e oito. – O cheiro do senhor está desagradável, estou em uma cela trancada, não vou fugir em minutos, faça uma higiene.

O guarda me olha surpreso e resistente ele sai apresado para o final do corredor, impressionante como o cansaço mental pode acabar com as barreiras de sanidade de alguém. Desde de quando um policial se importaria com a opinião de um preso? Estalo a língua com a facilidade que consegui sumir de perto.

- Alexandre? – Eu ouço sua voz doce e baixa, meus lábios se erguem, meus planos se batem como descritos, estou extasiado, excitado. Me viro lentamente, sua pele está pálida e suada, seus cabelos grudados e bagunçados, seu corpo está envolto de uma camisola branca de tecido fraco, suas pernas e braços tem feridas e pequenos machucados.

- Carmelita. – Digo, meu olhar penetrando no seu, ela está tão assustada.

- Alexandre! – Carmelita se joga contra grades, suas mãos entrando pelos quadrados para tocar em meu corpo, seguro suas mãos, elas estão frias e trêmulas. – Meu, meu amor! – Ela chora silenciosamente.

- Querida, tenha calma. A senhorita fugiu? Estava no hospital? – Pergunto suavemente enquanto acaricio sua mão, ela assente repetidamente, sua pupila está mastigando as cores.

- Sim, eu. Eu não posso mais voltar! Alexandre, meu pai, ele está pior. – No nariz da Bill escorre ranho, desce até os seus lábios e ela não se importa, tem assuntos maiores para tratar, está completamente insana.

- Como entrou?

- Eu cresci aqui, sei todos os pontos dessa sarjeta imunda. – Carmelita segura minhas mãos perto do seu rosto, seus lábios gélidos e secos beijando minha pele. – Consegui fugir assim que a noite caiu, as enfermeiras pensaram que eu estava dormindo, vim pela floresta. Alexandre o senhor não merece estar aqui, o senhor me salvou!

- Carmelita. – A chamo, mas seus olhos estão distantes. – Carmelita! – Quando tenho sua atenção, sorrio gentilmente, me encostando na grade, ficando próximo, mesmo estando suada, ainda sinto o seu cheiro doce. – Eu não sou bom, mereço estar aqui, eu matei pessoas, te sequestrei e coloquei a em cárcere privado.

- Eu quis!

- Não fale asneiras! – Respiro. – Eu pagarei pelo o que fiz e a senhorita se cuida, não deixe que ninguém toque do jeito que aquele homem toca, faça justiça, não mereces passar por isso.

- Por favor... – Ela chora docemente. – Não posso te ver partir, eu te amo.

- Como pode amar alguém como eu? Um assassino sequestrador que não se arrepende dos seus erros. – Suas mãos apertam a minha, sei que falta menos de quinze minutos para ser duas da tarde.

- O senhor foi diferente comigo, cuidou de mim, me protegeu... Eu te amo, sempre amei! Não posso enfrentar meu pai sozinha, preciso do senhor!

- Isso não pode ser normal, minha querida. – Seguro em seu rosto, rapidamente sua pele fria se aconchega em minha mão. – Não pode simplesmente dizer que me ama, eu sou um monstro, fiz o mal, como consegue me olhar com admiração?

- És a única coisa que eu tenho, se partir, ficarei só e me matarei. Faço qualquer coisa por ti, só fique comigo. – Eu sustento o seu olhar, ele está determinado e essa foi a garota que eu criei. Aliso o seu rosto, sua bochecha está cortada, ao redor está criando uma

tonalidade na cor roxa, precisa de cuidados imediatamente se não pode infeccionar. Desço minha mão pela sua nuca e seguro gentilmente ali, puxando a para frente, até que nossos narizes se juntam.

- Então mate o guarda que está voltando e pegue as chaves no bolso dele. Me tire daqui e eu prometo que cuidarei da senhorita até os meus dias terminal.

- Matar? – Carmelita fica rígida e eu seguro firme a sua nuca. Com minha outra mão, alcanço o meu cinto e abro a fivela, seus olhos não desgrudam dos meus até que eu entrego o objeto em suas mãos.

- Só tem uma chance, o guarda está no banheiro. Estrangule ele com isso, pegue o por trás. – Suas mãos agarra o cinto como se sua vida dependesse disso, ela morde os lábios. – Tem apenas sete minutos até o seu pai chegar com a cavalaria e me enforcar na praça. Eu acredito na sua força.

Carmelita assente freneticamente ao meu incentivo, seus pés correndo para onde deve estar o banheiro, passo a mão entre os meus cabelos. Se passa quarenta e seis segundos antes de ouvir o primeiro murmuro de morte, após o barulho de vidro quebrando, depois se passa cento e vinte e dois segundos para Carmelita surgir, suas mãos estão vermelhas, seu vestido branco pintado de vermelho carmesim puro. Ela abre a cela com as chaves, seu sorriso é de orelha a orelha, não sorrio de volta e quando ela se impulsiona para me tocar eu me distancio, rejeitando o seu toque.

- Alexandre?

- Está suja, fique aqui. – Digo, andando para o final do corredor e entrando no banheiro onde o corpo do guarda está largado no chão, o seu rosto coberto de sangue, um de seus olhos alfinetado por um pedaço de vidro. Reviro os meus ombros agoniados, nunca gostei da cor vermelha. Observo ao redor, o espelho está quebrado, os cacos se misturando com o sangue ainda fresco, me concentro no armário, onde pego dois capuzes de outros policiais e ando

apressado para a cela, Carmelita está do mesmo jeito que a deixei, seu sorriso volta contagiante quando me vê.

- Pensei que ia me deixar aqui, que não me amava.

- Ei. – Seguro seu queixo entre meus dedos, levantando o seu rosto. – Eu irei cuidar da senhorita até os meus últimos dias na terra. És minha agora e ninguém vai conseguir nos separar. Ninguém. – Sustento o seu olhar fortemente para mostrar a minha palavra.

- Promete? – Carmelita segreda baixinho.

- Sim. Agora vamos, temos apenas alguns segundos para começar a nossa nova vida, eu e a senhorita. – Sorrio, passo o capuz pelo seu ombro fino, amarrando a corda em seu pescoço e me certificando que está toda coberta. Escuto o barulho da cavalaria pelo ao lado de fora, escondo o seu rosto por baixo do capuz e ficando atrás de si eu sussurro. – Mostre-me o caminho da saída.

Carmelita não responde, mas age, andando rapidamente para fora da delegacia, seu corpo passando por caminhos estreitos rapidamente e brevemente me levando para fora da sarjeta imunda.

***

Posso imaginar o olhar de desentendimento quando o delegado entrou na prisão, sua garganta ficando seca quando viu minha cela vazia, os seus guardas chegando para avisar que seu parceiro estava morto no banheiro
Consigo imaginar o seu rosto se contorcendo para tentar entender a minha ligação com a morte, os seus pensamentos correndo para onde a sua filha querida estava. Logo em seguida o seu pequeno batalhão chegando no hospital da capital e Josh recebendo a notícia que sua filha fugiu.

Eu sei que Josh não estava nem aí para as mortes, o problema dele foi quando eu raptei a sua filha, eu mexi em sua ferida e ele enlouqueceu.

Mas antes que me xingue dizendo o quão miserável fui, deixe-me relembrar que a salvei das mãos daquele homem. Carmelita foi criada trancada dentro de casa desde muito nova, Josh Bill se apaixonou pela própria filha e quando viu que Carmelita estava formando sua própria opinião e não podia simplesmente pedir a ela para sentar em seu colo, começou a agredir. Sua possessividade chegando ao limite de começar a afetar psicologicamente a filha dizendo o quão feia sua fisionomia era e dizendo que ninguém nunca iria a querer por isso, no final aproveitava da sua fragilidade para abusar sexualmente da garota.

Eu me vinguei de Josh, tirando o bem mais precioso das suas mãos, Carmelita não pensou duas vezes antes de concordar em vir comigo e eu vou cuidar muito bem dessa preciosa flor. Posso imaginar que Felipe levou ao juiz o seu depoimento dizendo que Josh assediava e estuprava a filha, o delegado possivelmente negou o seu ato, mas cansada de tanto tempo sofrendo, Nancy Bill aproveitou o momento de tristeza e apareceu para dar o seu testemunho. Josh Bill foi retirado do cargo e ficou sentenciado a ser preso durante cento e cinquenta anos.

Apoiei grandemente o novo cargo de delegado do Felipe.

Posso ver também como meus pais lidou com o meu final, ter um filho foragido não agradou a cidade, inicialmente nos dois anos, Jeny ficou assustada por qualquer barulho na casa grande demais para os dois. Após uma placa de vende-se na frente levou Robert e Jeny para uma casa no interior de Atlanta, meu pai começou a trabalhar em uma escola infantil de sua propriedade no celeiro e minha mãe abriu uma loja de flores rural e começou a criar de abelhas, vendendo o mel na vila do interior, nenhum dos dois voltando para Vine City e muito menos tocando no assunto do passado. O respeito deles cresceu, mesmo diante das turbulências, Jeny começou a cuidar de Robert e amá-lo com todas as forças, eles dependiam apenas do amor agora.

Fugi com Carmelita para o estado vizinho, em Carolina do sul, antes passando em casa para pegar todos os meus recursos que guardei

durante meu trabalho na floricultura, daria uma vida agradável a minha delicada mulher.

E na estação de trem, a caminho da próxima cidade, passei minhas mãos em seus, agora, cabelos curtos e ruivos, Carmelita sorriu minimamente, se aconchegando em meu ombro, seus olhos se fechando para descansar um pouco, olhei para a janela, a cidade passando rapidamente diante dos meus olhos. Beijei o topo de sua cabeça, não precisei falar mais, o futuro os senhores já sabem como foi...

Eu e minha Carmelita viveríamos uma longa vida.

CAPITULO FINAL

O veneno escorre pelos meus lábios, ele tem gosto de amora silvestre e é suave como seda e algodão, ele é viciante como açúcar e quanto mais eu tento limpar a minha boca e rejeitar-te, mais eu o quero escorrendo pela minha garganta, entorpecendo meus membros e silenciando minha voz por muito e muito tempo. Eu quero você adormecendo a minha pele, passando suas mãos pela minha cintura, me prendendo firme até meu ar faltar e os seus dentes marcarem o meu pescoço sensualmente.
Estou perdida fielmente em uma dança de folhas ao vento, meu corpo sendo levado em uma multidão de poeira, eu o sinto ao meu lado, me guiando e me dizendo o quanto devo me expressar para o mundo, sei que mesmo estando em silêncio, os nossos olhares conversam como almas ligadas, hipnotizado o meu ser inteiro como magia e me deixando cega de desejo pela a sua beleza.

Eu sei o quão cruel pode ser, como mata sem pensar e como caçoa com o seu destino. Você tem todos em sua mão, como uma peça de marionete, manipulando os seus pés e o seus olhares. Me sinto enojada quando penso que sou apenas uma boneca em sendo monitorada pelos seus olhos de águia. Sou apenas um coelho pendurada em sua boca de leão. Uma boneca que mesmo me mostrando que sou somente um brinquedo, me quis ao seu lado e cuidou como um bibelô de porcelana. Eu confio em você se quiseres fechar os meus olhos e me levar a um precipício.

O seu cheiro é como as ondas do mar, suave e salgado, seus cabelos são como a textura de uma flor, delicada. Seu sorriso é desafiador, sem medo, levanta as maçãs do seu rosto e seu olhar fica leve, olhando de longe parece tão inocente, como uma criança feliz. Suas mãos são firmes e decididas, não tremem e não possui sangue de pessoas, ele detesta a cor vermelha, elas só têm a marca de cada alma que foi morta. O meu coração sangra com a profundidade que eu o amo.

Sei que o escolhi por um motivo, a liberdade e carinho que depositou em meus ombros foi demais, eu conseguir voar e tocar o véu das nuvens como um pássaro livre. Você esperou até que chegássemos em outro estado para colocar um anel em meu dedo e me beijar calorosamente, eu nunca senti isso.

Alexandre. Alexandre. Alexandre.

Não sabia que ao querer tocar as nuvens teria uma consequência tão obscura. Te amar é como o suicídio, é como enrolar uma corda em meu pescoço e puxar até que perco o ar.

É bom. É ruim.

Eu vivo pelo o seu olhar como uma doente.

Eu vivo pela sua presença como uma dependente.

Eu vivo pelo o seu amor como uma maníaca suicida.

Tudo o que é bom para você, Alexandre, é como gasolina para o fogo.

Eu suporto o seu histórico de assassinato que só cresce a cada dia, mas em troca, eu tenho um marido amoroso, eu tenho o acolhedor da minha alma ferida.

Talvez eu nasci para sofrer esse terrível destino, ainda sinto como as palavras de meu pai perfuraram o ar dos meus pulmões. Como sua respiração grotesca e molhada umedecia a minha pele. Como os seus dedos se enrolavam em meus longos cabelos que o senhor

me proibia de cortar. Agora eu passo a mão neles, estão curtos, sem ondas e macios, me lembro do dia que ajudei Alexandre a fugir. De como estava tremendo ao quebrar o espelho da estação de trem e irregularmente cortar cada mecha de cabelo que me lembrava os elogios repugnantes do meu próprio pai.

Como Alexandre me encarou com seu longo olhar calculado por segundos infinitos, observando atentamente. Eu senti receio ao não ter nada para enrolar os meus dedos ansiosamente, mas, antes que eu tivesse tempo para explicar, vi o seu sorriso sem covinhas, senti as suas mãos acariciar meus cabelos recém cortados e sua voz mansa elogiar como eu estava linda, sua frase fazendo borboletas se curvarem em minha barriga.

Eu faria de tudo para ter a sua atenção apenas focada em mim.

Nosso amor seria tão puro e envolvente se não fosse as nossas vidas desprezíveis.

Eu me imagino escrevendo lhe uma carta, dizendo o quanto tenho sonhado com os seus lábios e você me responderia que nem mesmo o frio do inverno rigoroso poderia congelar o calor que seu coração sentiria ao me ver.

Como eu disse, seria uma bela história se não fosse obscura como a noite sem lua.

Faria de tudo para o ter comigo, mas não nessa vida.

Ouço a porta da frente ser aberta. Ele chegou. Ouço seus passos leves bater contra o carpete fino, sinto minha bile subir pela minha garganta, mas então, ela desce de volta. Coloco a caneta a tinta ao lado das minhas cartas escritas em meu nome. Sei que não preciso ter um sigilo porque isso é em vão, ele sempre vai saber o que faço.

- Olá, querida! – Alexandre cumprimenta e a sua voz me faz sorrir propositalmente, não consigo evitar a inquietação misturada com a agitação que surge em meu coração.

- Querido. - Alexandre se aproxima suavemente, sempre cauteloso, ele me beija na cabeça e coloca seus dois braços ao meu redor e suas mãos ao lado das minhas escritas. O calor do seu corpo me excita. Eu respiro fundo, seu cheiro inebriante me preenchendo e me deixando tonta, me fazendo flutuar. Oh céus, como eu amo esse homem.

Seus lábios tocam o meu pescoço e orelha, como um beijo de boca aberta. É simultâneo, eu me abro para ti como uma flor diante dos raios solares, levanto o meu rosto, dando-lhe o espaço que precisa para explorar o meu ponto fraco entre meu ombro e clavícula. Tão perto e tão perigoso.

Me use. Me use. Me use.

Eu sei que os seus olhos estão focados nos papeis que escrevi, mas pouco me importa, quero trazer-te para os meus braços agora mesmo.

- Você escreve tão bem... - Ele murmura, seu hálito quente arrepiando meus pelos finos da nuca. - Adoro ler como me enxerga. Eu escreveria sobre você também se o meu tempo não fosse tão ocupado. - A sua mão sobe pelo meu ombro direito e lentamente faz uma massagem ali. Quero suas mãos em outro lugar. Não consigo segurar o pequeno som que faço e fecho os olhos sentindo minhas bochechas queimarem.
- Eu posso dizer pessoalmente, no entanto. É incrível como você é receptiva, diz ter tanto medo de mim, mas fecha os seus olhos como uma gatinha manhosa.

Respiro sôfrega quando Alexandre segura fortemente os meus cabelos, me inclinando para trás, me obrigando a olhar em seu rosto. Seus olhos são sempre os mesmos, equilibrado e cuidadoso, sua respiração mediana e controlada. Como uma máquina, eu adoro o seu mistério.

Adoro o seu rosto bonito, como você me observa com os seus olhos com a cor de avelã e canela, como as suas sobrancelhas grossas se levantam com perspectiva, detalhando o seu rosto bem

desenhado e como a sua boca, tão rosada e macia é convidativa, dizendo-me a todo momento para beijá-lo, adoro como os seus cabelos escuros contorna o seu rosto perfeitamente, como os meus dedos se enroscam em cada fio suave.

Adoro me perder em você.

Ele sorri, ele sabe os meus pensamentos.

Eu engulo a seco quando deslizo os meus olhos para o seu pescoço, ele está metade coberto pelo o colarinho da sua camiseta social e ali onde exposto, exibe em vermelho carmesim uma marca forte de batom. Vejo ele levantar as sobrancelhas, meu olhar de desapontamento é visível.

- Não fique triste ou zangada. Ela já se foi. - Seus dedos passam pelas laterais do meu rosto. - Ela não escutou quando eu disse que era casado, insistia que eu estava atraído por ela, sua morte foi tão inesperada. Mal conseguiu fechar os olhos.

- Alexandre... - Digo com a voz calma, ele começou a me contar caprichosamente sobre os seus casos de morte após saímos juntos de Georgia. Desde então, nos mudados de lugar a cada dez ou quinze mortes, ou, quando a polícia começa a desconfiar que há um assassino. Até agora nos mudados seis vezes, essa é a sua quadragésima oitava morte. Senhorita Stella, nossa vizinha acaba de deixar dois filhos, um cachorro velho e um marido amoroso de luto. - Está com fome? Preparei um ensopado. - Alexandre trabalha como oboticário local, ele usa sua inteligência e aprendizado da natureza ao seu favor, nunca deixa nada faltar em casa, sempre andando charmoso e bem vestido, comprando roupas caras para eu também andar bem vestida e mostrarmos para os outros que somos um casal de viajantes felizes e bem financeiramente.

- Não vou comer. - Ele conclui, seus dedos gelados sobem para sentir a minha veia arterial pulsar.

- Por qual razão? Fiz especialmente para você. - Seu sorriso é aberto, me mostrando os seus dentes brancos e retinhos, sempre

gostei de como seus caninos era maiores, fazendo parecer um pequeno gato.
Alexandre se inclina para beijar o meu pescoço novamente e eu lhe dou mais espaço.

- Você é tão ardilosa, tão perigosa. - Ele diz. - Seu nível de psicopatia está tão acima do meu. - Alexandre gargalha ricamente. - Mas se queres me matar, use sua ousadia, não vou ficar tomando sopa envenenada com ervas. - Respiro minimamente, seu sorriso me faz cócegas. - Minha garotinha.
Os seus lábios são doces contra os meus, sinto falta do seu calor quando se afasta de repente, levando consigo minhas cartas escritas. - Arrume suas coisas, Carmelita, vamos sair antes do sol raiar.

- Alexandre, eu não quero me mudar agora. – Digo, pois, acabo de começar a me acostumar com alabama, o seu estado rural não é tão bom quanto o estado passado. Observo Alexandre aproximar minhas cartas de uma lamparina acessa e sem pensar duas vezes, aproxima-la do fogo, a fumaça preenche o ar, ele sopra as cinzas de frente ao seu rosto e faz beicinho sobre a minha birra.

- Eu também, meu amor. Mas aqui não tem como ficarmos mais, ouvi boatos sobre o farmacêutico da cidade e sua esposa bonita estarem assassinando pessoas. – Ele me observa quando o papel simplesmente some em suas mãos.

- Desde quando ouve fofocas?

- Desde que o policial da cidade veio me fazer perguntas suspeitas essa manhã. – Alexandre afrouxa a gravata, ele sempre está tão confortável. – Então minha garota, arrume suas coisas decentemente. Irei preparar o nosso jantar sem veneno. – Sorrio confirmando, não tem porque desmentir o seu palpite sobre o caldo envenenado, ele tem uma certa razão sobre isso.

- Podemos ir para Nova York? – Pergunto e Alexandre faz uma careta indecente.

- Passamos em Pensilvânia primeiro, pode ser? – Confirmo e ele pisca sensualmente antes de sair da sala.

Oh meu doce amor assassino, sei que minha sentença de morte já está confirmada, assinada com o meu nome de bom grado. Não tenho receio de entrar na sua brincadeira, ambos prontos para ser assassinado a qualquer instante, no final ganhando aquele que tem mais tolerância psicológica para livrar o seu amor verdadeiro dessa escravidão torturante. É perigoso, excitante, como um jogo de escape, uma hora alguém será pego. Sei que tens a minha vida em suas mãos e que pode acabar com ela a qualquer segundo, mas, eu te garanto, antes de você comer o meu coração eu farei o seu parar de bater em seu peito.

E essa é a minha promessa para você, meu salvador assassino.

Agradecimentos

É com muita felicidade que eu declaro você como uma testemunha desse amor nunca contado antes, eu admiro você por ter conseguido chegar até o final dessa história e... Que longo suspiro posso dar agora.

Escrever esse livro foi muito importante para mim, eu não vou mentir que a aceitação dele não foi uma das melhores, o meu receio de escrever um enredo que envolvesse uma relação completamente toxica me fez repensar mais que o normal sobre a sua publicação, no final como não podia mudar o trajeto de vida dos personagens, apenas tive que aceitar e enfim, não podemos postar algo que agrada todo mundo. A execução desse livro foi de acordo com os meus planos, em meios de altos e baixos, vontade de desistir e vontade de insistir, felizmente o final chegou.

Ao longo da história percebemos traumas, distúrbios, desfechos que não foram terminados com um ponto final e sim com uma longa reticencias e um final adequado para suprir os nossos desejos superficiais. Querido leitor, eu gostaria de agradecer pelo o apoio e

dedicação no desenrolar da história, sem você o final nunca teria sido concluído. Você estará eternamente no meu coração!

Espero te ver em breve com uma nova surpresa. Até lá, cuidem-se.

Atenciosamente Sarah.